ANNO XXIX
NUM. 1.551

O MALHO

Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1930

Preço para todo o Brasil 1$000

O Retardatario

JECA: — O' seu bobo! Você não vê que a época de soltar balão já acabou?

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA

é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director - Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignatura — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão aceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — T... 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio Telephones: Gerencia: 3-9635. Escriptorio: ... Directoria: ...46. Officinas: 8-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Caval... Feijó, 27, 8° andar, salas 86 e 87.

ANTONIO PARREIRAS E SEU "ATELIER"

(De ADALBERTO MATTOS DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Um atelier que sempre nos seduziu foi o de Antonio Parreiras. A seducção vinha de longos annos. Desde 1900, quando habitavamos na vizinha cidade de Nictheroy. Frequentemente viamos o artista, um bello typo de homem: grandes cabellos, barba nazarena e movimentos desembaraçados, sobraçando sempre a caixa das côres, ou então acampado sob um grande guarda sol, a pintar as pedras da "Itapuca", do "Indio", do "Canto do Rio" ou os vagalhões da praia das "Flechas". Já admiravamos o pintor naquella epocha. Com os olhos bisbilhoteiros, devastávamos a sua officina, alli mesmo na rua Tiradentes, onde ainda hoje se acha; era mais modesta não tinha o aspecto actual que é por assim dizer o de uma colonia em miniatura. Naquella porção de montanha o grande paysagista reune tudo que lhe é caro: a sua residencia, o atelier e as casas de seus filhos, D. Olga e Dakir, tambem pintor.

Varias vezes premeditámos surprehender o velho mestre na sua officina na sua vida intima de homem; porém, sempre um contra tempo qualquer se antepunha aos nossos projectos.

Uma manhã de Domingo, resolvemos visitar o artista; partimos, sem o menor aviso. Impertinentemente, uma chuvazinha miuda cahia, garantindo-nos que o pintor estava em casa. Durante a travessia o tempo desanuviou-se, o céo, pardacento pouco a pouco tornou-se transparente e o sol, rasgando uns farrapos de nuvens, entrou a acariciar, com volupia requintada, a crista espumarenta das maretas, que as grandes rodas da barca atiravam para os lados e que se bifurcavam, atraz do leme, formando uma infindavel esteira, pintalgada de prata... Ao chegarmos a Nictheroy, um sol radioso alegrava tudo; as ruas, as casas e as arvores, lavadas pela chuva de quinze dias, recebiam o abençoado calor e a belleza da sua luz. Um bonde do "Canto do Rio" conduziu-nos até á casa do pintor. Um vago receio dominou o nosso espirito: aquelle sol alegre podia ter convidado o artista a sahir, podia tel-o seduzido a ir pintar qualquer cousa fóra de casa...

Felizmente foram infundados os nossos receios.

Ao chegarmos deante da casa do artista, vimol-o na varanda, conversando com o Manoel, sympathico funccionario da Escola de Bellas Artes; vestia um amplo camisolão branco e segurava um punhado de pinceis. Ao ver-nos, o artista correu ao nosso encontro com visivel satisfação. Um grande abraço foi a nossa saudação.

Explicámos ao que iamos, e o pintor com franqueza collocou toda a casa á nossa inteira disposição. Emquanto tiravamos o impermeavel, trocámos algumas palavras.

Sem perda de tempo entrámos no assumpto da nossa visita; mostrámos ao artista as reproducções, em trichromia, dos seus quadros "Inferno Verde", "Terra Natal" e "Cataractas do Iguassú", executadas nas officinas da ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA; a satisfação do mestre estampou-se-lhe nas faces, enthusiasticamente elogiou o trabalho graphico e os operarios das officinas daquelle mensario.

Conversámos sobre as reproducções, quando, em trajes caseiros, nos appareceu a mulher do artista, uma senhora bella que, ao ver-nos tentou retroceder. O pintor, percebendo o gesto de sua esposa, foi ao seu encontro, dizendo-lhe: "Lucianne, nada de ceremonias, é um collega; é irmão de um nosso amigo de Paris. Vê se reconheces, elles parecem-se..." "D. Lucianne olhou-nos de frente e estendeu-nos a mão aristocratica, dizendo: "Mr. Mattos..." Uma creada trouxe café, que foi servido pelas mãos da esposa do artista. Pediu-nos, a digna senhora, noticias de nossos irmãos Jayme e Antonio, dos pequenos Emilio e Maria Luiza. Satisfizemos o seu desejo. Estavam bons.

O pintor, monopolizando-nos, puxou-nos por um braço até o seu gabinete de leitura. Por elle começámos a nossa bisbilhotice.

Pelas paredes, dispostos com carinho, muitos quadros enfileiram-se; são obras de mestres com expressivas dedicatorias ao paysagista, mestres de nossa terra, de França, de Hespanha e Portugal. Vimos lá telas de Roll, de Silva Porto, Malhôa, Grimm, Castagneto, Capus, Gaston Girard, Merson, Belmiro, Baptista, Furtuny e tantos outros nomes respeitados no mundo inteiro. A um canto vimos uma paysagem de aspecto infantil quasi; despertara a nossa attenção aquelle quadrinho fraco no meio de tantas preciosidades:

— E o meu primeiro quadro — disse-nos o grande artista, — uma reliquia da mocidade...

Mais um giro, um golpe de vista pelas paredes e sahimos a caminho da officina, situada no alto do morro. Alamedas arborizadas, ladeadas de gramados, dão accesso ao amplo salão onde o artista passa os dias, recolhido, no cumprimento dos grandes trabalhos que sempre tem em mãos.

A meio caminho encontrámos uma figura gentil que descia em companhia de algumas creanças; a moça, parando, immediatamente beijou, com todo o respeito e veneração, o pintor nos cabellos revoltos.

— Minha filha, apresentou-nos o artista.

Depois seguimos o nosso caminho. Em poucos segundos estavamos no alto da montanha e onde elegante construcção se erguia: era o atelier do mestre. Uma legenda em cima do portico da entrada: "TRABALHAR E VIVER". Entrámos. Confessamos que foi de deslumbramento a impressão recebida.

Sabiamos o pintor um dos maiores trabalhadores dentre os nossos artistas, mas que attingisse o alto grão de producção, attestada pelas telas enormes, por todos os cantos accommodadas, é que não esperavamos!

A impressão que se recebe ao entrar no atelier do artista é de desordem, mas da desordem peculiar aos logares onde o trabalho é intenso.

O atelier é grande, illuminado por janellões amplos, de onde se descortina o mais encantador dos panoramas; pelas paredes estão os estudos dos seus grandes quadros, são fragmentos da tela, cartões, simples pedaços de papel, com rapidos rabiscos só comprehendidos pelo autor. Grandes mesas, pejadas de documentos, caixas de côres, pinceis e outros apetrechos de trabalho; em tudo se percebe uma nervosidade caracteristica, a mesma nervosidade notada nos gestos do pintor, quando entretem palestra ou discorre sobre qualquer assumpto.

No atelier do artista, dois quadros despertam a attenção de quem entra: um colossal, ainda em esboço; o outro, pequeno é de uma singeleza suggestiva. A grande tela representa um episodio historico da revolução mineira, onde é principal elemento a figura de Felippe dos Santos. E o trabalho que o artista tem em mãos no presente momento; muito lhe falta para a sua conclusão, porém percebe-se já no esboço que será uma obra como as demais sahidas de sua officina.

A pequena tela, contraste violento com a primeira, intitula-se "Saudades": é uma nota interessante, prenhe de um sentimento communicativo: uma figurinha em attitude contemplativa olha atravez de ampla janella; percebe-se no seu olhar um mundo de recordações caras. E a telazinha uma magnifica obra do pintor.

Circunda o atelier uma *soupente*, tendo a adornal-a a bandeira brasileira. Em logar de destaque vê-se o busto do artista, executado por Marc. Robert, que figurou no Salão de 1907.

Em grandes pastas estão os desenhos do pintor; paysagens magnificas, figuras de animaes, mulheres e homens nas atti-

tudes mais difficeis, attestando uma busca persistente e um estudo continuado. Tivemos o prazer de ver os originaes das illustrações para o seu livro de memorias: "Saudade da floresta brasileira", A partida dos companheiros", "A barraca" e outros originaes magnificos, desenhos que são verdadeiros estados de alma, que falam a quantos comprehendem verdadeiramente as vicissitudes e os tormentos dos nossos artistas, a saudade que sentem do que é nosso está flagrantemente representada nelles...

Muitas vezes vimos Zeferino da Costa, o "Mestre dos Mestres", com os olhos rasos de lagrimas, provocadas pela mesma saudade, por um episodio da sua vida atormentada; e com o grande mestre soffriam tambem todos os seus discipulos... Por isso comprehendemos a emoção do artista ao mostrar-nos aquellas reminiscencias, onde as glorias passadas appareciam humedecidas pelas lagrimas silenciosas.

A um canto do atelier, entre outras pequenas lembranças, vimos uma photographia já desbotada pelos annos. Um bello typo de homem ainda se percebe no rectangulo do cartão. E o retrato de um pintor, o mestre do artista, o grande paysagista Grimm tão singela homenagem do pintor dá-nos bem a idéa dos seus sentimentos de gratidão pelo homem que o guiou na mocidade atravez dos labyrintos da arte. Sobre a individualidade do grande paysagista allemão, muito pouco existe escripto pelos seus contemporaneos. O melhor estudo sobre a sua individualidade acaba de ser publicado por Anibal Mattos, nosso irmão. Documentos de familia deram origem ao estudo sobre a personalidade do pintor-andarilho. Entre outras apreciações sobre o artista, existe uma, inteiramente inedita, que Annibal Mattos divulga:

"Como verdadeiro andarilho, Grimm atravessou Minas e Rio, pintando aqui e alli, trocando muitas vezes as suas pinturas por mantimentos e hospedagens.

Uma das phases mais intressantes da vida desse artista original passou-se, talvez, no Estado do Rio, no povoado que fica á margem do Parahyba e onde está situada a Estação de Commercio, da E. F. Central do Brasil, no Municipio de Vassouras".

"Ahi estavam installados alguns commerciantes fortes e a officina mecanica do illustre commendador Bernardino Corrêa de Mattos.

Um bello dia appareceu Grimm no arraial, durante mais de um mez limitóu-se o grande artista a tocar as forjas da officina! Não tardou comtudo a mostrar as suas habilidades de consummado desenhista, sendo aproveitado nessa especialidade para o desenho de machinas. Por fim começou o artista a pintar, e as margens do poetico Parahyba vibravam em suas magnificas telas, cheias de viço e de belleza".

"Reconheceu então o industrial intelligente que tinha, como simples operario, um artista de grande valor e, para auxilial-o, encommendou-lhe quatro retratos de familia.

Identicas encommendas lhe fizeram os Srs. José de Mattos e Manoel de Mattos, irmãos de Bernardino de Mattos.

"A cada um desses cavalheiros offereceu Grimm uma bella paysagem. Todos esse quadros ainda existem em poder desses senhores, que os conservam cuidadosamente."

"Isso passou-se em 1882, como prova a data desses quadros firmados pelo artista".

Como dissemos, Grimm foi o mestre de Antonio Parreiras; delle, o artista herdou a paixão pela paysagem; e melhor do que ninguem comprehendeu a phrase do grande pintor allemão: "Quem quer apprender a pintar arruma o cavallete, vae p'ro matto".

E assim tem feito sempre o artista; deante da grande natureza, concebe as suas telas maravilhosas. A bagagem artistica do pintor é formidavel, é digna de ser admirada por todos; elle é um dos grandes artistas do Brasil. As suas telas traduzem sentimento, emoção e conhecimento seguro do officio. A sua technica é franca e a sua côr vigorosa, notadamente quando pinta a paysagem brasileira, tão complexa na sua excelsa belleza polychromica. O que é o artista como paysagista, todos sabem. Ainda ha bem pouco tempo no salão de Setembro (1923), com uma coragem invulgar, apresentou ao publico uma valiosa collecção de telas, que lhe valeram a medalha de honra, conferida pelos proprios companheiros. A respeito dessa mesma collecção de magnificas obras tivemos já o ensejo de dizer alguma coisa; não tanto quanto merecem, porém, o que dissemos foi pautado pela sinceridade. Com a devida permissão dos nossos leitores repetiremos alguns dos nossos conceitos sobre a obra do mestre: "O triptico" "Terra Natal" vale uma consagração. Naquelles tres rectangulos de tela está a paysagem maravilhosa da grande terra brasileira, está uma verdadeira symphonia despertadora de patriotismo, interpretada singularmente.

No triptico, como em todas as paysagens brasileiras agora apresentadas, Antonio Parreiras interpreta com grandeza de alma aquella "paysagem bravia, a natureza em bruto, despenteada; aqui já domada pelo homem — numa victoria de huno que é o arrazamento de tudo; ali ainda em luta com elle — assumindo aspectos de campo de batalha" que Monteiro Lobato, nos mostra quando estuda Wasth Rodrigues.

Attente o leitor em *Matinal, Terra Natal, Inferno Verde, Triste fim de dia, Outomno florido, Sudoeste, Cataractas do Iguassú, Matta virgem, Iguassú, Praia do deserto, Jequitibá*, e em todas as outras paysagens brasileiras; que contemple a menor "mancha" de céo ou a menor pincelada e verá a estatura grandiosa do pintor espelhada francamente dentro desses detalhes.

Nas paysagens estrangeiras observam-se os mesmos predicados calcados em uma interpretação diversa.

Os tons envolvidos substituem a vibração e a physionomia caracteristica da paysagem brasileira pelos bandeirantes; o casario pittoresco substitue o imprevisto e a palheta flammejante torna-se commedida".

Como se viu, o artista, com a sua contribuição ao Salão, mostrou-se realmente um gigantesco interprete da nossa paysagem. Vejamos tambem um pouco do seu passado. Reportemo-nos á epocha das "Sertanejas", á mocidade do pintor, quando os seus cabellos e a sua barba ainda não tinham a côr da prata velha... A epocha das "Sertanejas", foi talvez, a mais emotiva da sua vida; epocha em que o artista bisbilhotava como um nomade os recantos mais intimos das florestas, dormindo dentro da sua barraca, com a carabina ao lado e o preto, seu fiel companheiro, montando guarda ao pé da fogueira crepitante, sempre vigilante.

Do convivio com a natureza virgem, nasceu a segurança com que pincela os seculares troncos e o emmaranhado dos cipoaes. Foi dentro da matta, ouvindo as lendas dos "Surupyras", e dos "Yuruparis", que o artista temperou o seu sentimento poetico e afinou a sua lama com a alma das florestas. Antonio Parreiras, assim preparado pela natureza, concebeu as "Sertanejas", obra grandiosa, capaz de, por si só, perpetuar a individualidade de um artista; felizmente, tão preciosa tela está á salvo, dentro do palacio das Bellas Artes, para que todos, das gerações presentes e futuras, possam contemplar e julgar o que é a verdadeira floresta brasileira, a floresta descripta por Alberto Rangel e Euclydes da Cunha!!

Não é esta a primeira vez que tratamos da maravilhosa tela que é "Sertanejas". E com a maior satisfação que repetimos os mesmos louvores. Em "Sertanejas" o pintor nos dá uma das mais bellas paginas da arte brasileira, revela a verdadeira paysagem virgem, onde os troncos seculares e os cipoaes em albyrintho mal senteme o calor do Sol e as pedras limosas recebem a medo os beijos da luz filtrada por entre a folhagem. E no meio dessa riqueza de verdes, entre a copa das arvores e o chão dourado de folhagens seccas, que vivem as "Sertanejas", lindas borboletas azues, tão azues que parecem nesgas de um céo de primavera...

O encantamento da obra de Parreiras não ficou em "Sertanejas", continuou no "Pescador de trahiras", em Arethuza", "Esperando o zagal", "Ovelha ferida", "Carnaval na roça", "Pescadores de minha terra", "Uma paysagem em Olinda", "Ventania" e "Gragoatá". Em todas as telas a emoção do pintor tocou o extremo. Vem uma relativa ausencia do pintor, no scenario artistico; murmurava-se mesmo que o fulgor do artista estava extincto. Mais algum tempo continúa a ausencia do mestre, quando um bello dia o seu nome surge novamente, surge remoçado em baixo de grandes quadros historicos, onde as figuras apparecem ricas de ambiente e de colorido. Comtudo o paysagista não desapparece, a indumentaria, as attitudes e as formulas historicas, não conseguem apagar o fogo sagrado alimentado durante annos dentro das florestas, e o artista nos dá "La Valée de Chevreuse", uma maravilhosa tela de grandes proporções, cheia de condições especiaes e de uma poesia fidalga, de uma poesia que recorda os versos de Cyro Costa:

(Continúa no proximo numero)

CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..."

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencantal-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quér sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de s as revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamem, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

O Concurso de Belleza

Aracajú a moderna e sympathica capital do meu Estado, depois de uma mudez profunda, descansando ainda sobre as aguas mansas e azues do Sergipe, levantou-se atordoada com o trombetear de um dos nossos vespertinos, annunciando o inicio do Concurso de Belleza.

O nosso meio social, que até então continuava silencioso, sem nos offerecer um sorriso de alegria, tambem se accordou barulhento para participar da grande sarabanda da arte e da formosura.

As nossas patriciazinhas, não descançaram; procuravam todos os meios de se nos apresentarem lindas, attrahentes, cheias de de graça, na disputa do cubiçado diadema de MISS.

E a mocidade sempre ao lado desses admiraveis prelios, trabalhava e trabalhava muito para levar ao throno de Venus, a eleita de seus sonhos.

E chegou finalmente, o ultimo, o dia desejado.

Porém feita a apuração e publicada, viu-se que algumas eleitas, deviam aguardar mais alguns annos, no uso da Agua da Belleza ou de qualquer outro preparado, para que nos apparecessem, pelo menos mais sympathicas, e que tomassem uns reconstituintes para surgirem mais fortes, com outro physico, ponto principal e exigido, num certamen como este.

Eis a causa do nosso desanimo, diante do resultado obtido, pois, estamos certos, que das MISS de alguns municipios do Estado, que tomaram parte no Concurso, não surgirá uma "Miss Sergipe", como foi Nelly Menezes, que conquistou num pleito enthusiastico e cheio de vibração, tão brilhante titulo, pela sua belleza, pela sua graça, pelo seu espirito e não por sympathias de um determinado grupo.

Nelly Menezes nunca deixará de ser a verdadeira "Miss Sergipe".

Aracajú

Thales Vieira da Silva.

M O D A S . . .

A moda tem caprichos...

A novidade agora lançada são os "tailleurs" de casaco sem mangas e com uma pequena capa deixando apparecer as mangas da blusa. Esta é sempre clara, de seda, linon ou outro tecido, ou então do tom do "tailleur".

A figura principal desta pagina representa um "tailleur" azul marinho pontilhado de branco com blusa muito simples de seda branca guarnecida apenas de um babado estreito de "plissé". A jaqueta é recta, levemente cintada, fechando sobre tres botões. A capa é irremovivel e a saia, de linhas direitas, tem um grupo de cinco pregas chatas.

No rectangulo: 1 — Costume preto com uma especie de pala prendendo a capa. A jaqueta tem um recorte em ponta sobre o lado. Saia com prégas fundas.

2 — Lã marron e beige, jaqueta sem gola. Blusa de crêpe beige. Saia ligeiramente em fórma.

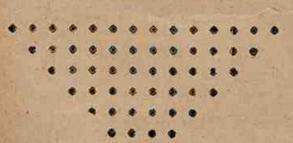
3 — Lã fantasia, verde e cinza. Blusa verde claro visivel sómente nas mangas. Capa e gola "écharpe".

4 — Lã fantasia marinho e branco, blusa de qualquer dessas côres. Capa com duas prégas, uma de cada lado, sobre os hombros.

5 — Jersey escuro com barra e applicações do mesmo tecido e côr. Blusa de seda do mesmo tom ou branca.

M O D A S . . .

Modelos Jane Regny: I — "Shantung" verde claro. Gola de crêpe branco com viez verde. II — "Manteau" em "tweed" mesclado, de fórma direita, sem botões, fechando-se com a mão. Tiras incrustadas dos lados e nas costas. III e IV — "Ensemble": saia e "manteau" em "tweed" cinza e azul, blusa em crêpe da China azul.

MARYSE

CAIXA DO "O MALHO"

JONNY DOIN (São Paulo) — Continúo ao seu dispor e terei tambem muito prazer em o abraçar quando vier ao Rio. A respeito da joven poetiza estou de accordo que devemos animal-a.

Agradeço-lhe desde já o exemplar promettido das suas "Primeiras labaredas" (salvo seja). Nessa época sanjoanesca de fogueiras e rojões vem muito a proposito.

REZENDE JUNIOR (Nepomuceno) — Muito me desvaneceu sua supposição julgando que eu sou o primoroso poeta a que se refere. Somos do mesmo Estado e muito camaradas, apenas. Com ligeiras correcções serão publicadas suas quadras intituladas: "Rodomoinhos".

J. CALAZANS DE SOUZA (Santa Thereza, Espirito Santo) — Dos dois trabalhos que mandou foi acceito o intitulado: "Meu desejo"; o outro está fraco. Tem, por exemplo, decassyllabos como estes:

"E brincam os colibris beijando as [flores."
"Os jasmineiros ciúmam e choram [odores."
"Os poetas cantam porque soffrem [amando."

Concerte isto e mande.

NELSON PASSOS (Muritiba) — Grato pelas referencias lisonjeiras feitas ao seu amigo. Recebi os trabalhos e o livro sobre o qual direi depois alguma cousa com mais vagar.

AMPHILOPHIO DE CASTRO (Muritiba) — Recebidos os trabalhos que enviou com a sua carta muito gentil. O conto está um tanto longo, o que difficulta a publicação. Devolverei, como pede, o jornal que mandou.

POETA CANANÊO (Ceará) — Pelo principio da sua longa especie de poesia se vê que o Poeta Cananêo é mesmo do Ceará, terra de sol e do calor. Como deseja que ella seja publicada, aqui vae o principio da "dita cuja", que se intitula: "Dôr e solidão":

"A natureza é uma eterna poesia;
Os versos, ora repassados de alegria,
Ora de immensa tristeza.
E é assim que eu te vejo agora, ó [natureza !
Marcho por este caminho,
Tão solitario, sózinho,
Assim a arrastar minh'alma,
Triste e inquieta, sem calma,
Sob o peso desta dôr,
— Cheia de eterno *calor*,
Nesta via — dolorosa!
Nesta dôr imperiosa!"

Com sua alma cheia de eterno calor não póde negar que é do Ceará ardente. Aguarde agora o inverno e quando chover ponha su'alma na chuva, em baixo da "biqueira do telhado" para que ella se refresque. Feito isto, é bem possivel que ella apanhe um resfriado ou uma pneumonia e morra, arrastando comsigo o corpo do Poeta Cananêo para as profundas dos infernos, amem.

GIL BLAS (São Paulo) — Você tem algum geito para a poesia. Leia os bons autores, apure seu ouvido na metrica e se aperfeiçoe no vernaculo para não escrever, como na poesia: "Tiradentes", versos assim:

"*Abra* a tumba, glorioso martyr, vê
Abra a tumba e *levanta* legendario."

Devia ser *abre* a tumba, no imperativo e não como está.

JORGE MATUK (Capivary) — E' preferivel collaboração em prosa, porém, prosa boa. Vivemos aqui tão cheios de versos máos... como os que mandou, que é melhor não escrever cousa alguma a escrever isto:

"A TAL "FULANA"

Pensei muito, soffrendo acerbas dores,
Numas phantasias dum olhar farçante;
Que os sepultei dos sonhos tentadores,
Num terrivel jazigo calcinante.

Morto tudo se foi surgindo em flores;
Das perdidas lagrimas suffocante.
E coloridos sonhos multicores,
Fulgindo do passado lacerante.

E no entanto eu lhe digo, ó namorados,
Que andaes por toda parte apaixonados,
E a féra mais feroz a tal fulana...

Não digo a cor, são dois olhos [pequeninos:
Mas cuidado que são muito assassinos...
Mais que pena!... ser bella e [deshumana."

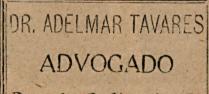
A tal Fulana só teve um crime: foi não o ter assassinado devéras antes de você escrever o que escreveu.

JAYME CARDOSO (Rio) — Recebida a photographia, que será publicada. Quanto ao "Dorme e Sonha" nem pense nisso. Ficou dormindo na cesta o somno eterno da morte sem sonho algum.

Quero crer que uma pessoa caprichando para escrever mal não consegue vencel-o na sua preoccupação de escrever bem. Estude, "seu" Jayme, e depois appareça.

JOSE' LA-TORRE (São Paulo) — Nada tem que agradecer. Parabens por ter "desapparecido do scenario da sua vida" a franceza a quem se refere.

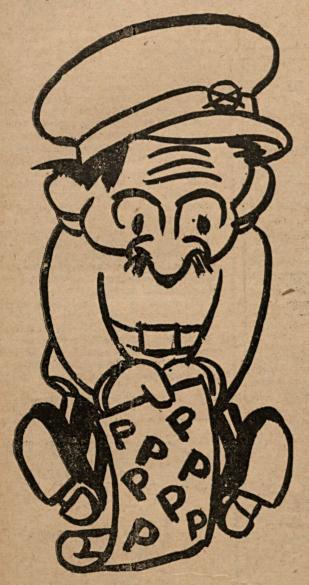
Quanto ao trabalho que mandou agora está muito fraco. Será influencia ainda da "escola franceza"? Já é *peso*...

CABUHY PITANGA JR.

VIDA DE CASERNA

E' habito dos officiaes commandantes de companhia confiarem todos os serviços de escripta aos sargentos, reservando-se elles sómente para assignarem o "visto".

Os sargentos, por sua vez, não tendo tempo para isto, procuram, entre os seus subordinados, um cabo que tenha letra boa, e encarregam-o de tal serviço.

No 2° B. C., em Nictheroy, havia um sargento, que todos os dias dava notas para o inferior escrever. Um dia, o capitão chamou-o e disse-lhe:

— Sargento, o senhor está commettendo um grande

Os "pp" do mappa

erro. Mappa tem dois "pp" e o senhor sempre escreveu com um.

O sargento sahiu do commando e foi ao cabo.

— "Seu cabo", este mappa que o senhor escreve com um "p", tem dois. Vá endireitar.

Minutos depois voltou a praça com o papel e mostrando-o, disse-lhe:

— Prompto, "seu" sargento, está certo agora?

O superior olha e vendo "mappa", retrucou:

— Que certo, nada, seu burro. Esses são os de agora, e os outros que você vem esquecendo de botar?!

YRA

OS SONHOS...

Os sonhos, provocados por diversas causas, physicas ou moraes, foram, em todos os tempos, estudados sob varios ponto de vista, constituindo até na antiguidade uma arte conhecida sob a denominação de arte divinatoria!

Esses sonhos manifestam-se durante o somno, geralmente em idéas desordenadas, de realização impossivel e, poucas vezes, como visões de acontecimentos positivos que se estão dando ou vão acontecer.

Elles têm a sua significação mais ou menos caprichosa ou são interpretados por analogia, estabelecendo-se a relação de factos immateriaes com a vida real e, como já se disse, elles representam uma realidade da alma!

Mas, os sonhos, de que vos quero falar, caro leitor, não provêm do cerebro em actividade durante o somno em que a vontade não intervém na reproducção das imagens e sim daquelles que todos os seres humanos têm, quando acordados e que outra cousa não significam senão as aspirações de uma vida melhor, cheia de conforto e de contentamento!

Modestos ou grandiosos, esses sonhos dourados da vida são ditados pelo orgão do sentimento, elles vêm do coração puro, que alimenta a esperança!

E' delle que nasce o desejo de ser feliz, a vontade de se engrandecer, a aspiração de subir, a ansia de se elevar!

Forma-se o projecto, descortinando-se, ás vezes, o futuro numa visão maravilhosa!

E' o ideal que surge, reflectindo-se no encanto da Natureza; é o ideal que se procura num amor unico; é a idolatria daquillo que se não tem, que se não vê, que se deseja no anseio da alma soffredora, é o mysterio da vida na grandeza das cosas; é, emfim, a belleza do sentimento que abala a alma humana!

Esse ideal assim constituido, essa illusão do futuro que se desenha em tudo que a imaginação pode crear embora, na maior parte das vezes, verdadeiras fantasias, é, entretanto necessario á nossa vida, porque afasta os males que os sentimentos tristes nos produzem, dando-nos a calma, o animo para lutar, a força para vencer e, portanto a paz, a alegria de viver, a seducção de um mundo novo, cheio de encantos que não temos, porque a vida é de facto um sonho, mas um sonho, na phrase de João de Deus, tão leve que se desfaz como a neve e como o fumo se esvae!

Envolvido assim num ambiente de illusões, ás vezes de esperanças irrealisaveis, não se pensa, durante sua duração, nas decepções que possam vir nos desenganos da sorte, que geram o soffrimento!

A alma sonhadora expande-se deste modo até á virtude, eleva-se até ao genio, concentra-se no amor, fonte sublime de inspiração!

Esse sonho é irmão do riso e vem despertando a alegria como a aurora desperta a vida nos prados florescentes e perfumados!

Mas, se no correr dos tempos a esperança falha e nada nos satisfaz, se na luta pela vida não se consegue o que se deseja, então parece que a vida acaba e só se vê o passado numa recordação de felicidades, que se foram, num sonho de aspirações que se extinguiram!

Vem logo depois o sentimento triste com a destruição desse passado, com a negação do futuro, com a abolição da esperança e até a perda da fé que conforta o espirito, elevando-o até á divindade!

Comparem-se então duas phases da vida — a juventude e a velhice, verificando-se na primeira que a Natureza sorri, os campos florescem, os astros brilham, tudo é bello, tudo é encanto, uma harmonia infinda se nota em todas as cousas, a alma é impellida para a frente e por isso o sonho é roseo, ao passo que na velhice quando o céo da vida começa a toldar-se de nuvens carregadas, quando o peso dos annos já se faz sentir, tudo muda, parecendo que o mundo desaba sobre nós, só se vêem tempestades, as risonhas esperanças se esvaem, as illusões se desfazem, a realidade se apresenta e só o passado fica apenas como a nota alegre da vida!

Mas ha um sonho, o maior sonho, que jamais se apaga da imaginação do homem de fé, sonho que nunca se risca dum coração sensivel, esperança de alguma cousa que lhe falta, o sonho de uma vida sem as injustiças do mundo, sem os revezes da sorte, sem mystificações na qual devem ser reparados todos os soffrimentos que não podemos evitar em nossa trajectoria terrestre!

E' o sonho mysterioso de uma vida que não conhecemos, mas desejamos, porque a sentimos em nosso todo, sonho que se encobre no segredo da Natureza e que se não desvenda, porque se occulta como alguma cousa que se procura divisar, mas que escapa á nossa percepção, sonho dos sonhos, o maior dós ideaes, a grandeza da alma humana no descortino do futuro!

E quando a vida nos seus ultimos momentos na Terra se vae extinguindo aos poucos, como a fraca e bruxoleante luz de uma lampada, felizes são aquelles que têm ainda o sorriso nos labios e uma convicção que se não desfez, uma esperança inextinguivel na vida eterna!

Theotonio de Almeida.

EM PRÓL DO LITTORAL PAULISTA

A CULTURA DA BANANA E O APPARELHAMENTO DO PORTO DE S. SEBASTIÃO

Contrastando com o grande desenvolvimento do planalto, o littoral de S. Paulo tão florescente nos tempos do Brasil colonia, graças principalmente aos jesuitas, permaneceu completamente esquecido e abandonado não só pelos poderes publicos, como pela iniciativa dos homens de acção os quaes, como que fascinados pela tradição, do bandeirismo, se lançaram resolutamente pelo interior a dentro, abrindo, em todas as direcções, novas lavouras e centros de progresso.

Nada, pois, mais natural que esse estado de coisas tão debatido pela imprensa paulista, calasse no espirito publico e chamasse para elle a attenção de algumas empresas poderosas como a Blue Star Line a qual, com o apparelhamento moderno que dispõe para o transporte de fructas tropicaes, não podia deixar de interessar-se pelo futuro desta zona privilegiada e onde pela facilidade de embarque para os grandes mercados mundiaes, a fruticultura ha fatalmente de tomar notavel impulso.

O exemplo porém, da Blue Star Line, proprietaria de formidaveis bananaes na bacia do Juqueryquerê e em bôa hora, trabalhando habilmente junto aos poderes publicos no sentido de dotarem o porto de S. Sebastião de um molhe e outros melhoramentos imprescindiveis, muito contribuirá para que outras vistas se volvam immediatamente para esse verdadeiro paraiso perdido, sacudindo-lhe as energias e reivindicando o logar que lhe cabe no progresso de S. Paulo, principalmente agora que o café, como as pedras verdes de Fernão Dias, entrou para o dominio da lenda e todo o mundo está convencido de que é indispensavel tratar de outras lavouras e outros meios de vida.

A proposito do assumpto, achamos interesse em trasladar para as nossas columnas, uma nota d'"O Estado de São Paulo" a qual, para não tirar o prestigio de boa fonte, inserimos na integra:

— "Observa-se uma nova attenção da parte do publico por tudo quanto diz respeito ao littoral e quer saber-se a attitude do Executivo, em face dos problemas locaes: estradas e porto.

Ha muita gente na expectativa, de olho para estas bandas.

Como tem sido noticiado, já uma companhia ingleza, a "Blue Star Line", se aboletou aqui.

Os formidaveis bananaes desta empresa, detentora das terras da bacia do Juqueryquerê, estão prestes a produzir.

A "Blue Star", muito em surdina, anda em negociações com o governo para o apparelhamento do porto de S. Sebastião.

Se o governo construir elle proprio, como prometteu, o molhe para atracação de vapores, tanto melhor. Será mais decente, coisa nossa. Senão, sob pena de perder toda uma volumosa safra, terá a companhia ingleza de fazel-o.

Afinal, de um modo ou de outro, a coisa tem de ser resolvida urgentemente.

O que nós lavradores de littoral desejamos, é que isso se decida logo, porque, com a vinda de transatlanticos a este canal poderemos vender a nossa producção de bananas directamente para a Europa e Buenos Aires, ao invés de mandal-a para Santos.

Ao que consta, outra rica entidade, a "United Fruits", de Nova York, anda á procura de terras nesta zona, tambem para o cultivo de bananas em grande escala.

Ha cerca de doze annos, o Dr. Lourenço Granato, vaticinando intelligentemente o surto economico que a fruticultura iria dar á marinha de São Paulo, tentou organizar uma companhia de capitaes paulistas, para o aproveitamento das repudiadas terras desta zona, com grande plantações de fructas.

Nada poude conseguir, nem do governo, nem dos bancos, nem dos capitalistas aos quaes se dirigiu. A resposta que obteve foi a de que isto aqui nada valia, porque não dava café....

Está ahi. Emquanto os bananeiros de Santos enriquecem, o fazendeiro cafeicultor assigna honradamente a terceira hypotheca do palacete da avenida, e desfaz-se, com muita pena, dos seus automoveis, a dois contos em prestações, a vêr se roça o matto da fazenda, que vae virando tapéra.

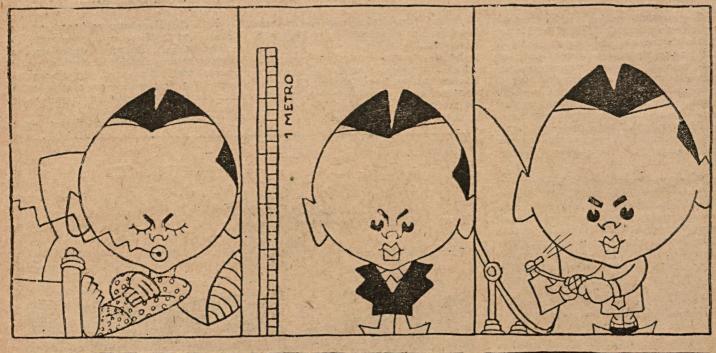
Emquanto no planalto só se ouve a melopéa triste das conversas sobre crise, derrocadas do café e quejandas coisas funebres, cá por baixo tilintam libras que o inglez paga pelas bananas que come e pelas terras que compra. Poucas ainda, na verdade, todavia, libras, coisa rara, segundo consta, por ahi.

"Não ha como um dia depois do outro", affirmava propheticamente o conselheiro Accacio. E tinha razão. Porque São Paulo, obcecado pelo café, esqueceu que aquem da serra do Mar, desde Cananéa até Ubatuba, ha territorio paulista de optimo chão para cultivo de fructas, de coco, de cacau, e afundou "hinderland" a dentro, innundando-o o mar verde da monocultura cafesista, que agora, numa resaca de fartura, vae afogando muita gente.

Os governos desprezaram durante muito tempo o littoral á propria sorte, numa impassibilidade indifferente, numa surdez de porta ás suas supplicas, numa vontade immovel ás promessas de melhoramentos.

Parece, comtudo, que a coisa vae mudar, que está mudando...

Ainda bem.

O PIRES DO MARANHÃO

Na somnéca:
Elle é o primeiro.

E na estatura?
O segundo.

Na vaidade:
E' o terceiro...

Na vadiagem:
Elle é quarto.

No braço forte:
Elle é quinto.

E no resto:
E' o Pires, sexto!

NAVEGAVAMOS para Santos, a bordo de um navio nacional, o que quer dizer que a viagem era lenta e o navio seguia sempre muito proximo á terra. Pouco a pouco iamos deixando á direita a planura da restinga da Marambaia, as rochas graniticas da ilha Grande, as reintrancias agudas da ponta de Joatinga. Já singravamos aguas paulistas, immoveis como as de um lago, quando encontrei, de pé, encostado ao corrimão do *spardeck* Irving Dowling, capitão da marinha de guerra brasileira, 36 annos de idade, alto, aprumado como um esgrimista de raça, louro como um inglez do Paiz de Galles, dono de uma pelle que tinha mais do colorido tropical que da alvura immaculada do britannico.

— Capitão Irving Dowling, disse-lhe á queima-roupa, sem mais preambulo:— estou com uma pergunta a lhe fazer, desde o dia em que fomos apresentados um ao outro, a bordo do *Minas Geraes*, ancorado em Jacuecanga. Por que tem nome inglez, sendo brasileiro e capitão da marinha de guerra brasileira — o que quer dizer duplamente brasileiro?...

O capitão Irving Dowling, batendo-me no hombro, sorriu com simplicidade:

— E' uma historia um tanto cheia de complicações e vivida, conforme vou contar-lhe, justamente na zona que este navio mercante está agora atravessando. Ponhamol-a no grandioso scenario estendido da ponta de Joatinga ás ilhas dos Alcatrazes. Um eixo para o seu desenvolvimento: a Villa Bella de São Sebastião. Uma ilha para a sua localização: a ilha de São Sebastião. Como vê, tudo proximo de nós.... E de mim mesmo, Irving Dowling, descendente do corsario Chreiton Dowling, inglez de puro sangue, a serviço do almirante William Brown, chefe supremo da armada argentina, ex-companheiro de Lord Cockrane, marquez do Maranhão e 1º almirante da Armada Nacional e Imperial. Isso durante a guerra Cisplatina... E ponha uma data: 1826...

E o capitão Irving Dowling contou-me a aventura de Chreiton Dowling, capitão de corsarios.

* * *

"Quando o imperio do Brasil, irritado com o apoio do governo do Prata aos rebeldes da provincia Cisplatina, declarou guerra a Buenos Aires, em 1825, os chefes navaes argentinos assalariaram, no estrangeiro, officiaes e marinhagem numerosa, tudo sob a chefia de William Brown, genial improvisador de uma esquadra respeitavel que ia lançar, nas costas sul-americanas, os panicos da guerra de corso conduzida acerrimamente.

"Essa armada heterogenea, composta, ninguem jámais o poderá negar, de homens intrepidos, affeitos aos perigos do combate, bateu-se, mezes a fio, com terrivel bravura, arriscou-se a encontros em que a inferioridade numerica nem sempre foi desvantagem de que se arreceassem os seus capitães.

"O mais audacioso dos navios corsarios de Brown, a fragata *Ensenada*, cruzava, desde Fevereiro de 1826, as costas sul do Brasil, sob o commando do inglez Chreiton Dowling, que, para usar de uma expressão muito em voga entre os homens da sua equipagem, "mesmo que chovesse a cantaros achava meios de se conservar a secco..." Que flibusteiro de tempera de aço esse Chreiton Dowling arrogante, o emulo dos grandes piratas predecessores de Suffren e Surcouf!

"— Por Drake!, jurava aos seus homens, petulantemente, na madrugada de 22 de Maio de 1826, ao ordenar os preparativos para o ataque e desembarque á Villa Bella de São Sebastião. Que diabos me damnem se hoje mesmo não apanhamos boa presa e não refazemos os nossos paióes de abastecimento!...

"No intuito de animar os marujos recalcitrantes mandou distribuir entre elles, de madrugada, uma boa ração de aguardente do reino. A *Ensenada*, com um rodizio de bronze de calibre 24 e mais cinco caronadas de 12, era um navio de andadura ligeira, de cerca de 1.200 toneladas, com uma tripulação de hespanhoes, italianos, e syrios, recrutados em Buenos Aires. O estado-maior de Chreiton Dowling, dois officiaes argentinos e tres inglezes, trouxera a *Ensenada*, ha cinco mezes passados, dos estaleiros de Plymouth: estado-maior desdenhoso dos ventos amaveis que corriam nas costas paulistanas e haviam feito a fragata navegar com todo o panno, o traquete, o velacho, as varredouras, o *gaff tope*, as velas d'estai. "Tanta amabilidade do mar augura desgraça em terra!" — dizia Chreiton, começando a bordejar entre as ilhas Victoria e as dos Porcos e do Mar Virado. Sceptico *weather-wise* habituado ás surpresas barometricas, de ante-mão sabia que os elementos lhe seriam propicios na proeza a que ia arriscar-se em terra inimiga, crivada de fortes desamparados. E logo que o dia raiou, fulgurante, de sol brasileiro limpido, bemfazejo, fulvo, essa proeza desenvolveu-se com methodo rigoroso, fulminantemente.

"Levado pelo traquete, a gavea, a bujarrona e a vela d'estai, a *Ensenada* approximou-se de Villa Bella de São Sebastião, erguida a oeste da ilha, á altura em que o canal desse nome se alarga para o norte, buscando o grande oceano. Povoação de cerca de cincoenta casas de residencia e outras palhoças, onde vegetavam pescadores e gente pauperrima, não era contra ella, evidentemente, que objectivava a guerreira ambição de Dowling; sim contra a fazenda quasi contigua ao peri-

O MALHO tem hoje a maior satisfação em publicar um conto de Théo-Filho, considerado, e com justiça, o maior romancista brasileiro. "Dowling, capitão de corsarios", foi escripto expressamente para esta revista pelo autor fulgurante de "Praia de Ipanema" e illustrado competentemente pelo lapis magico de Queirós, o joven desenhista cearense.

metro do nucleo, pertencente, com riquezas e haveres multiplos, ao sargento-mór Bento Francisco Vaz de Carvalhaes.

"Naquella época de panico maritimo e alertas constantes em pontos vulneraveis do litoral, uma teia muito vaga, mas efficaz, de espionagem revel, estendia-se do Rio Grande do Sul ás costas de Pernambuco. E como os ataques desencadeados, insolentemente, por Fournier, lograssem, por vezes, successos injustificaveis, vivia-se nas fortalezas e nas herdades e engenhos vizinhos num perpetuo *quem vem lá*. Preparando-se para o ataque aos dominios de Bento Francisco Vaz de Carvalhaes, o capitão Chreiton Dowling calculara, bem mathematico, todas as ardilanças, menos o preparo defensivo dos recrutas brasileiros.

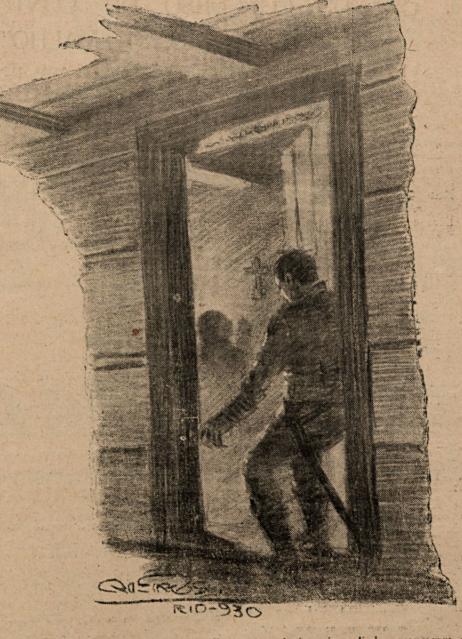
"A fazenda de Carvalhaes occupava, á beira mar, uma area de dois kilometros de frente por dez de fundo, morro acima. As plantações de café, de legumes, de milho succediam-se aos campos de pastagem e ás eminencias aridas propicias ás emboscadas. A mil metros da praia, terra a dentro, erguia-se a casa de morada, vetusta e immensa, num estylo sem artificios, cercada por uma varanda em arcos de aqueducto e janellas estreitas — mais de vinte—abertas para os quatro pontos cardeaes. Era nesse poderoso reducto que se guardavam as collectas do municipio.

"Nada disso, manifestamente, ignorava o capitão Chreiton Dowling. Mas ignorava que o sargento-mór de Carvalhaes, munido pela Côrte de poderes especiaes, não só armára em pé de guerra os seus escravos e os seus colonos, como chamára a seu commando os pequenos destacamentos policiaes espalhados pelos logarejos proximos. Digamos, ao todo, cento e cincoenta homens dispostos a se defenderem leoninamente, armados de rifles, de pistolas e de um ardor envenenado pelo mais violento jacobinismo.

A *Ensenada* approximou-se de Villa Bella de São Sebastião. A sua equipagem, a postos e rosnante, mostrava ao sol, com ferocidade, caras hediondas e mal lavadas, barbas hirsutas, cabellos crescidos a cahir sobre as orelhas, vestes encardidas, botas cambadas ou rotas, mas armas limpas, luzidas, impeccaveis, promptas para o morticinio.

— Attenção! — g r i t o u Chreiton Dowling, impondo silencio aos seus homens alertas.

Um tiro a estibordo, marcado pelo proprio timoneiro, um escossez que estivera em guerras na França e no Oriente, fez o navio sobresaltear como se sacudido por um estremecimento electrico. Estava-se agora muito perto da terra, quasi rente á ponte de madeira por onde se faziam a carga e a descarga das mercadorias.

— Fogo para o casario! Desçam os escaleres! Amarrem a gavea e a bujarrona!

As disposições de combate haviam sido préviamente calculadas, devendo ficar no navio os mareantes necessarios ás manobras do velacho e ao manejo de dois canhões que não cessariam de atirar. Amontoados em quatro escaleres, oitenta homens rumaram para terra, de onde não vinha o minimo signal de vida.

Qualquer commandante de navio armado teria feito, no ataque a uma villa desamparada, o que fizera o capitão Chreiton Dowling: tel-a-ia bombardeado para estabelecer o panico e tel-a-ia assaltado para a "razzia" subsequente. Mas nunca imaginaria a victoria sem trocar um tiro de mosquete, sem topar o impecilho da mais fragil barricada, sem experimentar o irritante aguilhão das pontarias traiçoeiras partidas das janellas cerradas. Portas de vendas e armazens arrombados quasi nada satisfizeram ao appetite pantagruelico dos piratas. De uma bodega incendiada arrancaram os restos dos liquidos ali esquecidos, dois tonneis enormes só conductiveis atrelados a cangas de bois. Nem dinheiro, nem mantimento. Cachaça aos borbotões...

Dinheiro e mantimentos o capitão Chreiton Dowling sabia perfeitamente que só poderia encontrar na casa de fazenda do sargento-mór. E, quando a

(Continúa no proximo numero)

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS DE "O MALHO"

Relação dos originaes recebidos sob pseudonymos, até o dia 28 de Junho de 1930

Conforme annunciámos antecipadamente, encerrámos no dia 28 de Junho o prazo para o recebimento dos originaes concorrentes ao nosso Grande Concurso de Contos Brasileiros.

O total até este momento ultrapassa de 300 trabalhos, devendo o serviço de catalogação estender-se por toda a semana.

A commissão julgadora, conforme antecipámos em *O Malho* da semana passada, é composta do Dr. Coelho Netto, escriptor; Dr. Humberto de Campos, critico; Dr. M. Paulo Filho, jornalista, e Murillo Araujo, poeta.

Ainda esta semana entregaremos aos membros da Commissão Julgadora todos estes originaes para serem lidos e julgados.

1 — "Excerpto sôbre Alagôa Grande" (*Cordelia Sylvia*).
2 — "O fructo do peccado" (*Rival do Rei*).
3 — "A Suspeita" (*Orlando Silencioso*).
4 — "A vida é assim..." (*Chrysostomo*).
5 — "Historia de uma fraqueza" (*Ronald*).
6 — "Alizador" (*João da Roça*).
7 — "Solitario" (*Cysne Preto*).
8 — "A ultima Conquista" (*Lopes de Aragão*).
9 — "Superstição e Suggestão" (*Lopes de Aragão*).
10 — "Miss Betty" (*Bento Junior*).
11 — "Irreconciliavel" (*Zé do Norte*).
12 — "A Gruta da Morte" (*Anatercio Guanabara*).
13 — "Lenda Sertaneja" (*R. de Lima*).
14 — "Destino" (*Naro*).
15 — "Delirio..." (*Venancio Oribe*).
16 — "Enfiou a viola no sacco" (*Né Canastacio*).
17 — "Peripecias da vida" (*Zé da Barra*).
18 — "Vingança de Sertanejo" (*Lucio Cesar*).
19 — "Briga de Gallo" (*Gallista do Norte*).
20 — "O Amor que mata..." (*Paulo Victor*).
21 — "O Leão" (*A. Paz*).
22 — "Barbaros" (*Gil Pitta*).
23 — "O passarinho cantador" (*Visionario do Amor*).
24 — "Noite de angustia" (*id.*)
25 — "Flôr da Morena" (*Helio Maia*).
26 — "Aquella Creatura" (*Preguiça*).
27 — "O que é o meu amor para comtigo" (*Bellinho*).
28 — "Assombramentos" (*Ernesto Tolentino*).
29 — "Uma aventura de rapaz" (*Seletotsira*).
30 — "Esposa Moderna" (*L. Syd*).
31 — "No Sertão" (*Guerreiro*).
32 — "Uma carta funesta" (*Anastacio Pinto*).
33 — "O Remedio" (*Margarida*).
34 — "Alma Penada" (*Jobéco*).
35 — "Um mentiroso invulgar" (*Alves da Luz*).
36 — "Tia Nocacia" (*Lionau Ampio*).
37 — "O Bom Ladrão" (*João Mineiro*).
38 — "O Bêbedo" (*Rival do Rei*).
39 — "Um homem que se matou e não morreu" (*Y*).
40 — "Mulher de Raça" (*Jacutinguára*).
41 — "Remissão" (*Magda Rocha*)
42 — "A folha do pica-pão" (*João Guarahyra*).
43 — "Virgens contemporaneas" (*Ratisblong*).
44 — "Por causa da sociedade" (*id.*).
45 — "O Optimista Othoniel" (*Alagoano*).
46 — "Iche!..." (*Dr. Sá Bichão*).
47 — "O Sonhador" (*Wilson Palmedo*).
48 — "Catalunha" (*Jacutinguára*).
49 — "A Justiça" (*Gabriel Sereno*).
50 — "A volta do netinho Geraldo" (*Herdonbar*).
51 — "Poltrão!" (*Caipira*).
52 — "Trecho de um romance" (*Mecejana*).
53 — "Effeitos do alcool" (*Amaury de Noël*).
54 — "A Guerra" (*Capitão John Burgo*).
55 — "Epilogo de um bohemio" (*Pery de Alencar*).
56 — "A alma que volta" (*Matta Loa*).
57 — "Um mysterio do além" (*Floreano*).
58 — "Chiquinha" ([illegible]).
59 — "A' beira do fogo" (*Ojuara*).
60 — "O Collatino" (*D. Roxite*).
61 — "Fraulein" (*Isolda*).
62 — "A distrahida" (*id.*).
63 — "O nocturno de Chopin" (*id.*).
64 — "Fatalidade" (*id.*).
65 — "O fim do mez" (*Pangloss*).
66 — "Elle vem..." (*Joaquim Gabriel*).
67 — "A chave estava na porta..." (*Jeronymo Gil*).
68 — "O sentimental Stenio" (*Paulo S. Netto*).
69 — "Senhores, o diabo existe..." (*Gilberto Claro*).
70 — "A escrava Propenyla" (*Eugenio Peixe*).
71 — "Ninette" (*Jota Efegê*).
72 — "A mancha da Patria!" (*Souvenier*).
73 — "Os tres fantasmas" (*Joaposan*).
74 — "O ultimo assalto" (*Nemo*).
75 — "A alma do protestante" (*Du Val e Silva*).
76 — "Escola de Herões" (*Gaston Saint Cyr*).
77 — "O ouropel da fortuna" (*J. Milor*).
78 — "Flôres da Epocha" (*Lys de Lóres*).
79 — "Miracema" (*Campos Muricy*).
80 — "A Volupia da Morte" (*Marco Antonio*).
81 — "Brutalidade" (*Bahiano*).
82 — "Um marido exemplar" (*Mike Willian's*).
83 — "Aventuras de Sotéro" (*Carmo*).
84 — "O Mal-assombrado" (*Nino de Marialva*).
85 — "A Madrinha" (*Doina*).
86 — "Tio Pedro" (*Jayme Villares*).
87 — "O Crime do Juiz" (*Eugenio Peixe*).
88 — "Impossivel Amôr" (*João do Boulevard*).
89 — "O Crime do Zé dos Passos" (*Carlos Eduardo*).
90 — "Chantage fracassada" (*Livio Tito*).
91 — "O canto do bem-te-vi" (*Bencéper*).
92 — "Caprichos do destino" (*Paes Leme*).
93 — "Gertrudes" (*Maria Salomé*).
94 — "Margarida" (*A. Nestor*).
95 — "Lisette" (*Radagasio*).
96 — "Um caso excentrico" (*Alberto Aragão*).
97 — "A beira da estrada..." (*José Ninguem*).
98 — "Antonico" (*De Souza Caldas*).
99 — "Cadê a Maria Zé?..." (*?*).
100 — "Casa mal-assombrada" (*Colmar Velasco*).
101 — "Na desolação do carcere" (*Tupy*).
102 — "O Filho das Selvas" (*Arthur Ribeiro Lobo*).
103 — "A sussuarana" (*Graúna*).
104 — "Nas malhas de Cupido" (*De Souza e Silva*).
105 — "Come Balas" (*Synesio*).
106 — "Zilah" (*Siqueira Rangel*).
107 — "Meu filho" (*Rosa Maria*).
108 — "O aleijado" (*Rozelucis*).
109 — "O primeiro delicto" (*Job Leão*).
110 — "Corja!..." (*Blas Karpof*).
111 — "Amôr de tabaréo" (*Arnoldo della Vigna*).
112 — "Os namorados" (*Nelpas*).
113 — "Tabaco em pó" (*Pedroca*).
114 — "O cysne e a rosa" (*Estele Vaches*).
115 — "A imagem" (*Junior*).
116 — "O céguinho" (*id.*).
117 — "O amôr de Jandyra" (*Francisco*).
118 — "Ao sabor da sorte" (*J. B. C.*).
119 — "Cangaceiros" (*Pery Bahiano*).
120 — "Provação sublime" (*Pensativa*).
121 — "A sucury" (*Marquez Erick*).
122 — "O Sapateiro" (*Augustus*).
123 — "Por alma de Siá Mizaia" (*Tuta*).
124 — "A Mandinga" (*Creb*).
125 — "O punhal da moça do Engenho" (*Alita*).
126 — "O Caipora" (*Jomarvas*).
127 — "Com a corda no pescoço" (*Pathê Jornal*).
128 — "Onudecimo mandamento" (*Alberts*).
129 — "O Selvagem" (*Albertus*).
130 — "Aquella velha..." (*Novalys*).
131 — "A' procura de um commensal" (*Osamar*).
132 — "Louco?" (*Cicero*).
133 — "Fóra da Lei" (*Dr. Theophilo C. Sampaio*).
134 — "O preconceito" (*Conde de Barão*).
135 — "A adivinhação" (*Iradomar*).
136 — "Manú Flôr" (*Mario de Provence*).
137 — "Por amôr..." (*Torquato Caio*).
138 — "O ultimo assalto" (*Nogueira de Prados*).
139 — "Pae" (*Percy*).
140 — "Um Criminoso" (*El Gar*).
141 — "O Coveiro" (*Irapuan Gassorú*).
142 — "Uma historia que eu ouvi" (*Braz Theodoro*).
143 — "Conceito" (*Nofilde*).
144 — "Regosijo Accidentado" (*Jackes Berillo*).
145 — "Yvonne" (*Maria Salomé*).
146 — "Fait Lux" (*Maria Salomé*).
147 — "Branca de Neve" (*Clio*).
148 — "A mãe d'Agua" (*Maria Esmeria*).
149 — "Noite aziaga" (*Simbad, o Maritimo*).
150 — "Pequetita" (*Rival do Rio*).
151 — "Castigo" (*Joance Mongovi*).
152 — "A arvore phantasma" (*Cossaco do Don*).
153 — "P'ra mim foi cousa feita" (*Carlos Cevero*).
154 — "O lobishomem" (*Jota Emma*).
155 — "Historias de papagaio" (*Gyparaná*).
156 — "Amantino" (*Dilis Junior Bahia*).
157 — "Memorias de um Jagunço (*Avivido*
158 — "Alma de monstro" (*Tonic da Saudade*).
159 — "A historia de um presidiario" (*Eidmor*)
160 — "O sapatinho de Lila" (*D. B. M. S.*).
161 — "Fraternidade que prevalece" (*J. Belluario*).
162 — "Uma testemunha inesperada" (*Balthazar*).
163 — "Pae Ignacio" (*Abilato Ogal*)
164 — "A ultima inicial" (*Ignotus*).
165 — "O Espelho" (*Janu*).
166 — "Sangue Mestiço" (*Yara*).
167 — "A desavença" (*Jabo Filho*).
168 — "O Sabiá do Itapema" (*Nala Samaryana*).
169 — "Uma noite de Reis" (*Paraguassú*).
170 — "A lenda do Açude Verde" (*Aldo L'Avincia*).
171 — "Fiel" (*Lev*).
172 — "Folha de Album" (*D'Artagnan*).
173 — "Odeio-te" (*Mesquita Neto*).
174 — "O Samba da Sambaiba" (*Cecy Gerome*).
175 — "Mão Vermelha" (*Velhinho*).
176 — "A Irmã Maria" (*Flammarion*).
177 — "Reminiscencias" (*Olrebla Egroj*).
178 — "A Dansa da Morte de Jurupari" (*A. Marajó*).

(*Continúa no proximo numero*)

O PROBLEMA DO LEITE EM SÃO PAULO

A USINA VIGOR E A ORGANIZAÇÃO MODELAR DE SEUS SERVIÇOS

Procurando sempre dilatar o raio de acção que, uma revista popular feita nos seus moldes, deve exercer no seio de todas as classes sociaes, "O Malho", mau grado a sua fama de papão e de critico mordaz das nossas cousas, jamais se furta ao dever de elogiar as grandes iniciativas da nossa terra, quer promanem da administração publica ou da energia particular.

Está neste caso a grande organização que, sob o nome de "Leite Vigor", foi fundada na Paulicéa, em virtude da lei que sanccionou a regulamentação do commercio de leite de accôrdo com a sciencia e a technica moderna.

Para se avaliar do apparelhamento formidavel da empresa "Leite Vigor" que, pela propria natureza da industria que explora, opera por intermedio das varias usinas collectoras, no norte de S. Paulo e no sul de Minas, basta penetrar o magestoso portão da usina á rua Joaquim Carlos n. 174 e ver o importante edificio de linhas sobrias e modernas que, bem poderiamos chamar Palacio do leite.

Dotado dos machinismos mais perfeitos e de tudo quanto o progresso dessa industria concebeu de mais recente para a hygienização, pausterização e homogenização do leite, a Usina Vigor, além da limpeza irreprehensivel, indispensavel aos estabelecimentos do seu genero, denota mesmo, pela harmonia das linhas e fino acabamento que, de par com a noção do asseio, os seus dirigentes tiveram um senso artistico bastante elevado.

Para se avaliar o alto senso que presidiu a orientação dos menores detalhes de tão importante construcção, basta dizer que todos os apparelhos em contacto directo com o leite se acham providos de uma camada de aço-prata, particularidade importantissima, porquanto, lançada ha bem pouco tempo pelas fabricas Krupp, esse material ainda não foi empregado em nenhuma outra industria similar.

A simplificação do trabalho humano, tambem foi estudada da fórma mais pratica na Usina Vigor.

Graças a isso, apenas 30 operarios executam uma serie de trabalhos que, se não fôra a maravilhosa cooperação das machinas, teria fatalmente de occupar um numero de braços muito maior.

Installado no alto do edificio principal, funcciona o laboratorio chimico e biologico da Usina.

É, como aliás, tudo nessa admiravel colmeia industrial, uma apparelhagem á altura dos seus fins, achando-se á sua testa technicos especializados em lacticinios.

Pretendendo desdobrar a sua actividade pelo mais amplo raio de acção em tudo que se relaciona com o importantissimo problema do leite e derivados, a Usina Vigor, ha algum tempo que se acha estudando sob bases scientificas, tudo quanto diz respeito a fabricação de queijos, mesmo dos typos mais reputados no mercado internacional.

Tal providencia, além de constituir para o nosso paiz uma vantagem economica apreciavel, vem equiparar-nos aos povos mais adiantados do mundo, pois, já asseverou um escriptor notavel, num dos livros mais bellos da lingua portugueza que, pela gama e perfeição dos queijos, poder-se-ia aferir a civilização de um povo.

Os Sete Dias da Politica

A noticia da demissão do Sr. Oswaldo Aranha cahiu entre as barracas liberaes com o fragor de uma granada... Todo o acampamento se alvoroçou! E não era para menos. O secretario do interior do Presidente Getulio era uma das suas melhores esperanças... Além do ardor bellicoso, elle representava papel de indiscutivel valor no governo do Rio, por isso que era assim uma especie de sentinella do Sr. Antonio Carlos á vista do Dr. Getulio Vargas...

Comprehende-se, portanto, mui o bem o abalo experimentado em Bello Horizonte, onde o general em chefe da campanha alliancista se encontrava concluindo, ao que informavam os seus amigos, seu já famoso plano revolucionario!...

Agora, sem duvida tudo se transformou de novo e o Presidente de Minas terá mais uma vez que desagradar os seus partidarios, com mais uma delonga da coisa... O Sr. João Pessoa que vá tendo paciencia. Esta transferencia é apenas um adiamento no caminho da sua dictadura... e nada mais!

Que aguente mais uns mezes de pressão de José Pereira até que elle possa recompor os calculos perdidos por varios incidentes imprevistos. Hontem era Carlos Prestes que lhe pregava aquella peça formidavel de receber dinheiro para vir depor o Presidente Washington e depois sahir-se dos compromissos assumidos pela porta falsa do communismo. Hoje é o Sr. Oswaldo Aranha, o homem que empenhou a Brigada do Rio Grande a abandonar a sua posição estrategica sob o futil pretexto de não andar bem de saúde! Acham pouco tantos e tão serios revezes?

O Sr. Antonio Carlos tem razão de estar desanimado. Bravura de gaúcho é mesmo, como dizia o saudoso Lauro Müller, tão pouco para se crer como latim de mineiro...

* * *

Sabe-se já agora que o verdadeiro motivo da renuncia do Sr. Oswaldo Aranha determinou o insuccesso definitivo da revolução longa e pacientemente preparada pelo machiavelismo do chefe supremo da Alliança. O tenente revolucionario João Gualberto a quem tinha sido distribuido o papel de succeder a Carlos Prestes na chefia do movimento armado do Rio Grande acaba de informal-o por meio de uma circular aos seus correligionarios. Queixa-se o tenente da insinceridade do Sr. Getulio Vargas, que segundo os termos da mesma não é homem no qual possam confiar os amigos da revolução... Depois de tudo prompto e assentado pela mão do seu secretario demissionario, com uma intelligencia que fazia honra a qualquer general, o Presidente gaúcho resolveu retirar abruptamente o apoio do Estado a tudo quanto em seu nome se havia organizado para "compellir o chefe da Nação ao cumprimento do seu dever constitucional"... A larga messe de material bellico adquirido com os ultimos haveres do Thesouro dos pampas, o augmento dos effectivos da sua famosa Brigada e a formação de novos "provisorios", bem como as negociações com os revoltosos exilados, para o fim de se lhes entregar a direcção da bernarda, tudo ficou onde estava esperando apenas "voz de fogo" que hoje se sabe afinal não virá mais!

Dizem os jornaes bem informados sobre os passos da conspiração liberal que quem estragou tudo foi o proprio Sr. Antonio Carlos, o que francamente não acreditamos...

Consoante esta versão que nos parece uma intriga soprada dos pampas contra as montanhas alterosas, o recuo do Sr. Getulio tivera origem do recuo do Sr. Antonio Carlos...

O "grande" Andrada mandara dizer ao seu candidato á Presidencia da Republica, que Minas não dispunha de forças para resistir a uma pressão do governo federal, no caso de rebentar no Sul a intentona.

Deante disto queria saber até onde iria a capacidade aggressiva do governo gaúcho...

A resposta foi a que se vio, com a retirada do Sr. Oswaldo Aranha da Secretaria que convertera em escriptorio de actividades suspeitas á tranquilidade da Republica e do Estado.

* * *

Da consulta do Sr. Antonio Carlos do "poder offensivo" do Rio Grande não se deduz apenas que elle, mais uma vez, trahiu aquelle a quem convidara para a luta armada contra a União... Fugiu tambem vergonhosamente á acção policial do Centro, mal sentiu a distancia, a sombra de sua forte mão repressiva!

São desse estofo moral os individuos que a politica nacional vio da noite para o dia arvorados em seus reformadores! Mentem, intrigam, conspiram e quando chega o momento de comprovar praticamente a sinceridade das idéas de reacção que pregaram, encolhem-se e dizem aos seus associados que não se julgam em condições de lutas... Mas, então, onde estavam as armas, os homens e a coragem de que tanto alarde faziam? O facto do governo da União ter tomado providencias contra as suas constantes ameaças não justificaria por si só o recuo vergonhoso de que dão provas...

Quem quer brigar de facto não cogita das disposições que o adversario mostre de resistencia. Ao contrario, nos verdadeiros bravos esta capacidade é um estimulo, pois não lhes dá gosto baterem em cadaveres... Isto de só se fiar na fraqueza do inimigo ou na possibilidade de apanhal-o desprevenido é dos covardes, que a não ser protegidos por uma emboscada não ousam atacar ninguem...

Acaso teria o Sr. Antonio Carlos pensado algum dia na hypothese de tomar de assalto, por uma partida traiçoeira das suas, o governo da Republica?

Seria da sua parte uma tôla supposição. O presidente revolucionario de Minas já devia conhecer melhor o actual chefe do Estado. Todos os seus actos denunciam nelle uma intelligencia politica viva de mais para não alcançar os perigos que aqui ou ali pretendam salteal-o! Foi sem duvida mercê dessa defesa magnifica que S. Excia. poude com vantagens rebater os golpes que a astucia da raposa montanheza lhe preparou tantas vezes... Não admira assim que o levasse a desistir do maior delles, antes mesmo de leval-o a effeito. Neste caso, aliás, nem de maiores penetrações careceu o Sr. Washington Luis para sentil-o. A revolução carlista, contra toda a tactica das conspirações, foi vastamente annunciada. Chegou-se até a precisar dia e hora. Se toda a gente sabia disto, não haviam de ser as autoridades encarregadas de velar pela segurança nacional quem o ignorasse. E conhecendo-a não poderia ter cruzado os braços, para esperal-a sem as honras a que ella fazia jus.

Não tinha outro objectivo a concentração de forças do Exercito, nos tres Estados da Alliança Liberal do Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada...

* * *

O Sr. João Pessoa deve andar a estas horas deveras indignado com os seus inconsequentes admiradores... Nada menos de duas situações de ridiculo lhe crearam em mezes. Veio-lhe a primeira dos seus dominios, cama poderia fazer-ceza; nasceu-lhe a segunda da idéa triste de quererem á força convencer o paiz de que elle ia ser o seu salvador... Ora um pobre presidente de Estado que não tem forças sequer para jugular um movimento armado dentro dos seus dominios, como poderia fazer-se dictador da Republica?! Só mesmo na cachola de enfermos como o Sr. Antonio Carlos... A prova que tudo não passa de um sonho estupido, ou de um engodo offensivo da sua lucidez, é que o sobrinho querido do Sr. Epitacio vê agora Minas, dizendo que não tem como tentar realizal-o e o Rio Grande confessando a seu turno, que elle tambem não pode pensar nisso! Tem ou não o presidente da Parahyba carradas de razão para mandar a esses pandegos seus alliados — causadores de todas as desgraças de seu governo — um daquelles seus famosos despachos sem resposta?... A exploração da ingenuidade alheia tem limites... E o pobre do Sr. João Pessoa já deu demais nessa aventura a que o arrastaram os espertalhões seus alliados!

Não haverá de certo hoje no paiz quem de animo justo não lamente a sorte do unico combatente honesto que a Alliança revelou... Suas loucuras mesmo foram attestadas da cega confiança que depositou nos estimulos que os ludibriadores da sua bôa fé lhe mandavam de cá todos os dias. Portanto, se depois de tão provados os embustes da covardia de que foi victima, não responder S. Excia. aos farçantes com um daquelles gestos em que é rica a sua linguagem mimica, ninguem mais acreditará tambem na sua sinceridade! Mande pelo menos dizer ao distincto relator do pleito parahybano no Senado, que o telegramma mal cheiroso que lhe passou, chegou ás suas mãos inadvertidamente, pois, com effeito, se dirigia aos traidores dos seus dois grandes amigos...

CIRCULO ESOTERICO DA COMMUNHÃO DO PENSAMENTO

O Circulo Esoterico da Communhão do Pensamento, fundado em 27 de Junho de 1909, na capital de S. Paulo, é uma instituição educacional e instructiva, que conta actualmente 53.323 associados. Propõe-se combater o abuso do alcool e o emprego dos toxicos inebriantes; desenvolver, pela sua revista mensal, pelas suas conferencias semanaes e pela vasta correspondencia que mantém com todos os pontos do paiz e do estrangeiro, todas as possibilidades physicas, intellectuaes, emotivas e moraes do individuo, em beneficio da collectividade; diffundir efficientemente entre os seus associados um optimismo operoso, baseado na educação do pensamento e do fortalecimento da vontade; respeitar e apoiar as leis e os principios moraes, que cimentam a organização da familia e da sociedade; coadjuvar, de fórma efficaz, todas as campanhas humanitarias e altruisticas que em nosso meio se travarem.

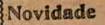
Não cuida o Circulo Esoterico de assumptos que abalem a cordialidade e a fraternidade humanas; não se preoccupa com as varias fórmas religiosas, sectarias, ou politicas; não distingue nacionalidade, crença ou côr; não cercéa em absoluto a liberdade de pensar e de agir dos seus associados.

Extende-se actualmente em 501 ramificações, a que denominamos Tattwas, distribuidas em todos os Estados do Brasil, na Argentina, no Chile, nos Estados Unidos da America do Norte, em Portugal e na India, algumas das quaes são dotadas de edificio proprio, escolas concorridas e bibliothecas bem installadas. Tem, na Rua Rodrigo Silva, n. 40, amplos e movimentadissimos escriptorios, em que trabalham cerca de 40 auxiliares. Construiu na mesma rua, n. 23, uma séde que é um verdadeiro mimo de arte e onde se vêm realizando, desde 27 de Junho de 1925, reuniões semanaes, grandemente concorridas, nas quaes se effectuam conferencias scientificas, educativas, philosophicas e literarias, summamente apreciadas. Acaba de levantar o magnifico predio do Largo de S. Paulo n. 20, para cujo salão se transferirão as reuniões semanaes e onde se farão concertos vocaes e instrumentaes, espectaculos theatraes e cinematographicos, tendentes ao mesmo fim de melhora do individuo. Proximamente ahi se inaugurarão tambem a Policlinica d'"O Pensamento" e o hospital "Pasteur" de Prompto Soccorro, abertos a todos os que, feridos pela dôr, a elles recorrerem.

Hospital "Pasteur" de Prompto Soccorro — Policlinica d'"O Pensamento"

Na rua Rodrigo Silva, numero 23, installar-se-á, outrosim, brevemente, uma bibliotheca franqueada a todos quantos se interessarem pelo estudo e pela leitura de obras uteis e agradaveis.

O policiamento da cidade tornou-se ha muito um dos mais sérios do Rio. Inexistindo praticamente, com a organização do actual apparelho de segurança publica, elle encontra, todavia, nas necessidades crescentes da sociedade que aqui se desenvolve, uma solicitação premente. Creal-o, portanto, reformando por completo o inutil systema ora em vigor, afigura-se a toda a gente uma providencia a que já agora não será mais possivel fugir. As proprias autoridades a quem se incumbiu dessa defesa são as primeiras a reconhecer esse estado de cousas, que não prejudica apenas o conceito do Rio, senão tambem o nome daquelles que têm a responsabilidade de sua guarda contra os malfeitores sociaes das diversas castas. Mas a culpa do que nos acontece nesse dominio, em verdade não é sua. Se não lhe dão os elementos de que carecem para o desempenho da sua funcção, como pedir-lhes conta do mal feito? Não é justo. Seria obrigal-os a descontarem os peccados dos outros...

Resolvamos, primeiro, assim, pôr-lhes nas mãos os elementos de que necessitam, para accusal-os depois. Os seus insuccessos presentes vêm, não em virtude da sua negligencia ou falta de capacidade technica, mas de uma organização que resulta em pura perda. Referimo-nos á má divisão que ora soffrem as policia civil e militar. O elemento civil, apresentando em face do outro uma inferioridade numerica consideravel, e comtudo aquelle a que se attribue maior tarefa. Não é possivel, porém, admittir-se o absurdo de se policiar uma capital das proporções da nossa com algumas dezenas de guardas! Houvesse no Rio ao menos para cada rua um rondante e não se precisaria talvez mais.

A policia militar, reduzida á metade, faria o resto. Por que neste caso diminuirmos o seu effectivo em favor do policial civil, já que as finanças nacionaes não comportam a equiparação, para o alto, de seus effectivos?

Um dos jornalistas estranhos que nos visitaram recentemente, entre as coisas que mais admirou no nosso paiz foi a excessiva liberdade de que goza a imprensa.

Este commentario do illustre confrade merece um registro especial, não porque constitua nenhuma novidade em materia de observação, senão pela sua coragem.

Até aqui, comquanto o sentissem todos certamente — tão chocante é o facto, sobretudo a olhos de profissionaes — nenhum delles ousára external-o. Para não desagradarem aos collegas brasileiros, preferiram elles calar esse ponto delicado... Mas a verdade é que devemos a esse visitante singular um grande, um admiravel serviço. Elle, sem o querer talvez, revelou-nos um dos ridiculos em que nos comprazemos com uma inconsciencia de pasmar. Gritamos a todos os quadrantes que morremos asphyxiados por um sem numero de leis de arrocho e somos todavia o paiz do mundo onde jornaes e jornalistas gozam, de facto, uma franquia que escandaliza a imprensa mais liberal do planeta que habitamos! Toda gente que conhece a linguagem da imprensa lá fóra vê isso; só nós o não enxergamos. Será que todos sejamos myopes? Certo que não. Somos apenas vesgos, — o que é differente, — pela paixão partidaria, que nos leva a protestar contra a oppressão dos governos na linguagem mais virulenta possivel!

Que diabo disso é aquillo? interroga-nos de olhos esbugalhados o estrangeiro que nos visita...

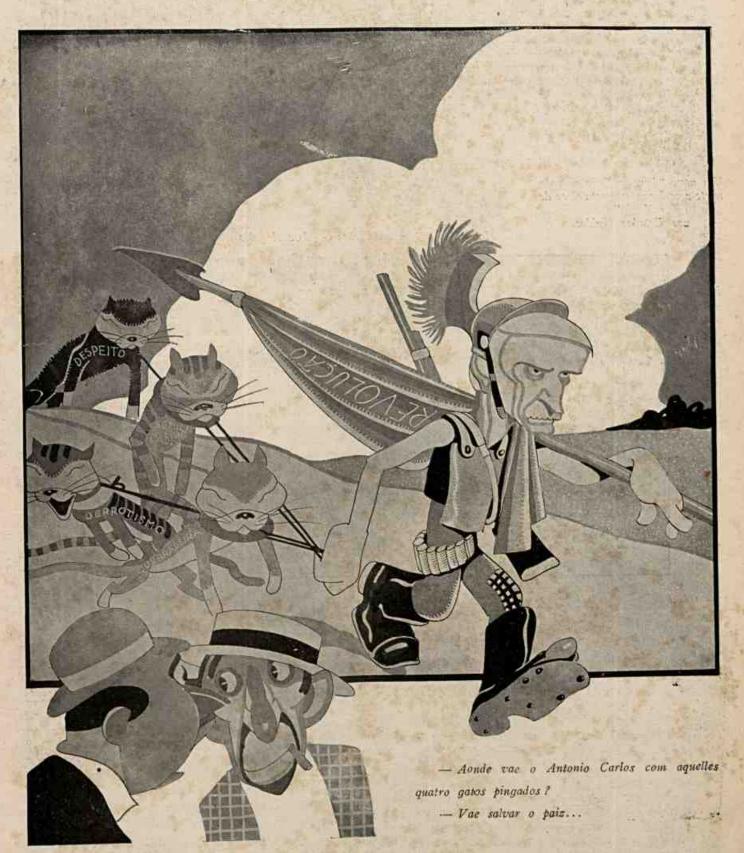
O MALHO

ANNO XXXX NUM. 1.451

RIO DE JANEIRO, 5 DE JULHO DE 1930

O MESSIAS...

— Aonde vae o Antonio Carlos com aquelles quatro gatos pingados?

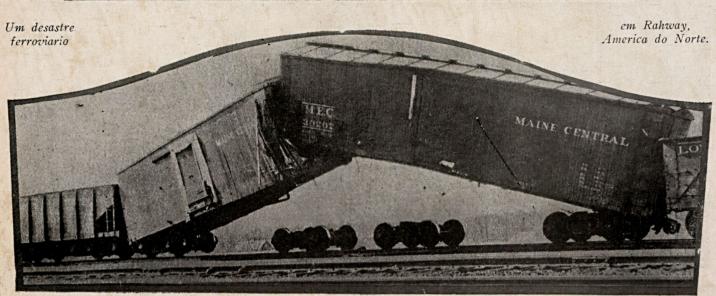
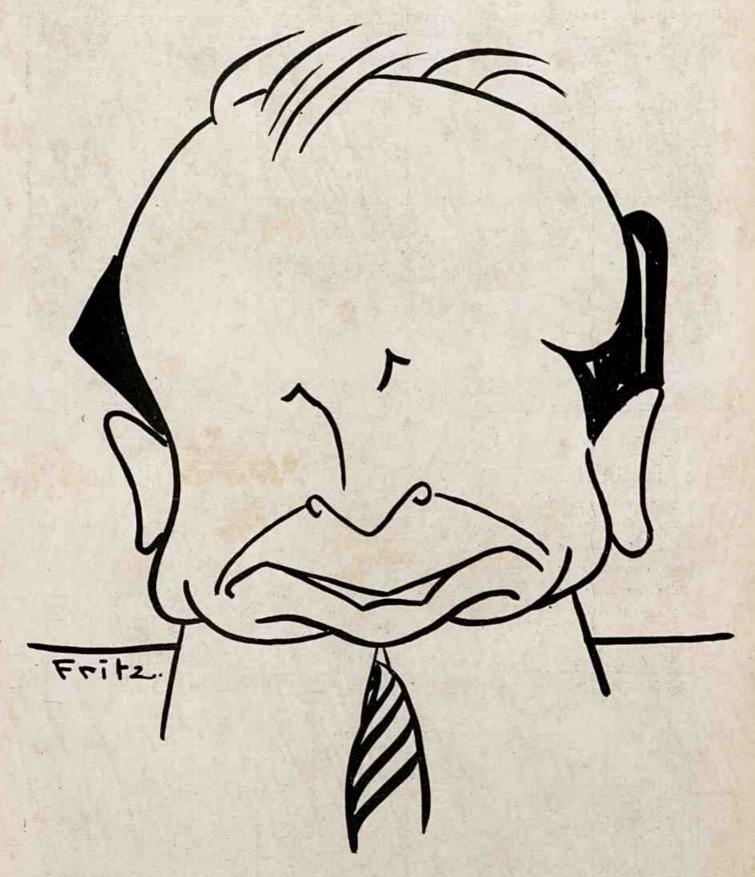
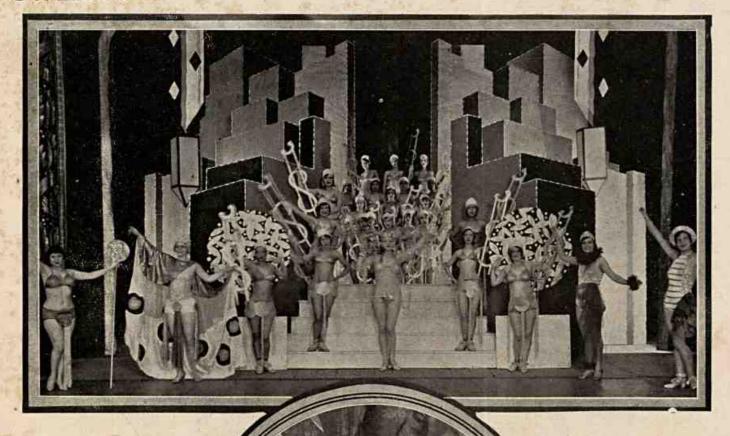
— Vae salvar o paiz...

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

Um novo "kangurú" da armada norte-americana, nos estaleiros de Norfolk, nos Estados Unidos.

Mabel Stark com seus leões — Los Angeles

Nova York — O tenente von Clauson Kaas, que fracassou nos planos de travessia do Atlantico em avião.

Mistinguett em 4 "poses".

Um desastre ferroviario em Rahway, America do Norte.

O Sr. Celso Bayma volta, agora, á Conferencia Parlamentar Internacional de Commercio como presidente da delegação brasileira. E' uma justa homenagem que o Congresso Nacional presta a uma das mais illustres figuras do Senado. O successo que o Brasil tem alcançado nas demais conferencias e o brilho com que se realizou a conferencia do Rio de Janeiro foram, em grande parte, obra sua, obra da sua luminosa intelligencia, da sua habilidade e do seu patriotismo. A sua presença na proxima reunião de Bruxellas vale, pois, pela certeza de novos triumphos a serem sommados aos muitos que S. Ex. já conquistou para o nosso paiz.

"E' DO OUTRO MUNDO..."

Flagrantes da linda revista de J. Carlos, nosso querido companheiro de trabalho, em scena no Theatro Recreio.

As gravuras mostram: Apotheose do 1º acto, Bailado acrobatico e Fuzileiros, que tanto exito alcançaram.

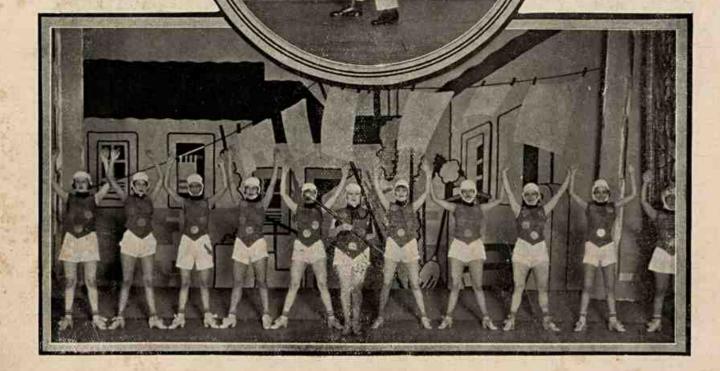
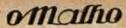
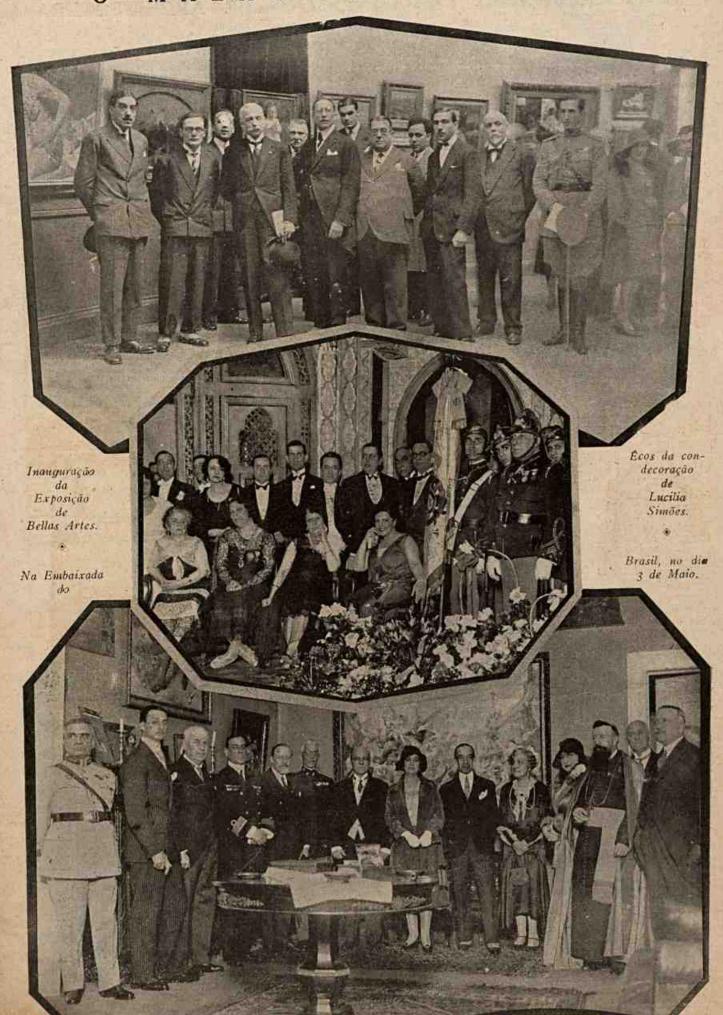
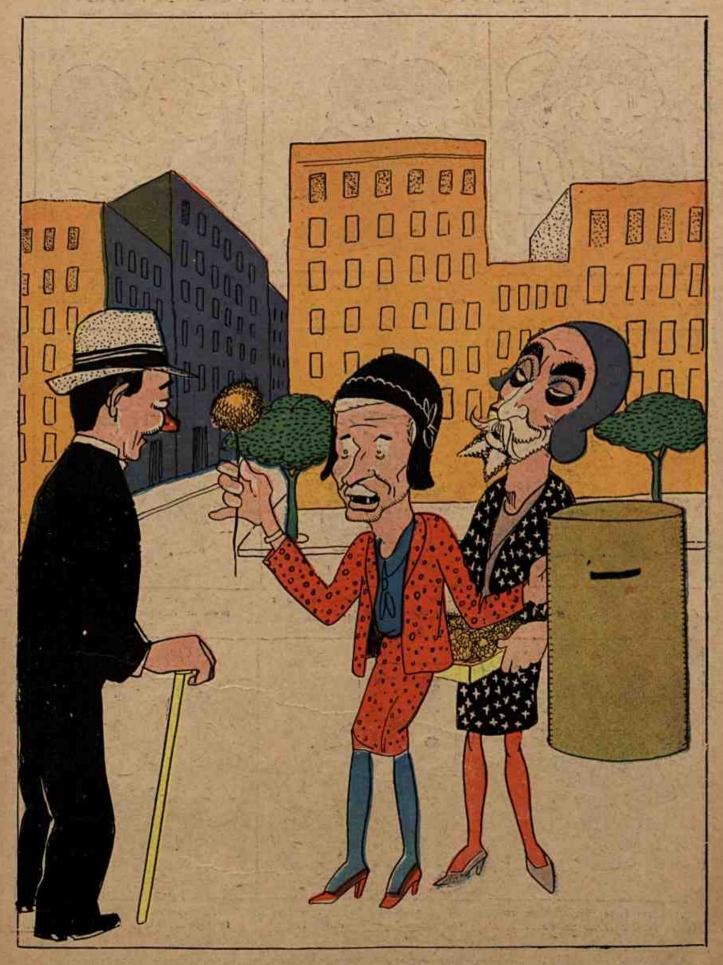
O IV CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARCHITECTURA

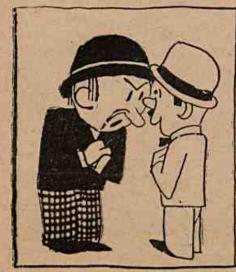
Aspectos do passeio realizado pelos congressistas á pittoresca Ilha de Paquetá. Foi uma festa de cordialidade onde os nossos architectos cumularam de gentilezas os nossos hospedes e convidados. As gravuras mostram flagrantes da permanencia e chegada á Ilha.

"O MALHO" EM PORTUGAL

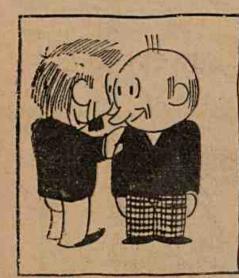
Inauguração da Exposição de Bellas Artes.

Na Embaixada do Brasil, no dia 3 de Maio.

Écos da condecoração de Lucilia Simões.

A S   P E D I N C H O N A S

— Cavalheiro, um obulo para os orphãos politicos da fallecida "Alliança"!
— Qual é a flor?
— Cravo de defunto...

"PARA O PRÉLIO TERRIVEL DAS ARMAS"

Dou-lhe a minha palavra — a cousa vae arrebentar...

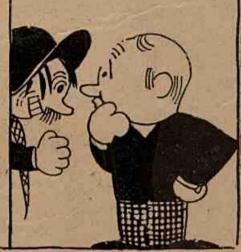
Não devemos causar suspeitas em nossas reuniões.

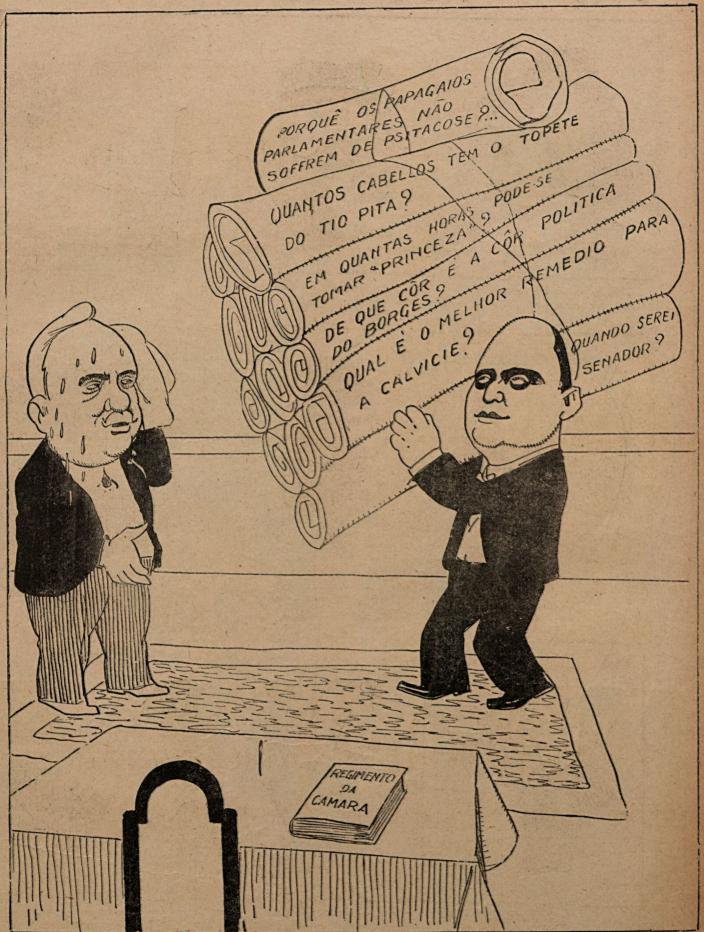
Mulher, a revolução é um facto! Eu mesmo serei um dos...

...seus grandes elementos. Tudo vae bem. Muito segredo.

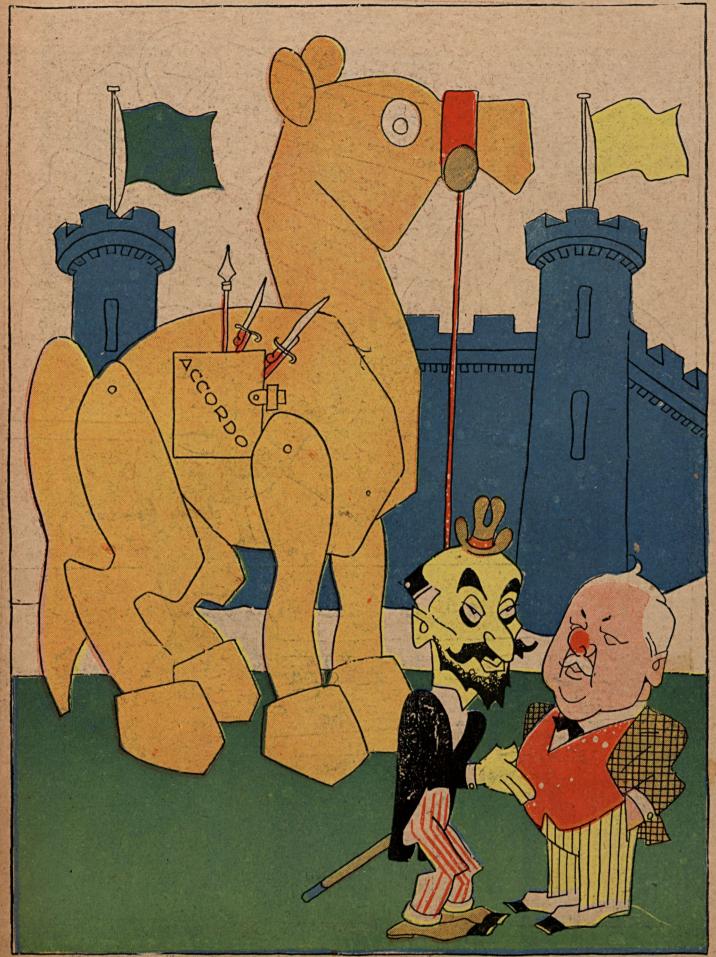
Pois é. A cousa vae mesmo e desta vez é a valer...

Cada um que assuma o seu posto de sacrificio pensando na...

...patria e na familia. Com as forças indispensaveis no dia...

...e na hora marcados: — Então, vamos? — Hoje não...

...posso, meu filho: ha um bruto jogo do Vasco e Flamengo.

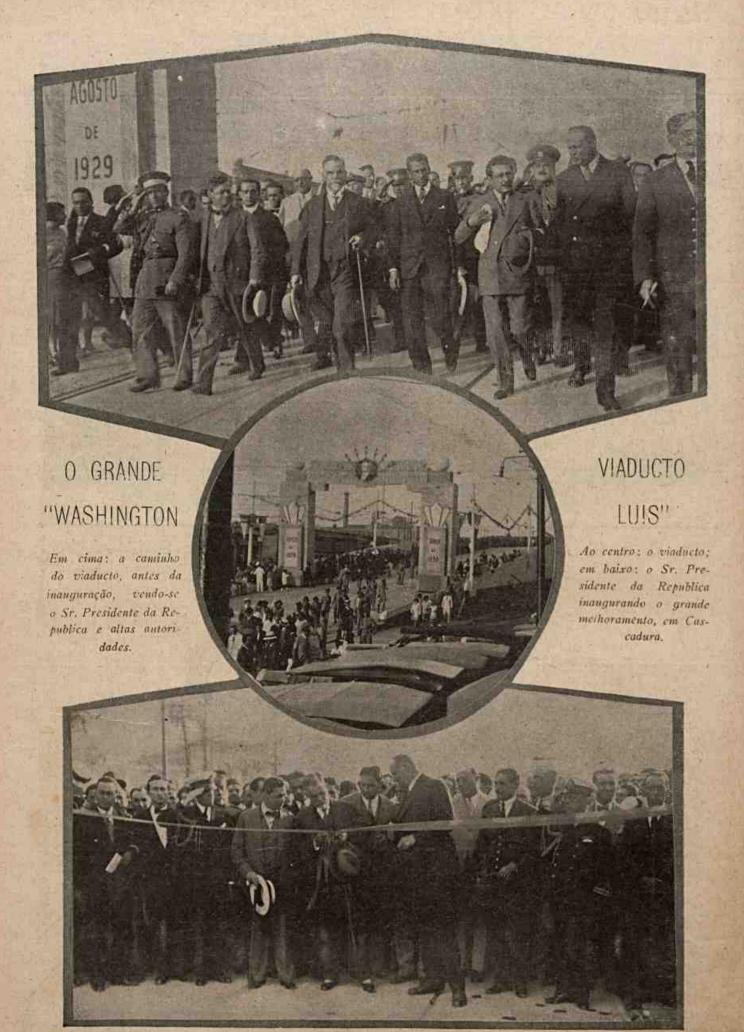
O ABELHUDO

CARDOSO DE ALMEIDA: — Oh Mauricio, dá-me uma folga! Eu não tenho obrigação de responder a tanta cousa! Você está confundindo "leader" do governo com "bureau" de informações!

O CAVALLO DE TROYA

JOSE' BONIFACIO: — Sebes, Cardoso? Tenho uma pechinha para ti. Quero vender-te o cavallo!
CARDOSO DE ALMEIDA: — Não me interessam os cavallos, "seu" Bonifacio! Nessa fortaleza não se entra de quatro pés!...

O GRANDE "WASHINGTON

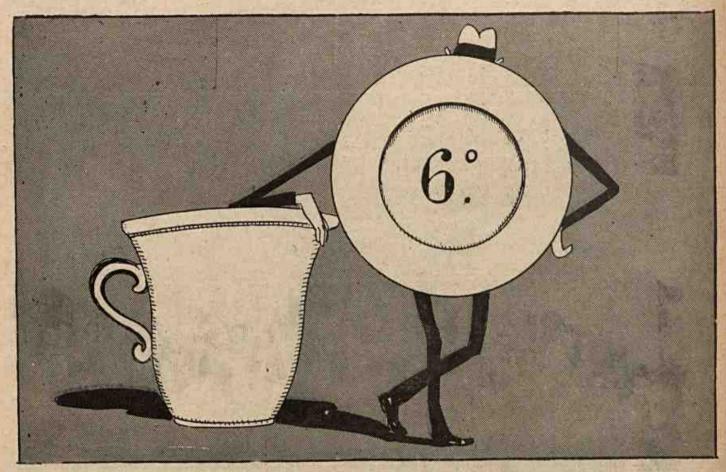
VIADUCTO LUIS"

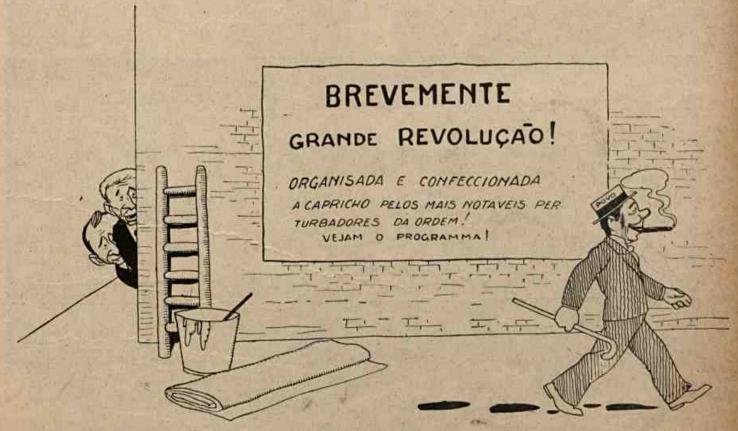
Em cima: a caminho do viaducto, antes da inauguração, vendo-se o Sr. Presidente da Republica e altas autoridades.

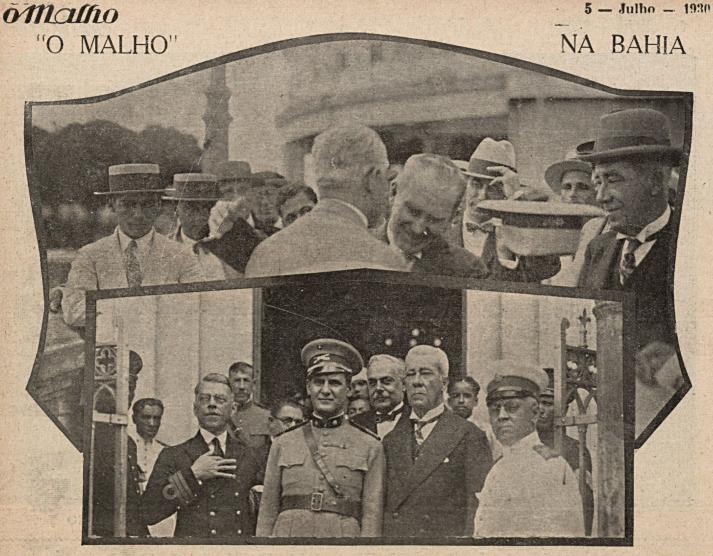
Ao centro: o viaducto; em baixo: o Sr. Presidente da Republica inaugurando o grande melhoramento, em Cascadura.

O SARÁO DOS CONDES PEREIRA CARNEIRO

Aspectos da festa que se realizou na "Casa do Moinho", dos Srs. condes Pereira Carneiro, na vespera de S. João. Foi uma reunião em que a tradição reviveu em toda a sua magnificencia.

"ESTÁ DANDO NA VISTA"

JOSE' ACCIOLY: — Está vendo? "O Mattos Peixoto é um bicho na dansa.
JOÃO THOMÉ: — Sim, mas elle é muito escandaloso. Só dansa com aquelle par...

"PORTRAIT-CHARGE" DO SR. PIRES SEXTO, GOVERNADOR DO MARANHÃO

MAIS UM VENDIDO

ANTONIO CARLOS: — Elle está rindo do nosso cartaz. Com certeza, foi comprado!

"O MALHO" NA BAHIA

Em cima: A passagem do Sr. Estacio Coimbra pela Bahia. A primeira gravura mostra S. Ex. abraçando o Sr. Vital Soares, governador do Estado, quando desembarcou. Ao centro: Autoridades presentes á missa festiva em commemoração ao 25º anniversario da Sociedade Beneficente da Força Publica do Estado da Bahia. Na photographia estão os Srs. capitão dos Portos, commandante da Região, chefe da casa civil do Sr. governador, Dr. Góes Calmon, e o coronel Americo Pedra, commandante da Força Publica.

O governador de Pernambuco, tendo á esquerda o Dr. Vital Soares, governador da Bahia, ladeados pelos secretarios do governo bahiano e pelo prefeito de S. Salvador. Grupo feito após o almoço que lhe foi offerecido no palacio da Acclamação.

"O MALHO" NO ESTADO DO RIO

Assignatura de posse pelo Sr. José Carlos Pereira Pinto no cargo de director do Fomento Agricola

O Dr. Joaquim de Mello saudando o novo director daquelle departamento e o mesmo agradecendo os cumprimentos

Grupo tomado após a posse do novo director do Fomento Agricola, Sr. José Carlos Pereira Pinto

A FESTA ANNIVERSARIA DO ASYLO INFANTIL N. S. DE POMPÉA

O Sr. Presidente da Republica, altas autoridades, o Sr. Desembargador Piragibe e convidados posando para a nossa objectiva no dia da festa.

Ao centro e em baixo: dois aspectos da solemnidade.

A FESTA DO "CURSO DE APERFEIÇOAMENTO ROYAL", DA CASA EDISON

Senhorinhas que terminaram o "Curso de Aperfeiçoamento Royal", em "pose" para "O Malho", no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio.

Ao centro e em baixo: flagrantes das provas finaes.

O presidente eleito do Brasil nos E. U. da America do Norte

O Presidente Dr. Julio Prestes chegando ao yacht "The Macon", que o conduziu a terra.

Depois dos cumprimentos de boas-vindas, vendo-se: George Acheson, secretario do Presidente Hoover, que representou esse presidente; Warren Robbins, representante do Departamento do Estado; Dr. Julio Prestes, George F. Mand, prefeito de Nova York, e Fernando Prestes, filho do Dr. Julio Prestes.

A chegada do Presidente Prestes a Washington, vendo-se da esquerda para a direita o Sr. Gurgel do Amaral, Embaixador do Brasil; Presidente Prestes, Secretario de Estado Henry Stimson.

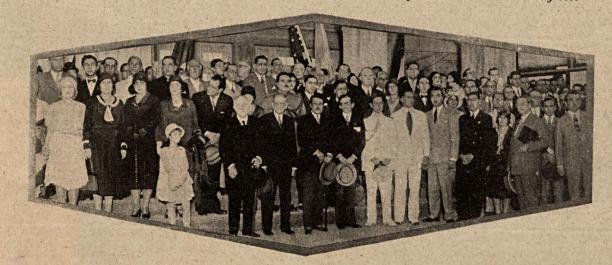
O Presidente eleito da Republica Brasileira depositando uma corôa de flores sobre o tumulo do Soldado Desconhecido, no cemiterio de Arlington.

O Presidente Julio Prestes e seu filho Fernando ao chegarem a Nova York.

O PRESIDENTE JULIO PRESTES, NA AMERICA DO NORTE

O Sr. Julio Prestes, presidente eleito da Republica Brasileira, em companhia do presidente Hoover, na "Casa Branca", em Washington.

IV CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARCHITECTURA

Aspecto do banquete offerecido pelo Sr. Ministro da Justiça aos membros do Congresso

Inauguração da Exposição de Architectura no Palacio das Festas

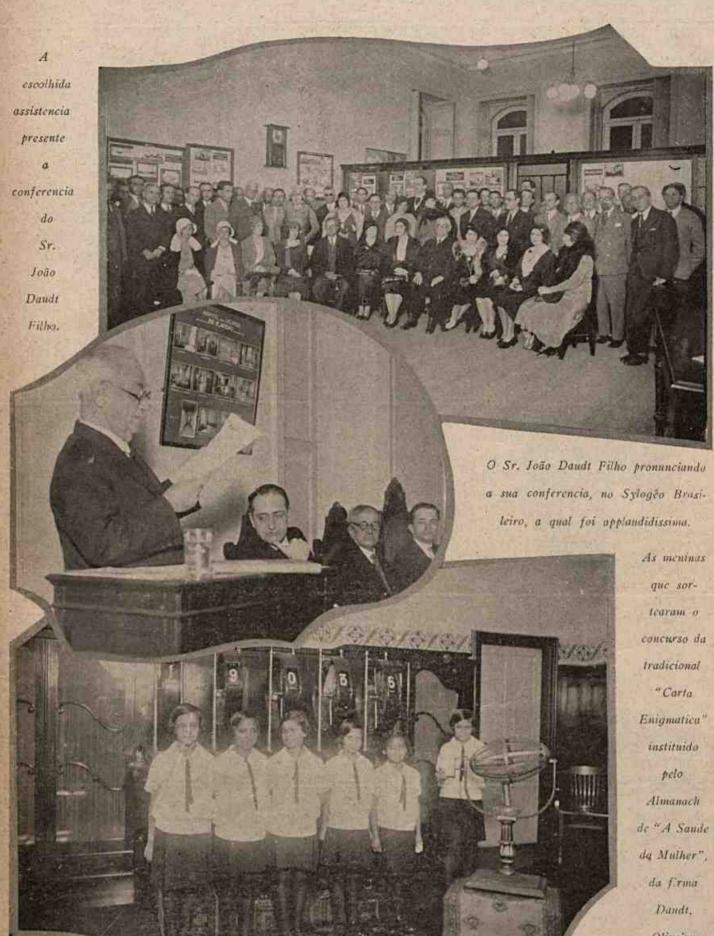
Depois do almoço que a "Acção Universitaria Catholica" offereceu aos delegados do Congresso, no Jockey-Club

NO SYLOGÊO BRASILEIRO

A escolhida assistencia presente a conferencia do Sr. João Daudt Filho.

O Sr. João Daudt Filho pronunciando a sua conferencia, no Sylogêo Brasileiro, a qual foi applaudidissima.

As meninas que sortearam o concurso da tradicional "Carta Enigmatica" instituido pelo Almanach de "A Saude da Mulher", da firma Daudt, Oliveira & Cia.

O Malho

SOCIEDADE B. DE ENGENHEIROS

Pessoas que assistiram a conferencia do Dr. Hildebrando Góes, na S. B. de Engenheiros.

O Dr. Hildebrando Góes pronunciando a sua magnifica e opportuna conferencia, na A. dos E. no Commercio.

Flagrante da installação da "Previdencia Judiciaria Brasileira" em dia da semana que passou.

JUNHO 22 DOMINGO

DIA A DIA

JUNHO 28 SABBADO

SANATORIO INFANTIL

Ha cerca de 10 annos a intelligencia constructora do saudoso medico Amaury de Medeiros creou a Cruzada Nacional Contra a Tuberculose, com uma secção autonoma da Cruz Vermelha Brasileira. Não cabe aqui a enumeração dos serviços prestados aos tuberculosos pobres do Rio pela benemerita Cruzada, que já chegou mesmo a installar em Nogueira (Petropolis), um Sanatorio Infantil para as creanças affectadas procedentes desta capital. A carestia geral da vida tem tornado penosa, ultimamente, a existencia desse Sanatorio, que mereceu do Conselho Municipal uma subvenção annual de 25 contos de réis. Acontece, porém, que o prefeito vetou essa modesta verba, attribuida a fins tão altos e meritorios. O Dr. Prado Junior, que inicialmente approvara aquella instituição, só por confusão com associações congeneres poderá ter vetado a resolução do Conselho. O dever do Senado, agora, é corrigir o lamentavel equivoco.

Dr. Amaury de Medeiros.

O BOM NACIONALISMO

O Sr. Mario de Oliveira recusou a offerta de £. 1.500.000 pela venda da Cia. Cervejaria Hanseatica a um syndicato inglez. Não é sem razão que se diz serem os filhos de estrangeiros os mais sinceros patriotas. E' verdade, tambem, que o fallecido Zeferino de Oliveira amava tanto o nosso paiz, que seria injustiça não se lhe reconhecer o direito a duas patrias: a de origem e esta, onde elle viveu, lutou e venceu brilhantemente. Pois o Sr. Mario de Oliveira, filho de estrangeiro, não foge áquella presumpção popular. Substituto do pae na chefia das diversas companhias que o grande e saudoso industrial fundou, ou reorganizou, recusou essa grande offerta allegando que, sendo a Hanseatica industria nacional, com maioria de brasileiros na direcção e no operariado, não deseja alienal-a, preferindo incremental-a, com ella cooperando para o desenvolvimento economico do paiz.

Sr. Mario de Oliveira.

O PRESIDENTE DO JOCKEY-CLUB

Acaba de regressar da Europa o Dr. Linneu de Paula Machado acompanhado de sua familia. O presidente do Jockey Club foi ao Velho Mundo, especialmente, para tomar posse, na Academia de Agricultura de França, da cadeira de Economia dos Animaes, para a qual foi espontaneamente indicado como membro estrangeiro, professando-a conjunctamente ao barão Peers de Nieuwburgh. A eleição do illustre brasileiro para aquella instituição de França, revela a alta consideração por elle desfrutada naquelle paiz amigo, nelle distinguindo o Brasil.

Dr. Linneu de Paula Machado.

UM AMIGO DO BRASIL

O ministro Manoel Bernardez, diplomata uruguayo que já representou, junto ao nosso governo, o seu paiz, muito, então percorrendo a terra brasileira, estudando-a e sobre ella escrevendo com o carinho revelado em *O Gigante Deitado*, regressou da Europa com a sua familia. Os varios annos passados no velho continente pelo brilhante e profundo escriptor platense, não o fizeram esquecer a hospitalidade cordial e justa, que aqui lhe dispensámos. A longa ausencia, pungida de uma saudade que tambem era nossa, fel-o, porventura, um admirador ainda mais enthusiasta da nossa terra, inspirando-lhe o proposito, que registramos com alegria, de fixar definitivamente, no Rio, a sua residencia.

NÉNE' BAROUQUEL

A Musa tem ainda, entre os mortaes as suas sacerdotizas. E destas Néné Barouquel é uma das mais prendadas: em physico, em espirito e numa expressão, dizer que é toda sua. Tambem seu é o auditorio mais culto e mais elegante do Rio de Janeiro, que ainda agora, e no ambiente aristocratico de difficil accesso do Theatro Municipal, tornou a se deliciar com a sua arte harmonica, que dá corpo ás mais lindas idéas poeticas... Néné Barouquel põe na sua declamação uma intelligencia que prende, e todo um coração rico da ternura dos mais delicados sentimentos.

Néné Barouquel.

CULTURA POLITICA

A ultima eleição municipal teve a vantagem, acima da lisura com que correu, de revelar um espirito de civismo inteiriço e de perfeita cultura politica: o Dr. Mattos Pimenta. O nosso brilhante confrade director de *A Ordem*, que naquella eleição foi candidato á vaga do Sr. Mauricio de Lacerda no Conselho, dirigiu-se, antes do pleito, aos seus concorrentes, estimulando-os na pratica da sã democracia. Ferido o pleito, com a victoria do Sr. Almeida Reis, apressou-se o Sr. Mattos Pimenta, logo depois da contagem das cedulas, em felicitar o seu adversario. Antecipou-se, dest'arte, ao *veredictum* da Junta Apuradora, dando um exemplo aos nossos politicos que deve ser seguido.

Dr. Mattos Pimenta.

MINISTRO SAMPOGNARO

O Sr. Virgilio Sampognaro, que o Rio hospeda neste momento, como ministro plenipotenciario do Uruguay junto ao nosso governo, é uma das personalidades de grande projecção mental e moral daquelle paiz amigo. O distincto diplomata é chefe da delegação uruguaya de demarcação das fronteiras do seu com o nosso paiz. A sua visita de agora, ao Brasil, não tem caracter essencialmente diplomatico. Reveste-se, entretanto, de uma feição muito sympathica, qual a de combinar, com as autoridades brasileiras, a realização do grande "raid" automobilistico Montevidéo-Rio de Janeiro, commemorativo da independencia do Uruguay e do 41º anniversario da Republica no Brasil.

Sr. Virgilio Sampognaro.

Com o projecto Vieira de Moura em favor dos jornalistas, o nosso Conselho Municipal responde desconcertantemente á imprensa carioca... Malsinado, ridicularizado mesmo, por tudo quanto é jornal da terra, a assembléa local acaba de provar assim a toda essa gente que não é, na realidade, tão má como dizem. Aliás, se havia alguem em nosso meio que carecesse de razão para dizer mal da assembléa da cidade este por certo não deveria ser o seu jornalismo. O Conselho sempre foi para elle de uma grande utilidade. Só a circumstancia de lhe fornecer a troco de insultos assumpto nas suas crises de materia prima, constituiria a nosso vêr um serviço inestimavel. Manda, porém, a justiça confessar que além deste, os jornalistas deviam ao legislativo do Municipio outros motivos de reconhecimento. Os logares na sua Secretaria, por exemplo, nunca se deixaram de abrir ao seu justo desejo de trabalho menos arduo e mais compensador... Entretanto, o pagamento lhe era feito ordinariamente na peor especie possivel!

Todo o mundo sentia o facto. Os Srs. Intendentes, no emtanto, collocando-se acima das fraquezas humanas não deixavam de olhar com a mesma sympathia os seus ingratos amigos... Não satisfeito com as innumeras affirmações nesse sentido, acaba de dar-lhes mais uma prova — a maior de todas com certeza. Quer para os homens de jornal a protecção do poder publico da cidade, com um caracter de assistencia effectiva, através de uma beneficencia definitivamente instituida na sua lei.

Queremos vêr se depois disto o nosso Conselho continuará para a imprensa carioca uma assembléa inutil, e se haverá ainda entre os elementos de jornal quem lhe aconselhe a suppressão summaria! Caso exista ahi quem o ouse, que espere ao menos a approvação do projecto ora em apreço...

O successo de uma exposição

Um aspecto do successo que tem sid a exposição de valiosos brinquedos que "O Tico-Tico" distribue nos seus concursos de São João e de Natal. O povo admira a artistica vitrine da Casa Pratt, á rua do Ouvidor ns. 123 e 125, onde a exposição está sendo feita.

UMA RARIDADE BOTANICA

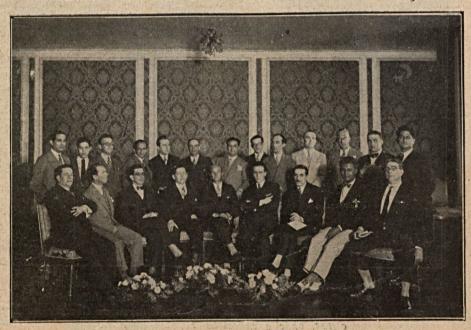
Cattleya "Edna", a rara epiphyta do orchidario do botanico Dr. Eduardo Britto, da cidade de Viradouro — São Paulo.

"O MALHO" EM SÃO PAULO

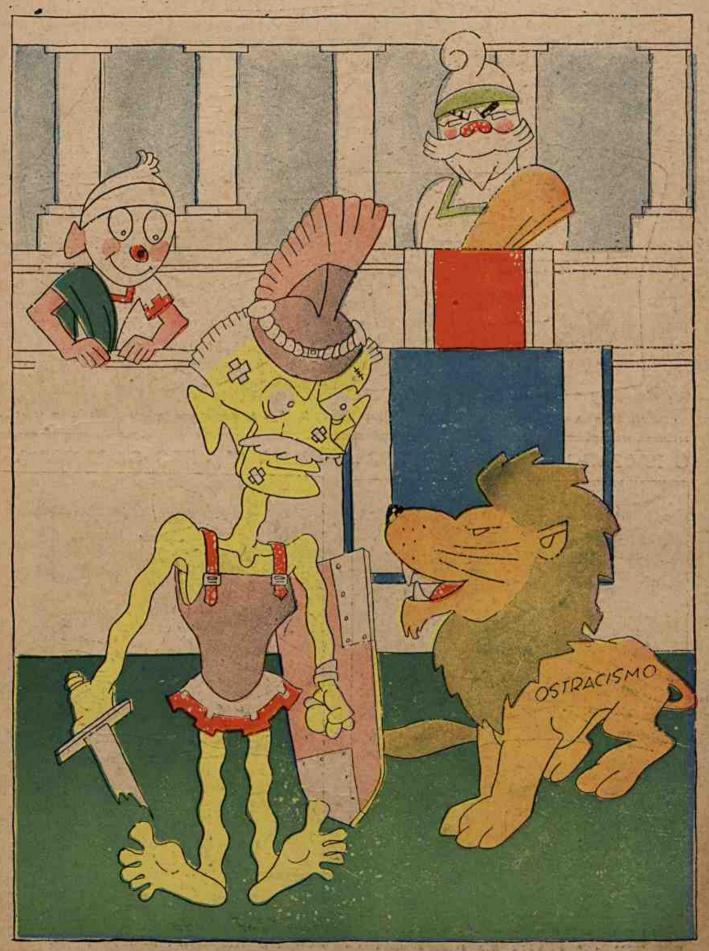
Aspecto da assistencia á palestra do Dr. Valencio de Barros sobre a excursão realizada ao Itatiaia pela Sociedade Paulista de Photographia.

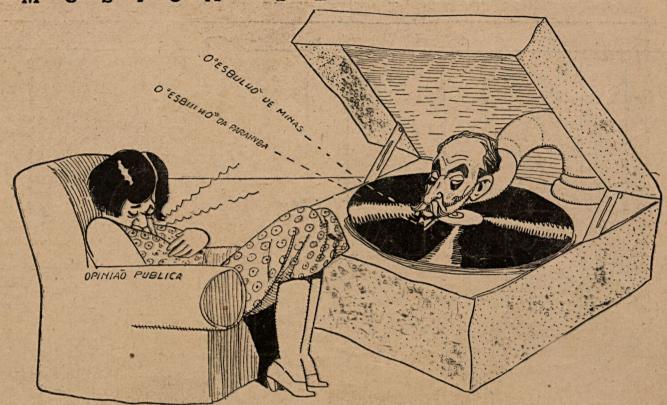
S. João é o mais alegre dos nossos Santos! E o mais inconsequente tambem... Brinca com fogo! Além dsto, para se divertir não procura logar, nem attende a consideração alguma. Póde zangar quem quizer! Elle, o folgazão da côrte celeste continúa firme, no seu folguêdo temerario e incommodo — para os outros já se vê. Até parece esse desapontamento é para elle um motivo a maior de satisfação... Veja-se, por exemplo, como elle ri e zomba mesmo dos que o aborrecem ou perseguem, lá de cima, com os seus balões! De quando em vez, solta sobre a cabeça de uns e de outros uma gargalhada de luz, que

O Sr. José de Mello, nosso leitor

A GENERAL MOTORS E O CHEVROLET APERFEIÇOADO

Jornalistas de S. Paulo que compareceram ao almoço offerecido á imprensa pela General Motors do Brasil, no Esplanada Hotel, para celebrar a apresentação ao Chevrolet Aperfeiçoado.

é a um tempo escarneo e desafio a sua impotencia... Este fala mal das suas alegrias bulhentas? Pois, lá rebenta bem perto do seu ouvido, inesperadamente uma das bombas que só elle sabe fazer... Aquelle murmura contra a sua falta de gravidade? Que soffra a irreverencia de um de seus buscapés... Contra as suas sortidas não póde sequer a policia, que, quando muito, chega para soccorrer as suas visitas... O melhor, portanto, é desistirem as cidades de perseguirem o folião do Santo e deixarem essa coisa de querer punil-o com as duchas dos Bombeiros... Por que não adherem ellas ás suas festas e não vão, como alguns dos seus elegantes, comer batatas assadas nas fogueiras dos mesmos e saltal-as de casaca?!...

ROMANO DE BARBACENA

JECA: — Aguenta firme, "seu" Andrada! Na politica é como na arena... O gladiador vencido é devorado pelas feras!

MUSICA DE CAMARA...

Concerto diurno e saporifero através do disco estragado do P. R. M., e do diaphragma rachado de Barba em scena...

O PASSARO DE MÁO AGOURO...

JECA: — Se lhe tivessem cortado as asas ha mais tempo, esse abutre não ensaiaria agora um outro vôo...

UMA ELEIÇÃO GARANTIDA

ZÉ POVO: — Coragem, Salles Filho, coragem. Você ainda ha de conseguir ser eleito na Santa Casa: para mastigar marmellada para os doentes.

D E S C O N F I A N D O . . .

WASHINGTON LUIS: — Você acha que é chegado o momento de descer sobre a Nação?
A PAZ: — Não sei... Desconfio que o campo ainda está cheio tocaias...

P R E S E N T I M E N T O

ANTONIO CARLOS: — Vamos parar com essa dansa, minha gente. Vamos parar... Eu já estou sentindo um bruto frio pela espinha.

CASAMENTOS

Albino Pereira da Silva

—

Maria de Lourdes Costa.

Carlos Luiz Andrade

—

Catharina Nanie

Em baixo:
Julio Couto

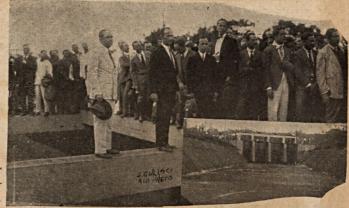
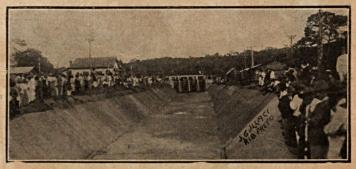
—

Maria Costa.

No medalhão, á direita:

Angelo Bosco
—
Estrella Perrote.

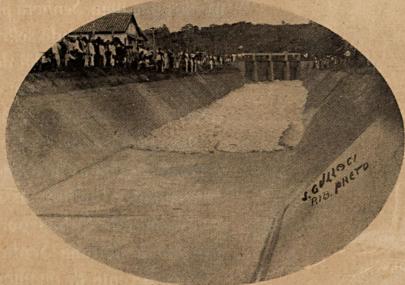
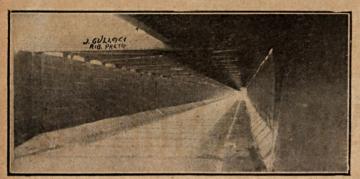
Zeferino Vallegas
—
Amelia Ferreira de Azevedo.

"O MALHO" NO MUNICIPIO DE RIBEIRÃO PRETO

Autoridades e pessoas gradas de varios municipios presentes ao acto inaugural da ponte canal. Ao lado: da esquerda para a direita, os Srs. Antonio da Silva, vice-prefeito em exercicio de Ribeirão Preto; Dr. João Monteiro, gerente das Empresas Electricas; Dr. Sylvio Ribeiro, deputado estadual; Dr. Odilon de Souza, gerente das Empresas, em S. Paulo, e um aspecto das comportas abertas logo depois da inauguração.

Familias presentes á inauguração da ponte canal, edificada a 18 metros acima do rio Sapucahy e as comportas antes da inauguração.

Varios aspectos tomados da inauguração da ponte canal, obra de vulto, edificada a 18 metros acima do rio Sapucahy, em Nuporanga, municipio da comarca de Orlandia. O acto inaugural foi presenciado por innumeras pessoas de varios municipios.

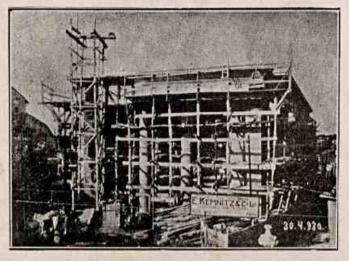
Nesse dia, 21 de Maio p. p., foi tambem inaugurada a usina de Dourados, movida com as aguas cujo trajecto é feito por 3 kilometros, em leito de cimento armado, no meio do qual está a gigantesca ponte canal.

Estas obras são da Empresa Electro Brasileira, com séde em São Paulo.

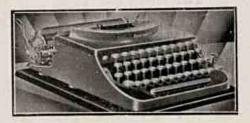
(Photos do nosso correspondente em Ribeirão Preto, José Gullaci.)

O acto inaugural, vendo-se as aguas entrando pelo canal em demanda á grande ponte.

A ponte canal, de 380 metros, vista por dentro e um outro flagrante da majestosa ponte, em cimento armado, cuja inauguração foi a 21 de Maio passado.

30-7=?
Faça a conta!
São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.
Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.
Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.
KOHOUT.
A SAUDE DA MULHER
A SAUDE DA MULHER

GENTE DE IDADE AVANÇADA

Gente de idade avançada
Que, do arthritismo alcançada,
Vive desesperançada
De ver o sol de amanhã!
Diminui tanta lida,
Essa oppressão desmedida!
Para estender vossa vida,
Basta usardes Lytophan!

Estado da construcção da Faculdade de Direito da Bahia em 30 de Abril de 1930.

O Prof. Bernardino de Souza, Director da Faculdade de Direito da Bahia, está levando a effeito, por meio de subscripção publica, a reconstrucção do grande templo de Direito que tanto honra a Bahia.

Merece, pois, apoio de todos os bahianos a iniciativa bnemerita do actual Director da Faculdade de Direito para quem devem ser remettidos quaesquer donativos.

TRISYLLABOS FAMOSOS

I

Depois de lições innumeras
Sobre trysyllabos, pede
O mestre-escola Mamede,
Exemplo aos alumnos seus.
Mas ficam todos estáticos,
E o mestre, rubro, zangado,
Diz que foi tudo baldado,
Erguendo os braços aos céos!

II

Mas levanta-se um discipulo.
A escola em peso emmudece.
Pelo seu garbo, parece
Provir de gente de escol.
O menino diz: — "Trisyllabo
"Mais famoso em nossos dias,
"Porque cura nevralgias,
"Só de um sei: o Transpirol!"

HOMENGA

O preço de um beijo

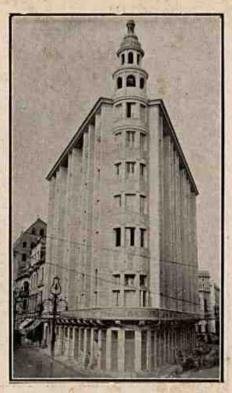
por *Vicente Sebastião de Araujo*

— Dize quanto vale um beijo?
— Quasi nada, muito pouco,
— Consentes? não tenhas pejo.
— Agora não, está louco?

— Louco, porque? que mal faz?
— Você fala com papae?
— Mais tarde serei capaz.
— E agora, porque não vae?
— Ora, um beijo custa nada.
— Perfeitamente, um nadinha.
— E, então, não ficas calada?
— Si elle deixar — casadinha!
Um beijo por uma casa,
Uma casa para a esposa,
Uma esposa com desejo
De querer dansar em braza,
E a filharada chorosa,
— Vê? Eis o preço do beijo!...

O Tico-Tico, jornal das creanças, apparece ás quartas-feiras.

"O Malho" na Bahia

Grupo apanhado no campo da Aeropostale, por occasião da passagem do aviador Mermoz pela Bahia. Vêem-se no grupo o consul francez, Mr. Hippeau; o Dr. Ruiz de Gambôa, director da Cessionaria das Docas, e funccionarios da Aeropostale.

Bahia — Aspecto da Rua Chile

Sr. João Adolpho Barcellos, funccionario postal, que no dia 4 festejou seu anniversario natalicio.

"O Malho" na Parahyba do Norte

Alumnos da escola rudimentar de Logradouro de Caiçara, Estado da Parahyba, que fizeram a 1ª communhão no dia 3 do corrente. Vê-se ao centro o Revmo. conego Aprigio Espinola, muito digno vigario da freguezia de Serra da Raiz, e a Exma. professora local D. Adelaide Franco, que muito se tem esforçado pelo desenvolvimento dos seus alumnos.

OS CORREIOS DA REPUBLICA EM ANARCHIA!

"E' demais!" — "Não cessam as reclamações!" — O kagado é um symbolo... — Tambem na agencia do Correio de Poções, na Bahia, os jornaes são subtraidos dos assignantes e vendidos a peso!

A agente dos Correios de Patos, no Estado de Minas, cujo crime de vender a kilo os jornaes que passam pela sua agencia denunciámos na edição passada, tem já um imitador conhecido na Bahia. E dizemos imitador conhecido porque, com a repetição desse inacreditavel attentado á propriedade, por funccionarios que por ella são responsaveis, nos ficou a triste convicção de que um bom numero de vergonhosas delapidações dessa ordem, em todo o Brasil, poderemos denunciar em numeros successivos d'*O Malho*.

O outro desviador criminoso de jornaes, que são subtraidos aos destinatarios para serem vendidos a peso, é o agente dos Correios em Poções, no Estado da Bahia.

Já denunciámos em carta mais esta patifaria ao director geral dos Correios, Dr. Severino Neiva. Sabemos que muito lhe interessam conhecimentos desta ordem de factos. Entretanto, um dever de lealdade para com o publico — muito mais interessado nessas cousas — obriga-nos a aqui transcrevermos a carta que denuncia a prevaricação do agente postal de Poções, na Bahia.

A carta do nosso assignante, cujo nome deixamos de publicar por ser isso agora desnecessario, está em nossos escriptorios á disposição do director dos Correios e da Sub-Directoria de Fiscalização Postal, e é a seguinte, com a singeleza das suas expressões:

"Poções, 10 de Junho de 1930

Amº. e Sr. — Saudações.

Mandei ha tempos tomar uma assignatura de *O Mez Illustrado*, pelo Correio. E até hoje nada. Sei que V. S remette a gazeta, mas como para todos os assignantes d'aqui vêm num só pacote, o agente do Correio vende aos commerciantes para embrulhos. O outro dia um rapaz comprou uns objectos numa casa e deram-lhe, no embrulho, a gazeta enrolada com a minha assignatura (que é a de numero 36 de Poções). Eram os ns. 4 e 3. Peço-lhe, por isso, que mande a minha assignatura separadamente. Só vi estes dois numeros no tal embrulho. Peço mandar-me os numeros 1 e 2, que não recebi. O Correio d'aqui, quando chega o pacote de *O Mez Illustrado*, o agente apenas o pesa e vende a kilos. Peço-lhe que dê uma providencia, etc."

Repetimos: a carta do nosso leitor de Poções, na Bahia, como as dos muitos leitores de Patos, em Minas, que são furtados nos seus exemplares de *O Mez Illustrado*, estão á disposição das altas autoridades postaes, do ministro da Viação, do presidente da Republica e de quantos tenham interesse em conhecel-a.

A DEFESA DO SR. PEREIRA LESSA NA ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA

Communicamos aos nossos leitores que o sub-director interino do Trafego Postal, Chico Lessa, mais uma vez está faltando com a palavra do compromisso solemnemente assumido perante o ministro da Viação. Convidado, ha mais de dez dias (escrevemos isto em 10 de Junho de 1930), pelo titular da Viação, para dar informações sobre as accusações que lhe foram feitas na Associação Brasileira de Imprensa, o Lessa teve a audacia de dizer ao seu chefe, que, sendo jornalista (?!...), perante aquella mesma aggremiação de classe faria a defesa da sua incapacidade funccional.

Nós o reptamos para que fosse... O Lessa não foi. E não irá!

Se fôr, lá estaremos.

No dia 30 de Junho, publicou o *Globo*, em sua edição matutina, o que abaixo transcrevemos com titulo e sub-titulo:

"DE COMO O KAGADO TAMBEM PÓDE SER UM SYMBOLO DE FIDELIDADE E DE ALTRUISMO

As cartas sempre chegam, com a graça de Deus!

Longe de nós a intenção, por mais leve que seja, de outra vez, hoje, formularmos mais uma reclamação contra os Correios nacionaes, o serviço mais bitola estreita, mais "pequena velocidade" de quantos attendem ao publico. Hoje, o que queremos é fazer o elogio do Correio, isto é, do nosso Correio.

E exactamente por seus methodos do systema pachorrento do "espera lá que eu já chego" é que os Correios da Republica se tornam altamente dignos do nosso encomio. Basta saber julgal-os com isenção e sob um certo ponto de vista, para se chegar a fazer-lhes estricta e merecida justiça.

E' assim que chegaremos, — a logica chega a tudo... — a concluir que o Correio do Brasil é um psychologo cheio de altruismo.

Dão-lhe uma carta contendo uma ansia, um desejo. Elle logo se lembra de que o melhor da festa é esperar por ella. A carta é de más noticias. E o Correio logo sentencia, demorando o effeito desagradavel da noticia, deixando que o destinatario, á falta della, vá vivendo com esperanças optimistas: *pas de nouvelles, bonnes nouvelles*. A carta é um pedido de dinheiro... E elle acóde em demorar a "facada", ao mesmo tempo que deixa ao pedinte a expectativa de ser servido e até lhe permitte ir gastando mentalmente o dinheiro que pediu e que provavelmente lhe será negado. A noticia é de morte. Má noticia, portanto, demora com ella. As lagrimas nunca chegam tarde... Felicitações, cumprimentos, agradecimentos, tanto melhor. A demora traz a compensação das reacções. Quando o destinatario está pensando que o outro é um esquecido ou um malcreado, lá chega a carta ou cartão...

E o destinatario:

— Logo vi. Era a demora deste infame Correio...

E o Correio sorri, generoso e satisfeito, sob o insulto. Promoveu uma reconciliação de uma discordia que já existia em intenção...

Mas não é só isso. E' tão incontestavel a fama da lerdice do Correio, que elle já serve de desculpa aos esquecidos que não lhe dão nada para levar, carta nem cartão...

— Você desculpe. Eu mandei. Mas este patife do Correio!...

Ora, eis aqui mil titulos á gratidão nacional.

Ahi vão, para concluir, diversos exemplos do bem intencionado vagar do Correio.

O professor Vicente Licinio Cardoso enviou um postal a um nosso companheiro, seu amigo, um postal, datado de Venna, 7 de Março deste anno. O postal chegou ao destinatario, pela mão do carteiro, a 10 de Junho. Ora, o amigo já estava triste e quasi zangado com o esquecimento, quando o Correio veiu, tardando, renovar, pela reacção, uma velha e ardente amizade.

— Ah! o amigo Licinio não podia se esquecer de mim. A culpa foi do indecente Correio que nós temos. Indecente é um pouco forte, mas o Correio gosa, com um altruismo sadico, o sabor desses desaforos!

O Sr. Romero Zander agradeceu os cumprimentos de boas festas de um amigo, em cartão postado na agencia

da Central, a 16 de Janeiro deste anno. O cartão chegou, pelo carteiro, ao destinatario, tambem a 10 de junho.

E logo o destinatario, a sorrir, satisfeito:

— Eu logo vi. O Zander não podia ser um malcreado. E' um homem de finissima educação. Foi esse bandido do Correio!

E o Correio sorri de novo, porque conseguiu firmar para todo o sempre, no espirito desse destinatario, a reputação de cavalheiro distincto e cortez, do Sr. Romero Zander, director da Central.

Depois disto, quem negará a benemerencia do nosso Correio? Quem negará a justiça de se lhe erguer um monumento que seria um kagado em bronze, consagrando na sua lentidão tradicional, esse mundo de boas intenções e de bons serviços que representa a sua marcha do "espera já, que eu já chego"?"

O mesmo jornal publicára em uma de suas edições de Junho o seguinte.

"A REPARTIÇÃO GERAL DOS CORREIOS NA ORDEM DO DIA

Não cessam as reclamações!

Acompanhada do certificado de registo n. 1.702, recebemos a seguinte carta:

"Sr. redactor — Se o *Globo* quer registar nas suas columnas mais um exemplo do descalabro que vae pelo nosso pessimo serviço postal, aqui o apresento.

Em 5 de Fevereiro de 1929 — ha mais de um anno e quatro mezes, — enviei ao Sr. Domingos Loureiro de Mello, tabellião em Itararé, Estado de São Paulo, a quantia de 245$, pelo registado n. 1.702, com o valor declarado. Em Março seguinte, o destinatario avisou-me de que não havia recebido o dinheiro. Desde então até agora, não tenho cessado de reclamar contra esse facto, perante a administração dos Correios do Estado do Rio, de onde está verificado que o registado seguiu ... seu destino. A's reclamações verbaes, insistentes, seguiram-se outras em requerimentos documentados, para que se não invocasse a prescripção annual, aliás em berrante antagonismo com o Codigo Civil. Tudo em pura perda!

Ultimamente cansado e desilludido de providencias burocraticas que se eternizam, dirigi-me duas vezes por cartas, uma dellas registada, ao Sr. director geral dos Correios, narrando-lhe o caso e pedindo-lhe providencias. O mutismo continuou!!

Afinal, quem me mandou confiar na honestidade dos Correios?!! Pois não estão os jornaes bradando diariamente contra ella?!!

Com apreço, seu. de V. S. att°., cr°. e patr°. — (a) Major *J. V. Costa Luna*, Rua Coronel Gomes Machado n. 82, Nictheroy — 19-6-930."

O *Correio da Manhã*, do dia 25, tambem do mez p. findo, assim commentou os abusos de *todos os dias* do serviço postal:

"E' DEMAIS!

E' noticia de todos os dias, mas nunca é demais insistir no assumpto; tão frequentes são os abusos. Seria um rosario infindavel se enumerassemos as reclamações que recebemos diariamente de nossos agentes no interior, especialmente de Minas e São Paulo, sobre o extravio dos jornaes nos Correios. O que ha a admirar em tudo isso é a displicencia com a administração postal se vem conduzindo em face da situação vexatoria. E', pelo menos, o que faz presumir a insistencia do abuso. Providencias energicas fossem tomadas e certamente os furtos de correspondencia teriam, por certo, senão desapparecido, diminuido um pouco...

Hoje, temos a registrar o que se passa no trajecto de Ribeirão Preto para Uberaba. Os jornaes que chegam áquella cidade, com destino ao Triangulo Mineiro, extraviam-se, quasi sempre, no caminho. A's vezes, por muito favor, deixam passar alguns exemplares... Parece que, se o quizesse, não seria difficil á administração dos Correios apurar a responsabilidade dos culpados...""

O anniversario do "Correio Paulistano"

O *Correio Paulistano* não é apenas um dos orgãos mais antigos da imprensa brasileira, senão tambem dos de mais brilhante tradição. Só o papel que exerceu na propaganda republicana lhe dá um grande lustre ao renome. Não ficam, porém, ahi os serviços que ha prestado ao paiz. Outros titulos apresenta elle, com o evolver dos annos, ao reconhecimento nacional, através da sua larga e culta orientação dos espiritos, já no sentido das questões politicas que se debatem á margem do novo regimen, já relativamente aos problemas de caracter economico ou financeiro que respeitam ao Brasil.

Servido sempre por intelligencias perfeitamente á altura das antigas responsabilidades e mais as novas que adquiriu como orgão do grande partido que tomou em São Paulo a direcção dos negocios publicos, nunca o vimos vacillar nas suas attitudes, nem fugir ao exame das mais sérias situações que se têm deparado ao Estado ou á Nação. O seu patrimonio civico vem sendo assim enriquecido com conquistas outras que em nada desmerecem ás dos seus primeiros tempos.

D'ahi o prestigio que desfruta, prestigio que lhe vem menos das suas ligações com o officialismo do Estado, do que da propria intelligencia com que se affirmou no seu posto de defesa e orientação dos elementos conservadores do paiz. Ainda agora vemos á sua frente uma das mais formosas expressões mentaes da geração que ahi está triumphando nas letras politicas e jornalisticas — o deputado Abner Mourão.

Em torno desse formoso espirito, claro, logico, culto, se aggrupam ainda varios outros, fazendo do illustre confrade paulista, um dos guias mais seguros da opinião, não só de São Paulo, como de todo o Brasil, e da sua redacção um dos centros de melhor cultura de sua imprensa.

Aproveitemos, portanto, a data natalicia desse jornal, que se festejou a 26 do corrente, para saudal-o com os melhores votos de felicidade, desejando a esse lucido coordenador das magnificas energias da terra das bandeiras, uma vida cada vez mais prospera a par de crescente actuação nos espiritos que encaminhou tão superiormente até aqui, com a sua palavra sempre autorizada, trabalho — suprema aspiração dos que se sentem com capacidade de realizar alguma cousa em favor do progresso da humanidade no sentido da liberdade mais fecunda que é, sem duvida, aquella que os povos desfrutam á sombra da ordem e do progresso.

— Não posso reconhecer o retrato que o senhor fez do meu filho. Não está parecido.

—.E' questão de paternidade. Faça o exame do sangue.

Um Escandalo

Continuam aparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria Gesteira* ou *Pharmacia Gesteira.*

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome *Gesteira*, para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias Gesteira* e *Drogarias Gesteira*, tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

Chantecler viuvo...

Era uma vez um ladrão.

Isto foi na minha terra pacata e honesta, onde o cinema funcciona uma vez por semana, e onde os mais incorrigiveis noctambulos ás nove horas já estão no leito.

Os ladrões são como as moscas, ou como a logica: existem em toda a parte.

Mas este ladrão de quem falo, distingue-se de seus collegas de "arte" por uma qualidade pouco vulgar nos de sua especie —a de ser humorista.

Cada roubo seu era acompanhado por uma jocosidade que em geral suaviza as amarguras de suas victimas; e estas eram as primeiras a rir-se, desforrando-se assim, em gostosas gargalhadas, dos prejuizos occasionados pelo imaginoso larapio.

Illustremos, com uma narrativa, as nossas asserções.

O nosso venerando e bom parocho tinha por unica distracção terrena a sua enorme criação de gallinhas (e patos, marrecos, perús tambem...), sempre augmentada com os mais formosos specimens que elle mandava adquirir em todos os mercados de aves de raça. "Era a sua cachaça", dizia elle olhando com certa vaidade intima a bulhenta multidão que cacarejava, grasnava, grulhava e piava no enorme cercado feito por elle proprio, proximo á egreja. Todos os dias, logo ao romper da aurora, e após as suas orações matinaes, elle descia a amilhar os seus queridos bipedes.

Ah! Como elle ficou intrigado quando, um dia, ao descer ao terreiro com uma cesta de grão, não viu siquer uma ave presurosa, num ruflar de azas ao costumeiro *ti-ti-ti-tiii!*

Dirigiu-se ao galllinheiro e...

O' decepção!

Dos palmipedes, das Leghornes, das Portlands, das "barbudas", dos gallos indios, dos oito perús que constituiam o orgulho do padre e a invejosa admiração dos demais avicultores da terra, não restavam mais vestigios que algumas pennas.

E o padre, estupefacto, ia já manchar — pela primeira vez na vida! — os seus beatos labios com uma praga formidolosa, quando, attentando melhor, viu, solitario e teso no poleiro, um gallo, que fora o sultão e maximo reproductor do harem gallinaceo.

Aproxima-se do bicho; a despeito de sua afflicção, não poude conter o riso.

O pobre gallo fora despido completamente de sua vistosa plumagem. Estava pellado, pelladinho, sem outro ornamento que uma lutuosa gravata negra no pescoço, e um cartaz tarjado de preto, amarrado na perna, com estes dizeres:

Ficou sem pennas, mas ficou com penas
Pois vêde o que o cruel destino fez:
Por meio dum ladrão nada galucho
Ao gallo deu a gala da viuvez...

HYLARIO CORRÊA

(Sorocaba)

P E L O   C O N S E L H O

Ainda pela terceira semana entraram o theatro João Caetano e o poço da Ilha do Governador.

É incrivel, mas é verdade.

É que nem sempre a verdade é verosimil.

Até o Sr. Leitão da Cunha falou sobre os dois casos.

No do poço deu uma lição serena e elevada, ouvida com attenção e respeito.

Estrangeiro que tivesse a extravagancia de conhecer uma sessão do nosso Conselho e ali entrasse naquella occasião, de certo se surprehenderia de encontrar uma assembléa politica composta de gente tão bem educada.

Por que não ha de ser sempre assim o Conselho?

Foram os Srs. Dormund Martins no poço, e o Vieira de Moura no theatro, com a sua impetuosidade, que puzeram o Conselho em ebulição.

Mas só o Sr. Leitão da Cunha é que foi ouvido. Sobre o poço, demoradamente; e sobre o theatro, ás ligeiras.

Afinal tudo tem sua explicação.

Os dois casos deram tanto de si, porque o do theatro servia para uma barretada das "duas maiorias" ao Prefeito, e o do poço, para outra barretada de alguns intendentes ao eleitorado da ilha.

✣ ✣ ✣

Tambem as manifestações propostas em homenagem aos Drs. Clementino Fraga e Lafayette de Freitas, pela extincção da febre amarella, embuçavam, ao que se disse, intuitos politiqueiros. Era ainda uma caçada de eleitores. Por baixo da capa o que estava era o mata-mosquito já alistado ou por álistar.

Foi preciso que ainda o Sr. Leitão da Cunha viesse trazer luz ao caso. Foi necessario que viesse mostrar ao Conselho que o terreno em que está á rua Barão de Icarahy, cuja denominação se queria mudar para a de Clementino Fraga, porque, confessou-o o pae da proposta, lá mora o illustre Director do D. N. S. P., fôra doado á Municipalidade sob a condição de ter sempre a dita rua o nome que até hoje conserva.

E porque o habito do cachimbo faz a bocca torta, o eminente professor entrou no exame da redacção da peça homenageante.

Nesta a precipitação foi tal, que disse do Sr. Clementino Fraga que este em moço já era um sabio. O que obrigou o illustre Intendente democratico a marcar dois erros ahi, pois nem aquelle seu amigo e collega era velho, nem em mais novo já pudera ser um sabio.

Outros foram depois apontados: o hospital Deodoro não fôra organizado em Olaria, mas no Cáes da Gloria; e Araguaia, mas não Araquajá, chamava-se o vapor em que embarcou o Dr. Clementino Fraga para combater uma "terrivel doença", que eram duas — "peste bubonica" e "Cholera morbus" — como aquelles conhecidos quatro evangelistas, que eram tres: Esahó e seu irmão Jacub.

✣ ✣ ✣

Enveredou o professor por um caminho em que só applausos póde colher.

Mas ou S. Ex. pára em meio da viagem, ou vae ter um trabalho herculeo.

Se não desanimar as actas do Conselho deixarão de ser o que têm sido. Poderá, então, a gente lel-as a serio, enquanto não tiver de considerar o caso das "duas maiorias".

✣ ✣ ✣

A subjectiva existencia destas, que se podem chamar — maioria do Sr. Edgard Romero e maioria do Sr. Jeronymo Penido — para não envolver em taes cogitações quem não faz parte do Conselho — veiu de empate na composição da Mesa — 10 x 10.

Sabe-se, porém, que com a ida do Sr. Mauricio de Lacerda para a Camara dos Deputados, só vinte dos vinte e tres intendentes a que ficou reduzido o Conselho entraram nessa luta.

De fóra e de palanque ficaram os Srs. Leitão da Cunha, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira.

Com uma das "maiorias" votou o Sr. Seabra, mas ninguem ignora que S. Ex. não é homem que tenha o seu voto dirigido pelo Sr. Penido. Votou tambem o Sr. Vieira de Moura, que, como já declarou, não marca mais o seu compasso pela batuta daquelle maestro.

Já essa "maioria" se mostra, pois, um tanto diminuida.

Admitta-se, porém, que, assim, não seja, que o Sr. Seabra fique por muito tempo onde só esteve por momentos e por motivos que da tribuna expendeu; admitta-se tambem que aquella declaração do Sr. Vieira seja um rasgo de oratoria, como a profissão, que acaba de fazer, de fé revolucionaria "da revolução que ha de vir para destruir a organização autocratico-politica a que estamos sujeitos", tão em desaccôrdo com o que elle dizia no anno passado; ainda assim a recente eleição do substituto do Sr. Mauricio pouca vida deixará a uma das "maiorias".

Ora, não é preciso consultar cartomantes para se prever o lado para o qual penderá o futuro intendente.

Parece, pois, que o bastão de "leader" da maioria, mas de maioria de verdade, ficará nas mãos do Sr. Romero.

O Sr. Penido dirigirá a minoria, que não chegará talvez ao terço do Conselho. E na opposição deve ser enorme — enorme, como dizia o Paula Ney e Coelho Netto nos conta.

✣ ✣ ✣

Ainda a tempo, pois, de aproveitar a sua posição de parte componente e conspicua de maioria, dessa maioria do Sr. Penido, andou o Sr. João Clapp Filho para apresentar o projecto que susta, até que esteja em dia o pagamento dos estipendios de todos os empregados municipaes, a cobrança de multas, aos ditos empregados, por infracção de posturas, e, aos proprietarios dos predios em que os mesmos empregados residirem, por atrazo no imposto predial.

Quando que "bonus dormitat Homerus".

Não se quer dizer com isto que o sympathico intendente seja o Homero do Conselho. Seria gracejo de mau gosto. Mas tão só que, se o proprio Homero cochilou, muito não será que qualquer intendente caia numa sonneca das boas.

Não viu o Sr. Clapp que o seu projecto não favorece aquelles que pretende beneficiar — primeiro, porque poucos, pouquissimos devem ser os empregados infractores, e depois, porque tendo a quasi totalidade desses empregados os alugueis dos predios em que residem garantidos pelo Montepio, até hoje não soffreram os proprietarios nenhum atrazo de pagamento.

Salva-se, porém, a intenção, que foi generosa. E isso já é de louvar.

✣ ✣ ✣

Generoso tambem, porém, mais feliz, o projecto que, num curto discurso, sincero e vibrante, trouxe ao Conselho

o Sr. Vieira de Moura com a assignatura de mais 18 collegas.

Bem justificado, esse projecto autoriza o Prefeito a ceder no Cemiterio Municipal de Inhaúma o pedaço de terra em que se acha sepultado o poeta Moacyr de Almeida para ahi ser erigido o monumento que lhe perpetue a memoria gloriosa.

E' gesto de grande nobreza dalma, de grande delicadeza moral, esse do Sr. Vieira de Moura e da quasi totalidade do Conselho que o acompanhou, a recordação numa casa de politicos de um poeta que morreu aos 23 annos, sem ter tido posição official de destaque, sem ter conquistado amigos poderosos, sem se ter feito chefe eleitoral.

Movimentos taes elevam e dignificam a quem os manifesta.

Por que não serão sempre assim os actos do Conselho?

Musicas e Discos

OUVERTURE

Vehiculo de propaganda efficiente, insuperavel mesmo, o cinema sonoro está causando um prejuizo tremendo aos compositores nacionaes.

Desde que o sr. Serrador installou os seus "movietones", exhibindo, inicialmente, "Broadway Melody", no "Palacio", nunca mais as producções brasileiras lograram exitos definitivos, retumbantes, á excepção dos triumphos carnavalescos de "Dá nella", "Yayá, Yoyô", "Na Pavuna" e varios outros.

Valsas, só "pegam" quando trazidas pelos films americanos, de permeio a scenas romanticas admiravelmente conjugadas com a melodia.

Fox-trots, então, especialidade do paiz dos dollars, não se quer saber de outros que aquelles das peliculas-revistas, "all talking, dancing, singing".

Os sambas de rythmo local, de letras estropiadas e mais ou menos sobre os mesmos motivos já estafados pela malandragem carioca, perderam noventa por cento do prestigio de que gosavam, até mesmo nas camadas inferiores.

Estas como as outras, começam, tambem, a se deixar infiltrar pelo encanto universal de certas musicas reveladas pelo cinema sonoro, embora não manifeste agrado pelas de caracter accentuadamente americana.

E até o tango argentino, que sempre foi um genero procuradissimo no nosso mercado, agora difficilmente consegue sobresahir um pouco, e isto quando se trata de uma peça excepcionalmente interessante.

Nas fabricas productoras de discos, actualmente, entre nós, não se faz outra cousa senão gravar, com adaptações para o portuguez, todos os numeros que vêm nos "talkies" de Hollywood, pois, segundo os seus directores, é a unica cousa que ainda se vende um pouco.

E esse estado de cousas, segundo parece, não tem caracter transitorio, o que não deixa de ser alarmante para os sambistas nacionaes, principalmente.

Só há um recurso: — é conseguir interessar o cinema sonoro no approveitamento de composições typicas brasileiras, fazendo-as figurar nos grandes "sketches" das cintas americanas.

Isto, por emquanto, não passa de um sonho.

E, dentro de alguns annos, pelo menos, não cremos que esse sonho venha a ter realização, maximé nella estando envolvidos os filhos do Tio Sam, que nada têm de sonhadores...

AS MUSICAS DO "BEM AMADO"

Ramon Novarro, talvez pela razão de ser um dos galãs da téla, entre as verdadeiras celebridades, que melhor voz possue, havendo o cinema falado ido ao encontro dessa sua virtude, consegue popularizar facilmente as canções que interpreta nos seus "films". Assim aconteceu com aquella valsa que elle cantou em "O Pagão" (Pagan Love Song) e assim já está acontecendo com os numeros do seu novo "talkie", que o "Palacio" está exhibindo sob o titulo de "O Bem Amado". Nelle, Ramon Novarro canta a linda e deliciosa canção "charming" (encantadora), a suggestiva "March of the old Guard" (Marcha da velha Guarda) e a amorosa "Sheperd's Serenade" (serenata do pastor), das quaes não se pode dizer qual a melhor. As fabricas de Discos estabelecidas nesta capital já expuzeram á venda as chapas das suas marcas, contendo esses numeros, bem como "If he cared", (Si elle quizesse) tambem do "Bem Amado", mas que é cantado por Dorothy Jordan e Marion Harris, principaes figuras femininas do "film". Das adaptações para o portuguez a "Odeon" já lançou as que conteém "Charming", "The Shepherd's Serenade", e "If he cared", com versões escriptas por Oswaldo Santiago.

NOVIDADES DA "VICTOR"

Essa poderosa editora de discos já lançou no mercado a chapa que encerra a magistral interpretação de Reis e Silva e Carmem Gomes, no duetto final do 1.º acto do "O Guarany", recentemente gravada nos seus "studios" nacionaes. Já tivemos opportunidade de referir-nos — aliás em primeira mão — a esse esplendido trabalho, dedicando-lhe uma longa chronica encomiastica. O duetto em questão (Sento una forza indomita) está impresso na chapa que tomou o numero 91.500 serie especial da "Victor"! Outros discos nacionaes dessa marca que acabam de apparecer: "Lenda Sertaneja" e "Romance Sertanejo", canções brasileirissimas, cantadas por Jesy Barbosa e acompanhadas ao Violão pelo extraordinario e talentoso Rogerio Guimarães, um mestre no dedilhar do pinho. Essas canções são da autoria de Candido das Neves e João Valença, respectivamente, sendo que na ultima a letra é de Raul Valença. A chapa que as contem responde pelo numero 33.284. "Gostinho differente" e "Neguinho", duas canções de Joubert de Carvalho, ambas cantadas por Carmem Miranda, tambem figuram entre as novas producções da "Victor", completando o disco n.º 33287. — E, para terminar, temos ainda o disco 33.281, que traz as valsas "Despedida", de G. M. da Silva, e "Beijos ao Luar", de V. P. Ribeiro com letra de André Filho.

* * *

"VENUS CARIOCA"

Conforme fomos os primeiros a noticiar, Gastão Lamounier, o festejado musicista da elite carioca, deu á publicidade, esta semana, a sua linda valsa "Venus Carioca", na qual se homenageia a belleza da sta. Marina Torres, a formosa "Miss Rio de Janeiro" deste anno. A nova composição do autor de "Renuncia" appareceu numa primorosa edição da "Casa Vieira Machado", tendo, na capa, um lindo clichê, em "maillot", da sta. Marina Torres, clichê esse que foi offerecido pela revista "Para todos...". Os versos de "Venus Carioca", da autoria de Oswaldo Santiago, dizem o seguinte:

1.ª PARTE

Não fosses tú mulher
e estrella ou flor
certo o Creador
faria a ti!
Mas rosa num jardim
ou astro no ar
não serias talvez
tão bella assim!
Não fosses tú mulher
e estrella ou flor
certo o Creador
faria a ti!
Porém, si Deus te fez mulher
foi só para te elevar
no altar
da nossa adoração!

2.ª PARTE

Mulher, é teu o mar
de praias brancas!
E' teu todo o esplendor
das manhãs francas!
E' tua a luz do sol
que te beijou
e que morena assim
a ti tornou!
Mulher, é teu o mar
de praias brancas!
E' teu todo o esplendor
das manhãs francas!
E' tua a luz do col
que um dia te beijou
e que morena a ti
tornou!

A nova valsa de Gastão Lamounier, como todas as suas producções, vae alcançar, certamente, um indiscutivel successo.

* * *

INFORMAÇÕES

—"*Kalatan*" é o titulo de um novo e curioso fox--trot, de estylo oriental, tendo, por primeira parte, umas reminiscencias de musicas arabe, que Joubert de Carvalho corpôz e que a "Odeon" fez gravar no seu disco n. 10.635, cantado por Francisco Alves. O titulo é que nos parece improprio, pois, pela letra que é banal, vê-se que "Kalatan" é um nome de mulher, quando a impressão que se tem é justamente a de que pertence a um homem... Além disto, vamos e venhamos, o sr. Joubert de Carvalho poderia, com um pouco mais de paciencia, encontrar outro titulo menos pretencioso e significativo para o seu fox-trot, que é bem bonito e inspirado.

— "Mama, yo quiero un novio", o popularissimo tango de R. Collazo e Fontainha, appareceu em nova gravação, desta vez em disco "Homocord" n. 3.470. No outro da chapa ha outro tango: — "Mananitas de Montmartre", de L. Demare.

— "Elsa", mazurka, e "Recordando o passado", valsa, ambas de Antonio Berlini, completam a chapa n. 5.159, da "Columbia". Trata-se de execuções, feitas pelo autor, em harmonica.

— "Seu Manduca" e "Eu sou pequeno", duas canções de Pery Pirajá, serviram para que se estreasse junto ao microphone da "Odeon", a sra. Berenice Antunes Piergili, cantora de voz educada e fidalga. As peças, como todas as de Pery Pirajá, revelam ser o seu autor um musicista inspirado e competente, um artista completo, emfim.

CORRESPONDENCIA

— Princezinha — Rio — Tivemos a impressão, com a sua ultima carta, de que D. Curiosidade não é, ou não quiz ser, um espirito penetrante e arguto. Não houve nenhum mysterio da nossa parte. As iniciaes, como facilmente se percebe, pertencem ao autor da versão portugueza da valsa "Acharás tua resposta nos meus olhos". Apenas, não quizemos dizer tudo de um modo mais claro por já havermos recusados a outras consulentes. Quanto ás informações que lhe prestámos, póde crer que a realidade ainda é muito peor... Nada de illusões. Quanto á proxima viagem de D. Curiosidade, teriamos interesse em saber se ella vae para o mundo da Lua e se vae de trem, automovel, navio ou aeroplano. A lembrança que della conservaremos terá a duração do delicioso perfume de suas cartas... Para que mais? Quanto ao titulo do livro que deseja saber, é "Gritos do meu Silencio". Está satisfeita, Princezinha? E, para terminar: — aquella palavra riscada intencionalmente, no fim da sua carta, seria bem mais sincera numa recusa posterior, que num aceite antecipado...

Laura La Plante — São Paulo — Muito bem, Mademoiselle, receba os nossos cumprimentos pelo seu bom gosto, do qual a

carta que nos enviou é bem uma prova. Quanto ao seu pedido, será satisfeito opportunamente. E, quanto ao verdadeiro nome do redactor desta secção, parece-nos que não é cousa que interesse ao publico leitor desta revista... Por isso, permitta que continuemos sob o velario de um pseudo anonymato, menos por modestia do que por commodidade e conveniencia.

João Pires — Therezina — Olá! O amigo pertencerá, por accaso, á familia real desse Estado, á nobilissima dynastia politica dos Pires? Si assim é, parabens. Temos certeza de que, a ser verdade, em breve teremos um cliente desta secção na Camara dos Deputados... Mas, mudando de assumpto, quer parecer-nos que as novidades musicaes demoram bastante a chegar em Therezina, o que é uma lastima. Si assim não fosse, não se justificaria o seu pedido da letra da "Ramona". Graças a Deus, não somos supersticiosos, sr. João Pires, pois, do contrario, a sua carta alem de vir com o atrazo de um seculo, ainda por cima nos faria um susto tremendo. Por causa das duvidas, porém, vamos deixar o seu pedido insatisfeito e terminar este recado com o seguinte "breve": — Toma figa...

Manduca — Rio — Não temos letras hespanholas das musicas a que allude. Os americanos não nos mandam a não ser os originaes inglezes dos seus "films" e não estão dispostos a fazer "reclame" das linguas alheias, no que estão cobertos de razão. Hoje, quem quer ser moderno trata de aprender o inglez. O proprio francez, que antigamente era o idioma universal, principalmente em se tratando de literatura, já vae perdendo terreno para o idioma cinematographico, que é o da patria do homem que descobriu a lampada electrica. Queiram ou não queiram, esta é a verdade. E o amigo, se não quer andar atrazado com a vida, trate de estudar o inglez, pelo menos sufficiente para fazer umas ligeiras traducções. Está de accordo;

TOM RÉO

PELOS CAMPOS...

CULTURA, HORTAS E QUINTAES

(Continuação do numero anterior)

Adubação — Horta

Como vimos acima, é de bom aviso dividir o terreno, para as plantas de curto periodo vegetativo, em duas partes. A metade destinada ás culturas mais exigentes recebe 300 a 700 kilos de estrume de curral bem curtido em cada 10 metros quadrados, que se enterra não demasiadamente fundo. Na mesma occasião ou algumas semanas antes da semeadura, respectivamente da transplantação, distribuem-se o mais uniformemente possivel de 2 a 4 kilos de chloreto de potassio, 3 a 5 kilos de superphosphato. 18%, ou farinha de ossos e 1,5 kilos de sulfato de ammoniaco, separadamente, ou em mistura e enterram-se estes adubos superficialmente por meio da enxada ou do ancinho. A parte do terreno destinada á cultura de plantas menos exigentes não recebe estrume de curral, mas sómente os adubos chimicos.

Ambas as partes recebem todos os annos por 100 metros quadrados 4 kilos de carbonato de cal, que devem ser enterrados, sendo que no canteiro que vae receber estrume se applica a cal duas semanas antes de dar o estrume e, no canteiro que só vae receber adubos chimicos, applica-se a cal uma a duas semanas antes da applicação destes.

Todas as plantas são gratas á uma adubação liquida supplementar e recommenda-se effectual-a todos os 10 a 15 dias em ambas as partes do terreno. Para este fim addiciona-se á agua destinada para a rega 15 a 20 grammas da mistura supra mencionada por cada 10 litros d'agua, regando-se depois com agua limpa.

Nas culturas de abobora, pepino e melancias despeja-se a solução, sem ralo, cuidadosamente nas covas, respectivamente, perto das covas.

A terceira parte do terreno aduba-se cada vez conforme a respectiva cultura, com estrume de curral e adubos chimicos, ou tambem sómente com estes ultimos. Tambem esta parte do terreno deve receber cal.

Si a cultura é feita em covas como, por exemplo, aboboras, chuchú, melancias etc. ou em valetas pequenas como o espargo, emprega-se estrume de curral bem decomposto, que se mistura bem com a terra e mais 100 a 200 grammas da mistura supra por 1 metro quadrado, em quanto que para aipim e batata doce emprega-se unicamente o adubo chimico.

Sementes

E' contraproducente querer economizar na compra de sementes; deve-se comprar sómente a de melhor qualidade e garantida por bôas casas. Muitas vezes a semente não germina aqui no Brasil, o que nem sempre é culpa do negociante um semeia fundo demais, outro muito razo, o terceiro, ao regar, despeja a agua com tamanha força que as sementes são levadas fundo demais para dentro da terra, um quarto rega com excessiva abundacia a semente collocada superficialmente no solo, descobrindo-a, do que resulta que a semente, prestes a germinar, morre ao calor do sol; um outro não percebe, que as formigas estão levando a semente, e, assim por diante. Contra este ultimo inconveniente, ha um meio efficaz, que consiste em regar os canteiros com uma emulsão de sabão e kerozene.

O emprego da semente de propria producção, na maioria dos casos, não é aconselhavel, visto que o cultivo em conjunto de diversas variedades redunda em cruzamentos, sendo já degenerada a semente colhida no segundo periodo subsequente, que produzirá sómente productos inferiores que facilmente espigam.

Epocas da semeadura

E' deveras difficil indical-a para todas as condições e circumstancias vigentes no Brasil. Em geral o horticultor por si mesmo poderá fazer um juizo a respeito, considerando que todos os legumes tropicaes ou subtropicaes geralmente são plantados, nas regiões calidas do Brasil, na primavera e os legumes provenientes da zona norte-europea geralmente em fins do verão ou principios do outomno. Assim plantam-se, por exemplo, no Districto Federal, o repolho, repolho crespo, alface, cenouras, beterraba roxa, couve-nado, ervilhas, feijão, etc. de Março até Agosto e, ás vezes com exito, até no mez de Setembro. Outrosim, quando as condições climatericas são propricias e em se tratando de culturas de curto periodo vegetativo (couve-rabano, alface), obtêm-se, ainda, resultados satisfactorios, plantando em principios de Outubro.

Nas zonas mais altas ou mais para o Sul, essas épocas differem com as condições climatologicas locaes, podendo se, eventualmente, semear com mais antecedencia, por exemplo em Dezembro.

A tabella infra dá algumas noções sobre as épocas de semeadura.

Viveiros

Em se tratando de plantas que não se semeiam immediatamente no lugar definitivo, devem ser observados os seguintes pontos; os viveiros se preparam de preferencia com terra vegetal, terra peneirada do monte de composto ou do matto, ou outra terra apropriada; quando necessario, desinfectam-se os viveiros, seja com vapor, por meio de agua fervente ou pela queima. Semeia-se por igual e esmiuçadamente. As plantas que, emquanto novas, cresceram juntas, não podem dar bôas mudas. Aperte-se a semente. Não se deve cobrir demasiadamente a semente, particularmente nos solos compactos; a camada de terra não deve exceder a tres vezes a espessura da semente; o mais acertado é cobril-a com terra do monte de composto, finamente peneirada. Depois de tel-a coberto, aperta-se novamente. Deve merecer especial attenção, que os canteiros conservem certa humidade, regando-se cuidadosamente, com ralo bem fino. Protejam-se os canteiros, quando não estiverem situados na sombra, com folhas de palmeira etc. durante as horas de sol forte. Tendo-se semeado muito junto deve-se, afim de obter bôas mudas, desbatar mudas, desbatar em tempo.

Semeadura no logar definitivo

As indicações dadas acima tambem têm, mais ou menos, applicação quando se semeia no logar defitivo; a semeadura em linhas deve, em quaesquer casos, ser a preferida; tambem aqui é de muita vantagem protegel-a com folhas de palmeira, etc.

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

Telephone 4-5325 — Rio de Janeiro

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducção á Sociologia Geral, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.) ... 15$000

A mesma obra (Encadernada) ... 20$000

Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) ... 35$000

A mesma obra (Encadernada) ... 40$000

Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) ... Broch. 25$, enc. 30$000

Tratado de Ophthalmologia, vol. 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) ... Broch. 25$, enc. ... 30$000

Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) ... Broch. 30$000, enc. 35$000

Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º Vol. Broch. 25$000, enc. ... 30$000

Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. ... 25$000

Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$, enc. ... 30$000

Amoroso Costa — *Idéas Fundamentaes da Mathematica*, Broch. 16$000 enc. ... 20$000

Otto Rothe — *Chimica Organica* — 1º Vol. tomo 1º 20$000 enc. ... 25$000

F. Moura Campos — *Manual Pratico de Physiologia* Broch. 20$000 enc. ... 25$000

P. Miranda — *Tratado dos Testamentos*, 1º Vol. Broch. 25$000 enc. 30$000 2º Vol. Broch. 25$000 enc. ... 30$000

C. Pinto — *Parasitologia*, 1º Vol. Broch. 30$000 enc. 35$000 2º Vol. Broch. 30$000 enc. ... 35$000

EDIÇÕES A' VENDA

Cruzada Sanitaria, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) ... 5$000

Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) ... 2$000

Cocaina, novella de Alvaro Moreyra (Broch.) ... 4$000

Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort (Broch.) 5$000

Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva (Broch.) ... 5$000

Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) ... 5$000

Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) 5$000

Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu (Broch.) 3$000

Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva (Broch.) ... 2$500

Chimica Geral, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.) ... 6$000

Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) ... 15$000

Promptuario do imposto de consumo em 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) ... 6$000

Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) ... 5$000

Como escolher uma bôa esposa, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) ... 4$000

Humorismos innocentes, de Areimor (Broch.) ... 5$000

Toda a America, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) 8$000

Indice dos Impostos para 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) ... 10$000

Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.) ... 10$000

Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada (Enc.) ... 20$000

Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Porf. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.) ... 10$000

Theatro do Tico-Tico — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley 6$000

O orçamento — por Agenor de Roure (Broch.) ... 15$000

Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho (Broch.) ... 15$000

Desdobramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) ... 5$000

Circo, de Alvaro Moreyra (Broch.) ... 6$000

Canto da Minha Terra. 2ª Edição. O. Marianno ... 10$000

Almas que soffrem. E. Bastos. (Broch.) ... 6$000

A Boneca vestida de arlequim. A. Moreyra. (Broch.) 5$000

Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos ... 1$500

Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes, (Broch.) 16$, enc. ... 20$000

Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza ... 6$000

Grammatica latina, de Padre Augusto Magne S. J. 2ª edição (Broch.) 16$ enc. ... 20$000

Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prélo ...

Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição (Enc.) ... 12$000

Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) ... 10$000

Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) ... 7$000

Candido Borges Castello Branco (Cel.), *Vocabulario Militar* (Cart.) ... 2$000

Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart) ... 4$000

Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.) ... 2$500

Problemas praticos de physica elementar, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) ... 2$500

Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) ... 3$000

Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) ... 5$000

Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra (Brochura) ... 1$500

Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) ... 8$000

Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes (Dr.) 3ª edição ... Broch. 25$, enc. 30$000

Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.) .. 6$000

Miranda Valverde — *Evoluções da Escripta Mercantil* .. 15$000

Moraes — *Sã Maternidade* ... 10$000

Celso Vieira — *Anchieta* ... 16$000

Wanderley — *Album Infantil* ... 6$000

Ancel — *Physiologia Cellular* ... 8$000

Alvaro Moreyra — *Adão e Eva* ... 8$000

A. Magne — *Selecta Latina* Broch. 12$000, enc. ... 15$000

Renato Kehl — *Livro do chefe de Familia* — enc. ... 25$000

Heitor Pereira — *Anthologia de Autores Brasileiros* ... 10$000

Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º (Broch.) ... 3$000

AINDA HA ESCRAVIDÃO NA AFRICA?

Albert Londres, o escriptor francez, responde, affirmativamente, num formidavel libello que abalou a consciencia européa.

Albert Londres não é um nome desconhecido do publico sul-americano. Elle já aqui esteve e publicou sobre sua viagem á Argentina, um livro interessantissimo — *Le chémin de Buenos Aires* — que é uma das mais curiosas reportagens que já se escreveram sobre a vida dessa parte da America do Sul

Albert Londres acaba de fazer uma viagem de estudos á Africa, e dessa excursão nos dá um novo livro — *O trafico de negros* — que, além de ser uma obra de observação e de interesse, constitue um formidavel libello contra o regimen de escravidão que a França mantém no Continente Negro, sob o titulo de regimen colonial. Deste vehemente libello, escripto em linguagem risonha e despreoccupada — da qual se destacam, com mais força de colorido e de expressão, os quadros dolorosos de miseria e de impiedade — nós traduzimos algumas paginas que vêm confirmar e reforçar a impressão de horror pela obra civilizadora dos brancos, que Renée Marin soube despertar, na Europa toda, desde a publicação de *Batonala*.

OS FILHOS DE CHAM

"Estamos entre os negros, os verdadeiros, os puros — não os filhos do suffragio universal, mas os filhos de Cham. Como são amaveis! Sabem das moitas para dar-nos os bons dias. Agitam os braços com tanta sinceridade e o sorriso illumina-lhes de tal modo o semblante, que somos obrigados a acreditar que elles têm um verdadeiro prazer em nos ver. Olham-nos como se algum dia tivessem sido cães e lhe houvessemos dado um torrão de assucar. Entre elles, sentimo-nos uma especie de deus de opereta.

As suas aldeias não estão amontoadas umas sobre as outras. Apparecem disseminadas, no grande continente. Uma aqui, outra ali. E entre este ali e aquelle aqui, centenas de kilometros. O povo negro não augmenta. Homens e mulheres andam desnudos, com infinito pudor. A's vezes vêem-se mulheres que cruzam os braços sobre o peito, quando, as encontramos: são as velhas. Viajam a pé. Aonde vão sempre em marcha? Longe. Longe. Muito longe. Uma viagem de uma semana, para elles, é uma trivialidade. Os negros caminham com a mesma naturalidade que nós respiramos. Caminham os homens, as mulheres, as creanças, com pernas firmes e coração animoso. Apenas se levanta o sol, toda a Africa se põe em marcha: *diulas* que trazem sal de Tombuctú e levam nozes da Costa do Ouro; infelizes que atravessam o Senegal, de ponta a ponta, por uma questão de mulheres, uma nonada; aldeia que segue, sobre os pés dos varões, de suas esposas e progenitora, a carregar o algodão do commandante: ha dois dias caminham e não se deterão, até amanhã de manhã. Aquelles que não tiverem seleccionado, direito, o algodão, irão para o carcere. E todos caminham, com um sacco de trinta kilos á cabeça, sem um máo pensamento.

Passam sete prisioneiros, em fila, ligados um ao outro, por uma corda atada ao pescoço. As sete cabeças negras parecem sete grandes nós feitos na corda. Mais tarde, soube que iam acompanhados por um soldado indigena: este se havia adeantado e os prisioneiros o seguiam a uma distancia de cncoenta kilometros."

A ESTRADA DE FERRO

Albert Londres narra o que foi, na Africa, o drama allucinante da construcção de uma estrada de ferro, ligando, no Congo Francez, a capital Brazzaville ao porto de mar Ponta Negra. De uma a outra cidade, ha uma distancia de 500 kilometros.

"Firmou-se um contracto com uma empresa constructora. Dar-lhe-iam 8.000 negros, e elle asseguraria o resultado. Esta empresa se chamava "Companhia Batignolles". *Bakotas, bayras, linfondos, saias, mabakas, zindés* e *torangos* foram arrancados das suas meditações e enviados a "la Batignolles". Foi uma viagem estravagante. Os recrutados embarcavam em chalupas do tempo da nossa conquista. E como as chalupas indigenas não se destinavam ao transporte de viajantes, mas ao de mercadorias, eram de fundo redondo

Uns em cima dos outros, mettia-se nellas o carregamento humano, em numero de 300 ou 400 por chalupa. Os que iam no interior se afogavam; os que iam sobre a coberta, não podiam estar de pé nem sentados. Ademais, durante a travessia de vinte dias, iam cahindo negros na agua do Chari, do Sanga e do Congo. A chalupa continuava navegando, apesar dos accidentes. Se tivesse que deter-se para pescar todos os que cahiam na agua!...

Quando se approximava das margens, os ramos das arvores lanhavam as carnes dos que iam em cima. Sem abrigo, o sol e a chuva cahiam sobre elles, durante 15 dias. A embarcação andava por meio de lenha e os passageiros, como cura preventiva, recebiam saudaveis queimaduras.

Chegavam a Brazzaville. De 300, desembarcavam 270. A's vezes, até 80. E uma vez alli? Permaneciam na praia. Não se havia pensado em estabelecer um acampamento. Os sobreviventes formavam um rebanho. Ia começar a marcha a pé. A principio, elegeram-se os homens mais fortes. O animal era bom e não fraquejava senão á ultima hora. E, sem perigo algum, os capatazes podiam comprovar a solidez da sua pelle. Da dos pés, ninguem duvidava.

Podia-se proceder de outro modo? Sim. A prudencia, a justa comprehensão do esforço que se devia desenvolver, exigia que se enviassem os homens para Matadi, pela via ferrea belga e, uma vez em Matadi, que se transportassem, em um navio francez, a Ponta Negra, no que não se gastaria mais do que tres dias. Mas, não: iriam a pé! O tempo não contava e a vida tampouco. Trinta dias de mais, não valiam nada. Mas em 260 homens, 60 de menos, devia valer.

E o rebanho internava-se na espessura, até Mayomba, com as suas selvas crueis. Os viveres se distanciavam e se perdaim dos viajantes. Fome! Fome! Era o grito que se ouvia ao longo do caminho.

Ao sahir de Brazzaville, cada homem recebia 10 francos, e com elles se julgava que o negro poderia comer 10 dias. Ao partir da capital, um negociante vendia a cada preto, por dez francos, um pente de ferro. Porventura, sabiam os negros que não lhes iam dar de comer no dia seguinte? Não lhes deram e o negro que ainda não come ferro, não poude comer o pente.

A' UNHA

Já vi construir vias ferreas e já vi tambem o material que se dispõe para a obra. Aqui, tudo se reduzia ao negro. O negro substituia as machinas, os caminhões e até os explosivos. Para levar os barris de cimento de 200 kilos, não havia outro material além de um páo e as cabeças nuas dos negros. Entretanto, descobri, aqui, importantes instrumentos: o martello e a barra de ferro. Em Myaomba, abrimos tunneis com "um" martello e "uma" barra. Esgotados, mal tratados pelos capatazes, longe de toda vigilancia européa, enfraquecidos, desesperados, os negros morriam em massa. Os oito mil, fornecidos á empresa constructora, ficava reduzidos a cinco mil; depois, a quatro mil; dois mil, depois; e por ultimo, mil e setecentos!

Era preciso substituir os mortos, recrutar negros. Que succedeu? Isto: assim que um branco se punha a caminho, um grito resoava, de um ponto a outro do horizonte: — "A machina"!

Todos os negros sabiam que o branco ia recrutar homens e fugiam. "Vocês mesmos — diziam aos missionarios — nos dizem que o suicidio é peccado. Pois bem: ir á "machina" é correr para a morte". E refugiavam-se nas margens do Tchad, no Congo Belga, em Angola. E onde, até então, moravam homens, os recrutados não encontravam mais do que chimpanzés. A dignidade da raça humana teria soffrido muito se houvessemos construido a ferrovia Congo-Oceano com Chimpanzé. Por isso, nos lançámos á perseguição dos fugitivos. Nossos soldados indigenas caçoavam-nos como podiam. Chegou-se a exercer represalias. Varias aldeias foram "castigadas". Algumas escaparam a estes rigores, por haverem varios commandantes abraçado a causa dos negros contra os brancos.

Recrutados em taes condições, o material humano não podia ser de primeira qualidade. Como os meios de transporte e alimentação não melhoravam, a mortandade augmentou. As chalupas eram ossarios; os pontos onde se trabalhava, valas communs. O destacamento de Girbingui perdeu 70 % dos seus homens. O de Liknala Mossaka, que comprehendia 250, regressou com 99. De D'Uesso, no Sanga, sahiram 174 homens. 80 chegaram a Brazzaville, 69 ao logar do trabalho. Tres mezes depois, restavam 36!

Em todas as outras turmas, a mortandade era identica. — "E' necessario resignar-se a sacrificar 6 ou 8 mil homens — dizia o pró-consul Antonetti — ou renunciar á via-ferrea". O sacrificio foi muito maior. Até hoje, entretanto, não passa de 17.000 homens. E restam apenas, dos 500 kilometros, 300 por construir!..."

A JUSTIÇA NA AFRICA

Albert Londres descreve, nesta scena que elle presenceou, a justiça que se administra entre os negros. O interprete fala ao commandante:

"— Elle pergunta se o reconhecês, commandante.

— Quer caçoar?

— Diz que ha um anno lhe dissesete que fosse a Abecher...

(Faço um calculo rapido: uns 3.000 kilometros.)

— ...para reclamar uma divida de 300 francos.

— Que mais?

— Foi a Abecher. O devedor tinha morrido, quando lá chegou. E regressou, aqui, para communicar-te isso.

Seis mil kilometros.

— De onde é elle?

— De San.

— Ah! E' de San?... Pergunta-lhe se está cansado.

— Diz que não está cansado.

— Então, que volte a San, immediatamente. E' preciso levar este sacco ao commandante.

O interprete tomou o sacco e põe-no na cabeça do negro.

— Tu comprehendes? — diz-lhe. — Tu levar este sacco a commandante de San. Tu correr.

O negro parece estupefacto.

— Se tu não estás contente — accrescenta o interprete — te metteremos no *xilindró*.

O carcere! Todos os negros comprehendem esta palavra.

— Eu, contente — diz.

E com a carga na cabeça, se põe em marcha para um passeiozinho de 300 kilometros.

A ESCRAVIDÃO

A escravidão, na Africa, não está abolida, senão nas declarações ministeriaes da Europa, Inglaterra, França, Hespanha, Belgica e Portugal mandam os seus representantes á tribuna publica das Camaras, e dizem: "A escravidão está supprimida: nossas leis o provam". Officialmente, sim. De facto, não. Lembrem-se vocês! Ha, apenas, oito mezes, um telegramma de Londres annunciava que a Inglaterra acabava de pôr em liberdade, na Serra Leôa, 230.000 captivos. Então, existiam? Continúa havendo 230.000. Em lingua ingleza, os escravos de casa chamam-se "nolosos", que quer dizer: nascer na choça. São propriedades do chefe, como as vaccas e os outros animaes. O chefe veste-os e os alimenta. Dá-lhes uma ou duas mulheres. Assim, os casaes produzirão pequenos "nolosos". Antigamente, eram captivos de trafico. Mas a Europa supprimiu os captivos, quando, officialmente, supprimiu o trafico? Os escravos ficaram onde estavam, isto é, na casa dos seus compradores. O que fizeram foi mudar de nome, apenas: os captivos de trafego ficaram chamando-se captivos de casa. Nascem já "gabibi", que é como se denominam os filhos dos servos. São os negros dos negros. Os donos não têm direito de vendel-os, mas podem trocal-os. E, sobretudo, fazem-nos proliferar. O escravo não se compra, mas se reproduz. Uma "incubadora a domicilio". Deste modo, a escravidão se perpetua.

1 4 5 1

5

J U L H O

1 9 3 0

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

"CAÇADORAS BRASILEIRAS"
4º TORNEIO
J U L H O
E
A G O S T O

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO É CHARADA

TAÇA "MARIA — FLOR"

2.ª SERIE

RESULTADO DO N. 1440

DECIFRADORES

Totalistas

Chantecler, Roxane, N. Zinho, Nazilia C. dos Santos, Marquês de Castiglione, D. Carvalho, Datrinde, Neptuno, Alvasil, Dama Verde (todos da A. B. C., da Bahia), A. Garota, Barão de Dameirales, Conde e Condessa, Guy de Jarnac, Calpetus, Diana, Dapera, Etienne Dolet, Extre-Côos, Gavroche, Julião Riminot, Lakmé, Lago, Miravaldo, Maloyo, Neo-Mudd, Nellins, Ortrio Gama, Paracelso, Ruhtra, Seneca, Sezenem II, Sylma, Themis, Toryva, Visconde de Adnim, Yara, Zelira (todos do Bloco dos Fidalgos, Santos.)

OUTROS DECIFRADORES

Anhangá e Mr. Trinquesse (ambos de S. Paulo), K. Nivete, Alvasco e Violeta (todos 3 de Recife), 23 pontos cada um: Jubanidro (S. Paulo), 19: Arthano (S. Paulo), 16: Thalia (B. C. G. — Rio Grande), 12: Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana), 10: Anjoro (S. João d'El-Rey), 7.

DECIFRAÇÕES

176 — Espadachim; 177 Massambala; 178 — Malevado; 179 — Gaia-sciencia; 180 Terçario; 181 — Estopenta; 182 — Oarista; 183 — Ataqueiras; 184 — Manivela; 185 — Moab; 186 — Enxara; 187 — *Nulla* —; 188 — Marmore; 189 — Homem; 190 — Selago; 191 — Patureba; 192 — Valentado; 193 — Bailado; 194 — Olhadura; 195 — Sangralingua; 196 — Villar do Equador; 197 — Empunha o sceptro; 198 — Dar o quinze e fauta; 199 — A lima lima a lima; 200 — Por São Mathias pega nos bois e lavra com Deus.

* * *

4.º TORNEIO DE 1930

CAÇADORAS BRASILEIRAS

JULHO E AGOSTO

Premios: para 1º, 2º e 3º logares; 1, para quem conseguir mais de dois terços dos pontos até 1 ponto menos que os do 3º logar; e 1, para quem fizer mais da metade até dois terços. Para o calculo dos dois ultimos premios tomar-se-á por base os pontos exactos obtidos pelo vencedor do 1º logar.

Dic. adopt.: Fons. e Roque. (2 volumes); A. M. Souza (2 volumes:); J. Seguier. S. da Fons.; Cand. Fig. (Red.); Synon. de Band.; S. Bastos; Antº Delicado.

Iniciando, hoje, o torneio "*Caçadoras Brasileiras*", temos cumprido a promessa que fizemos em numeros anteriores.

E' nosso intuito publicar, sómente, artigos elaborados pelas proprias senhoras charadistas; mas teremos esse prazer? Conseguiremos tal intento?

Tudo depende do interesse que tomarem as distinctas collaboradoras do nosso quadro de charadistas.

Até 23 do mez findo, tinhamos, em pasta, artigos sufficientes para 3 numeros; é preciso que esse stock cresça para os 6 restantes, sendo que cada secção semanal deverá ser constituida por 25 artigos charadisticos.

Temos 5 enigmas desenhados; de mais 4, portanto, ha mistér.

NOVISSIMAS

1 e 2

3—1—*Quem anda atraz de* alguem, falemos sem *pezar*, tem, apenas, *bajulado*.

2—1—*Prugueje* até dizer "*basta*"! e depois coma *peixe bem miudo*.

Angerona Angelica (A. B. C. — Bahia)

3 e 4

3—1—Este homem não *alquebra* nem a pau, no entanto, "*nota*"-se que elle já está *caleando*.

2—1—Elle *namora*; mas, é *pena*, acaba sempre *troçado*.

Aventureira (Bahia)

5 e 6

2—2—*Desce*, quando quer, mas é *cousa difficil*; por isto eu "*parto*"

2—1— Chantecler vive a *resmungar* até o "*sol*" se pôr!... No entanto não *escreve mal*.

Clara Déa (A. B. C. — Bahia)

7 a 9

3—1—Esta mulher *inutilisa* sem *pezar* o documento *que não teve exito*.

3—1—Elle *passa*, mas "*nota*"-se que o tempo já está todo *decorrido*.

3—1—*Prepara*-se, agora, a "*nota*" do que foi *disposto*.

Dama Verde (Bahia)

10

4—1—Elle é justo e *crê*, porém, que pena! não é como elle pensa: um "*illuminado*".

11

2—2—O meu "*protector*", quando esteve no "*Rio*", dizem que andou na "*ponta*".

Nazilia C. dos Santos (A. B. C. — Bahia)

11 e 12

2—1—2—Quando *escrevo em prosa*, nem por ser isto *cousa insignificante*, deixo de encontrar *obstaculo* para fazer uma bonita "*figura*".

2—1—Grande massa de povo dispersou-se por "*causa*" da *pancadaria*.

Roxane (A. B. C. — Bahia)

2—1—*Logarejo* com bom *clima* ha de *crescer*.

Sertaneja (T. P. — Floriano, E. do Rio)

3—2—São Paulo orgulha-se do seu progresso *actual*, na *memoria* de seus antepassados e no proseguimento digno dos seus filhos de *hoje*.

Therezinha (S. Paulo)

4—1—A *desatenção*, "*nota*"-se que é propria do *relaxado*

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

ENIGMAS

17

Duas partes tem o todo
Afim de não complicar.
Não é preciso denodo
Pois é facil decifrar.
E' conferir parte prima
E transferir a segunda,
Assim a gente se anima
Porque não ha barafunda.
.. ..
Para o todo descobrir
E' inutil se *affligir*

Dyla (Rio)

18

De diante para traz
Ou de traz para diante,
A' "*cidade*" de La Paz
Dá na mesma variante.

Nazilia C. dos Santos (A. B. C. — Bahia)

19

(A. A. B. C.)

No centro do jogo
Um porco se via;
Não sei se verdade
Ou *logro* seria

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

20

(A. A. B. C.)

Lá na parte que é central,
Vê-se bem que é derradeira
A primeira do total,
Que *plinthо* é queira ou não queira.

Aventureira (Bahia)

* * *

CHARADAS

21

— "*Sorte-te!*" alma sem tento—3
Diria o 74 à Morana,
Por "*causa*" de um meneio—3

Doce feito de banana

Roxane (A. B. C. — Bahia)

22

(A' gentil confreira Roxane, agradecendo a parte que me toca, no seu trabalho n. 22 do Malho 1446.)

O teu sobrinho me *estorra*,—3
Diz a meu mano Anacleto:
"*Nota*" que como é traquina—1
Fico de nervos, *repleto*.

Diana (B. dos F. — Santos)

LOGOGRYPHOS

23

(A's minhas colleguinhas)

Noite de baile, de amor, de illusão!
Amplo o salão de baile illuminado—9—2—10—8—3
De *luzes*, com *prestigio* e ostentação!—7—5—6—3
Muita gente *catita!* No tablado—9—2—8—4
Ha uma orchestra em *franca* execução...—6—3—1—5—6
Os espelhos refletem, bem alliados
Ao liso assoalhado do salão,
— Qual um espelho assim todo encerado. —
Os pares, ternamente entrelaçados,
Dansam interpretando a orchestração!
Refletem, outrosim, nos lapidados,
— Multiplicando os raios — o clarão,
Que, descendo dos lustres alumiados
Entorna claridade em profusão!...
O ar mui tépidamente perfumado
Traz á lembrança as noites de verão...
No emtanto pelos vidros embaçados
Vê-se lá fóra a densa cerração...
As mamães, as titias, estão sentadas
Frente a mesas em volta do salão...
Rapazes, os papais, na sala ao lado,
Fumam, criticam, falam de eleição...
Mas eu, do meu *logar*, com mui cuidado,—6—3—1—5—6
Fazendo vou estas observações.
A quem? ao meu irmão? ao meu cunhado?
Não. *Mexerico* só com meus botões.

Therezinha (São Paulo)

24

(A's distinctas collegas que vão disputar este torneio)

Mal me envolve ainda o crepusculo matutino,
E já esta minha em surtos transitorios,
Procura divisar, no além paradisiaco,
Vivos esplendores pra nós tão meritorios.
"*Depois*" quando ao luzir do dia refulgente—4—1—8
Volver o meu *espirito* ás cousas terreaes,—5—4—3—6—10
Eu verei "*em vez de*" magnificos esplendores—1—7—10
Tristeza só, a ingratitude e *nada* mais.—3—2—3—2—8

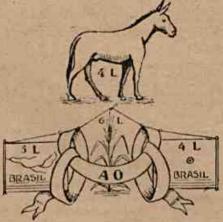
Penso que se não cantassem as avesinhas,
Se nesta "*terra*" não houvessem criancinhas,—5—4—10
Nem flor que um perfume pudesse defluir,
Seria bem melhor deixarmos de existir,
P'ra gozarmos então além, no *Paraizo*,—9—4—10
Uma vida melhor de "*festas*" e de riso.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

* * *

FIGURADO

25

(A Nazilia C. dos Santos)

Angerona Angelica (A. B. C. — Bahia)

PRAZOS

Terminarão: a 24 e 29 do corrente e a 4, 6, 8, 13 e 18 do mez de Agosto proximo.

O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima: o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim aos do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados, o setimo aos de Portugal, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações reativas aos premios recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro da metade dos respectivos prazos.

VISITA DE UM CHARADISTA

Esteve entre nós, durante alguns dias, o distincto charadista bahiano *Chantecler*, bastante conhecido e respeitado no meio edipico.

Fez-nos entrega de uma bella estatua da *Fama*, um bronze artistico, que elle, em nome da A. B. C. da Bahia, da qual é, com justiça, seu digno presidente, destinou ao campeão official d'*O Malho*, em 1930.

E' uma peça magnifica que se recommenda não só pelo seu valor artistico pois relembrará, perennemente, uma lucta como pela alta significação, que encerra, homerica, travada entre os paladinos da Arte Charadistica Nacional, paladinos que, vencedores ou vencidos, ficarão sempre com direito á nossa e á admiração geral por se haverem tornado dignos de honra e de memoria.

O Malho, sensibilisado pela offerta e pelo significativo gesto, muito agradece á Associação Bahiana de Charadistas (A. B. C.) e ao seu estimado presidente; e faz votos pela felicidade e progresso da novel associação bahiana.

Habituados como estamos, á amavel e captivante prosa de *Chantecler*, foi com immensa saudade que o vimos partir a 27 do mez findo, pelo *Aratimbó*, em demanda dos seus pagos, onde o esperam, com grande anciedade, uma esposa exemplar, a nossa prezada confreira *Roxane*, e dois filhinhos mimosos, o Carlito e a Maria — Flôr, esta muito conhecida e citada no nosso meio, onde figura como paranymphadora do Torneio, que traz o seu nome.

A estas horas, já deve ter chegado ao seu destino. Pois bem, que tenha feito bôa e feliz viagem são os nossos melhores desejos.

CAÇADORAS BRASILEIRAS

Tulipa Negra, Roxane,
Clara Déa, Aventureira,
A *Dama Verde, Angerona,*
Zizinha é nossa confreira

D. *Nazilia dos Santos*,
Com talento e galhardia,
Formam esse "bello sexo"
Pansophista da Bahia.

Sertaneja, de Floriano
Sae do matto, do sertão,
Para fulgir seu talento,
Entre as moças da secção.

Thalia aqui representa
Cheia de "graça", taful,

O espécimen feminino
Do Rio Grande do Sul

Lakmé, Zelira, Yara,
São as nossas feministas,
Representam as "fidalgas"
Da nobre terra Santista.

A Garota que é garota,
Garota como ninguem,
E' querida entre os "fidalgos"
Por ser "fidalga" tambem.

Na caçada é bem terrivel
Diana, nos deixa tontos!...
Muitas vezes num só tiro,
Ella mata... cinco pontos!!!

Mui nobre *Guy de Jarnac*,
Condessa, se faz favor,
E' tambem do Bolco amigo,
Precioso ornamento-mór!

Num trio bem feminino,
— As flores de nossa arena —,
A M. Lia, Violeta,
Roceirinha Nazarena,

Elevando esta nossa Arte,
Honrando bem Pernambuco,
Ellas luctam pela terra
Do grande Joaquim Nabuco!

Emquanto *Ulrica* nos traz
Aqui neste *Album* querido
Do Rio a amostra sensivel
Do seu talento escolhido,

Eu, desta terra querida,
Da Terra dos Bandeirantes,
Saúdo cordialmente,
As amiguinhas distantes

Thereзinha (São Paulo)

BIBLIOTHECA DO ALBUM DE ŒDIPO

Recebemos os numeros 515 e 516, de 29 do Maio, e de 5 de Junho ultimos, da revista lisboeta *A. B. C.* Na ultima, ha umas palavras bondosas de *Matuto*, director da secção — *Fritura de Miólos*, a nós dirigidas, que, sensibilizados, agradecemos.

REPETIÇÃO DE UM TRABALHO

No *O Malho* 1446, sahiu errado um trabalho de Neptuno: a charada 31. Como não tivesse havido correcção, até então, achamos mais conveniente publical-o de novo, dando 8 dias de prazo a partir do recebimento do numero, que entra, hoje, a circular.

Eis o trabalho:

O chefe da *exportação*—2
Ficou a olhar a "cimalha".—2
Não se distrahe quem trabalha
A prova temos agora
Sua barca pelas aguas
Foi "*levada para fóra*".

Neptuno (A. B. C. — Bahia)

CORRESPONDENCIA

Diana, Zelira (do Bloco dos Fidalgos), *Angerona Angelica* e *Clara Déa* (da A. B. C., Bahia), *Violeta* (Recife), *Dyla* (Rio) — Recebidos os trabalhos para o "*Caçadoras Brasileiras*".

Etienne Dolet (Bloco dos Fidalgos), — *Pedro K.* (Bom Jesus de Itabapoana) — Recebidos os trabalhos para os torneios communs.

Julião Riminot (Blocos dos Fidalgos, Santos — Recebidos os trabalhos para os torneios communs.

Violeta (Recife) — Não temos o logogrypho a que se refere.

Guiomar Alves de Carvalho e *Elviro Caetano de Carvalho* (Franca, S. Paulo) — Cumprimentos pelo nascimento do *Antonio*, futuro legionario do exercito de Œdipo. Que o pequeno seja muito feliz, são os votos que fazemos.

ERRATA

Do n. 1450

Novissima 100: é — 2 — o primeiro algarismo quasi apagado. *Enigma*, 107: o — Não embaço —, do ultimo verso, não deve ser gryphado. *Enigma*, 109: é — duas — e não— quarta — (terceiro verso); o

ponto e virgula do mesmo verso deve desapparecer. *Logogrypho,* 119: o — "*jogo*" — do sexto verso deve ser tambem gryphado: 4, 4, e 4, são os ultimos algarismos, quasi apagados, do 1. 5º e 6º versos, successivamente. *Figurado* 120*; de Pan: como neste figurado, alguns symbolos estão com o numero das letras mal impressos, declaramos que o primeiro tem 7 L e Q preto no corpo; o 12º, 5 L; o 14º 3 L, mas ás avessas; o 15º, 2 L. Logo abaixo: Lusiadas e não Lusiados. Os figurados 121 e 122 pertencem ao Campeonato. *Enigma,* de Julião Riminot: — *mofrejo* — deve ser gryphado (ultimo verso). Os erros que se encontram na "De Janela" estão ao alcance do leitor. *Errata,* do n. 1449: — mancharā — e não — macharā — (Nono verso).

Marechal

Cantico do crepusculo

Que a noite caia, que a luz succeda á treva... Que importa? Venha descendo nesse crepusculo triste, o véo negro das sombras... Entardecer de inverno... No alto, além, nos céos infinitos, piscam em arrepios de melancolia e saudade minusculas estrellas, primeiras scintillações na noite que chega... Que importa venha este scenario envolver a minha alma e abysmal-a no tedio e na tristeza?

Pensarei em ti, visão grandiosa que me envolves desde muito, o viver de sonhos e dissabores... Arte, arte divina que ao mundo vieste trazer ao homem revelações do céo, pensarei em ti, nos teus segredos magestosos e puros, nos mysterios do teu existir.

E depois adormecerei recordando aquelle perfil que certa noite em um jardim lobriguei sob as arvores de copos leves e rendilhados.

Tão bella e tão pura!
Tão serena, tão casta!

Tão meiga, aquella creatura! E por que a encontrei? Céos! Eu, condemnado, talvez, como Eurico ao celibato. Ali estava aquelle que, logo ao apparecer, despertou um affecto tão intenso, tão alviçareiro... Adormecerei recordando a visão suave e meiga até que o somno venha... Sob as azas de Morpheu repousarei das ansias e das scismas... As estrellas piscam.. Ao longe, um violino geme, soluça, nomes saudosos, enevoado... Entardece, a noite avança... Quantos crepusculos assim virão, quantos invernos, trazendo a nostalgia á minha alma orphã de affectos? Quantos? Que importa? Dure para sempre esse crepusculo e pensarei em ti, arte, divina e naquelles olhos amendoados e ternos! A noite avança... As estrellas tremeluzem numa esteira infindavel...

JOAQUIM CRUZ

J O Ã O   D U R O

Era domingo.

João Duro vestiu a fatiota de "ver Deus" e colou aos calcanhares as chilenas retinintes. Colou-as e, virando-se para *siá* Rosaria, velha cosinheira da fazenda, perguntou convencido:

— Que tal? Sou ou não um caboclo vistoso, de deixar as pequenas de queixo caido?

— De trazer agua á bocca. Ah meu tempo!... lamentou suspirosa a cincoentona.

— Por este sol que nos alumia, uma coisa eu lhe digo, minha bôa velhota: hoje, ou o pae da Tutinha me dá o "sim", ou viro aquelle *torra* de pernas pro ar.

— Cuidado! menino. Não metta a mão em casa de maribondos. Olhe que aquella gente não é sopa. Quem chega alli arrastando *cacaia*, estrepa.

— Mas eu honro meu nome. O que aquella gente é — não exaggero — é uma sucia de covardes. Só ataca em bando. Joaquim Munheca, chefe da tropa, vale alguma coisa, sómente quando está de costas quentes.

Sozinho, é um almoço fraco pra mim. Ora o maneta! — E o Coringa, o Corta-Pão, o Sete-Voltas, o Chiquenote?...

— O resto da manada *cae na aragem*, como continuandeo. Basta que eu risque com a *azeitona* do meu revolver a pança de um delles. Eis a verdade.

E João Duro, segurando curto as redeas do seu baio, saltou-lhe rapido ao lombo e berrou:

— Inimigo! *Relampago*.

E o solipede esgalgado com aquelle aspecto enganoso de cavallo touxo, cresceu alto nos pés, e bufava e saltava e escouceava, como se lhe houvesse atravessado o couro uma centena de dolorosissimos ferrões de mangabas furibundos.

João Duro partiu para o arraial.

Vel-o montado era ver um boneco de engonço a requebrar-se todo na sella, empavezado, pachola, bancando o importante. A cada momento voltava o rosto escaldado, para melhor observar a sua silhueta movediça, a projetar-se na estrada poeirenta, á margem de um ribeiro.

Supremo gozo cavalgar o ardego e nobre *Relampago*, bater certinho para o arraial e, ali, contemplar embevecido aquelle palminho de rosto da Tutinha, a menina mais *linda* e mais elegante daquellas beiradas. Ah! aquelle andar de rola ao longo dos caminhos... Aquella tez da côr de lombo assado... Os olhos della, tintos no cosimento das cascas de brauninha... Deus do céo! Que tentação!

Maldita a noite em que a vio, a vez primeira, na Igreja do Rosario, por occasião de uma reza do mez de Maria. Desde então, não teve mais socego.

E o pae daquelle diabinho de saias não o queria para seu genro! Reservava-a para o Caetaninho Carneado, um *catatáo*, que se dizia alfaiate, mas não passava de remendão. Amarello que nem cêra de carnauba, de tanto passar as noites em serenatas, o que elle sabia era repinicar o pinho e, com sua voz esganiçada perturbar o somno daquella gente.

Não podia tratar de si e queria tomar estado!...

Um convencido.

Ao passo que elle — João Duro — se não era lido, era corrido. Além disso, caboclo desatrancado no cabo da ferramenta, nenhum serviço lhe causava nojo. Credito, bastava chegar um recado seu á venda do Bentoca. Dinheiro, já possuia o bastante, para a compra de um sitio rendoso.

Que mais pretenderia o velho empacador?

Chegando ao largo do Cruzeiro, a primeira coisa que João Duro viu foi o palminho de rosto da sua Tutinha adorada. Pareceu-lhe a jovem ainda mais bella naquelle dia, a ostentar leve e discreto vestido de casa, cujo decote deixava a descoberto apenas uma nesgazinha de peito a arfar.

Mas, um pouco além, na esquina, estava postado o remendão azarento. João Duro percebeu-lhe bem a intenção. Vivia o tolo a tentar uma revira-volta no coração da moça.

O cavalleiro apeou e, dirigindo-se ao rival, inquiriu:

— Siô Caetaninho ignora que o de quem ella gosta sou eu? Pra que, moço, vancê se *astreve* a atravessar no meu caminho?

— Deixa de ser trouxa, seu assassino de minhocas. Vê lá se aquelle peixão é capaz de sujar-se nas tuas aguas?

— Atrevido.

— Capião.

João Duro segurou-o pela gola do paletó e, servindo-se do cabresto da sua alimaria, amarrou-o de pés e mãos ao esteio do chafariz.

Parecia de alcatêa o bando do Munheca. De todos os lados surgiram os mastins da malta.

Mas João Duro, de pasmosa destreza, com um tiro certo do seu Colt 44, pôz logo fóra de combate o cabecilha do grupo traiçoeiro — o terror e algoz de quantos forasteiros procuravam aquellas rudes encostas. Em seguida, galgou de um salto o lombo do seu fogoso corsel e, guela escancarada uivou:

— Inimigo! *Relampago*.

Pinotes e patadas, saltos e coices a torto e a direito e os seguidos disparos daquillo que cospe fogo, em pouco faziam debandar os caceteiros do Munheca. Ficou deserta a praça. Só a Tutinha, de uma das janellas, a bater palmas, applaudia o heroismo do seu eleito. Caetaninho, livido, olhos estetelados, permanecia preso ao esteio do chafariz.

João Duro contemplava com ar de mofa o resultado daquella proeza de arrepiar cabellos, quando, ás suas costas, inopinadamente rangeu um velho e carcomido portão. Uma senhora desconhecida surgiu no limiar.

— Moço, gostei da sua valentia. Era mesmo preciso dar brio áquella cainçalha. Por esse beneficio, vancê vae ter a recompensa de um cafézinho gostoso, acompanhado de uns bolinhos tambem deliciosos.

— E a hora é apropriada, *siá* dona. Mas eu quero antes um copo dagua. Faça o favor... Estou secco. Prefiro a do poço, lá ao fundo do quintal. E' mais fresca.

Caboclo dos olhos limpos e desconfiado, João Duro, emquanto a attenciosa dama foi buscar-lhe a agua fresca, puxou da longa faca de aço reluzente e mergulhou-lhe a lamina no liquido do bule. Retirou-a algum tempo depois e, observando-a bem, verificou que a parte, que penetrara no café, se cobrira de uma camada escura, caracteristica.

— Mulher, quando dá pra ser ruim, é mil vezes peor do que um homem ruim, disse de si para si o Duro. Mais traiçoeira do que a bolpeva.

Quando ella lhe passou o copo, o caboclo objectou:

— Uma imprudencia eu, com o corpo banhado de suor, beber esta agua gelada. Constipação certa. Vou preferir o cafézinho quente. Exijo, porém, que *siá* dona, antes de mim, tome delle uma tigela macota.

— Não posso. Estou tomando *meiapathia*, e esse remedio prohibe o uso do café. Todo mundo sabe... Não é certo?

João Duro não esteve pela historia e, arrancando da faca, impoz:

— Uma de duas, ou bebe esta tigelada de café, ou boto-lhe as banhas pra fóra.

A mulher não lhe resistiu á ameaça e, dentro em pouco, contorcia-se em dores atrozes, golfando, ao mesmo tempo, um liquido negro e pegajoso. Causticava-lhe o estomago o mais popular dos toxicos, o famoso *sarnão*.

João Duro cutucou as chinelas no baio magro, bem rente á janella onde se debruçára a sua Tutinha feiticeira, em todo clandestina.

— Menina, seu pae é empacador. Pula depressa a esta garupa. Lá adiante, havemos de achar um padre que abençoe a nossa união.

E — está bem visto — a menina pulou.

* *

Um ostentoso sol de verão inundava de intensa luz e escaldante calmaria aquellas rudes encostas.

Parecia hypnotizada a natureza, tal a quietude ambiente.

Apenas o piso do possante e fogoso equideo retumbava pela estrada poeirenta, marginada pelas roças de milho, catingaes e capoeiras ramalhudas.

THEONILO CARNEIRO

Juiz de Fóra

VOCABULARIO

Torra — pequeno arraial ou povoado.
Cacaia — valentia.
Cahir na aragem — desapparecer.
Catatáo — pygmeu.
Assassino de minhocas — capinador.
Meiapathia — homeopathia.
Macóta — grande.
Aquillo que cospe fogo — qualquer arma de fogo.

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editadas pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

VINGANÇA DE ARRIEIRO

(EPAMINONDAS MARTINS)

(Conclusão do numero passado)

tranhas sensações. Arrancar os olhos de um homem e deixal-o aos trambolhões na estrada sem saber o caminho... é impagavel, não é? — soltou uma gargalhada a contorcer-se no tamborete. — Cortar as orelhas, o nariz de um camarada... Um homem sem nariz e sem orelhas.... Deve ser muito bonito... Estrangular uma creança, matar uma mulher, heim! — Sorria, sorria... um sorriso nervoso, infernal, lugubre. — Você é um homem heróe Bento Canho. Tem sabido gosar a vida, sim senhor.

Ficou alguns momentos gosando satanicamente a humilhação do adversario, a encaral-o com uma expressão quasi amorosa.

— Mas você não conhece o prazer de uma vingança, a delicia da desforra.

Os olhos do bandido arregalaram-se injectados de sangue; quiz articular umas palavras, mas a voz estrangulara-se-lhe na garganta. Todo o seu corpo vibrava, latejavam-lhe as temporas, ruga soturno, musculos retesados como se a querer arrebentar as cordas. Pela tez acobreada do rosto contrahido em expressão de terror bagas de suor desciam.

— Covarde!

Fulgencio ria, um riso cacarejado, guinchado, longo, terminando em ruido rascante.

— Isso! Justamente! Eu sou mesmo um covarde... Eu quero mesmo ser um covarde hoje! Covarde! E que tem sido você mais que um covarde? As suas trinta mortes, são trinta covardias. Eu vou mostrar a você que covardia não é vantagem. Póde se jogar á vontade. A corda é forte e eu sei amarrar potros bravos. Você só é que tem direito de ser covarde? — e reflectindo: — Diabo! você está até me fazendo esquecer do "Mimoso". — Atravessou a cozinha, ganhou o terreiro e poucos momentos depois voltava com a sella debaixo do braço e o freio na mão. — *As barras vêm quebrando,* Bento Canho. O pobre do animal está *desbarrgado!* Viajão do inferno!

Voltou á porta, pôz os dedos na bocca, soltou uns silvos caracteristicos. A cainçalha surgiu assanhada, ladrando, entrou pela cozinha a dentro.

Bento Canho arregalou os olhos, horrorizado.

— Por amor de Deus!

— Calma, rapaz. Tem tempo! Elles não fazem nada sem a minha ordem — e a sorrir sempre — Você já viu cachorro comer gente viva? Deve ser engraçado! Já?

— ?!...

— Pois vae ver hoje.

Sumiu-se para o interior da casa, voltou armado como um arsenal: Uma faca, uma navalha, um facão, um machado. Poz tudo aquillo em frente da victima. Falou então a sério, num tom solemne.

— Bento Canho, eu jurei que havia de matal-o, pical-o em pedacinhos...

— !?...

— ...e ver os cachorros comerem-no.

— ?!...

— Creio que é a coisa mais facil deste mundo, não acha? Vou matal-o lenta, fria, barbara e covardemente. Matar só não tem graça; é preciso que você soffra, saiba que morre. E' preciso que você saiba que sou eu, Fulgencio, o marido da Constancia e pae de Betinho quem o mata. Tenho contra você, accumulados, o odio de um pae extremoso, o rancor de um esposo amantissimo e a raiva de um amante ciumento. Matal-o-ei sem a menor piedade, como quem mata uma cobra, e não ficarei com o menor remorso. Pois quem mata uma cobra fica com remorso? O prazer que a sua tortura vae me proporcionar é indizivel; por isso vou prolongal-a, saborbeal-a aos poucos, como quem degusta uma bebida deliciosa. — Falava com emphase, repetindo talvez logares communs dos romances de capa e espada lidos, ha tempos.

Abriu a navalha, acariciou-lhe o gume com a mão espalmada, premiu a cabeça do bandido vigorosamente contra o esteio, cortou-lhe magistralmente as orelhas, atirando-as aos cães; encarou o bandido, sorrindo pavoroso, horrendo.

— Engraçado, não é?

Bento Canho soltava gritos esganiçados, uivos de dôr. Com mais um golpe Fulgencio decepou-lhe o nariz, depois, vagarosamente, acompanhando com o olhar as mudanças das expressão physionomicas de Bento, os dedos dos pés, das mãos. A cainçalha assanhada disputava, aos latidos e abocanhando no ar, aquelles pedaços de carne ainda quentes, arrancados ao individuo vivo. O sangue empoçava em coagulos pelo chão. Fulgencio recuou a contemplar o trabalho, orgulhoso, vestes tintas, mãos vermelhas, olhar de louco, sorriso de um demonio no delirio da perversidade. Bento Canho, horrendo, deformado, como uma posta de carne, sangrava por todos os lados. Fulgencio avançou de novo, com um humorismo selvagem, rasgou-lhe em lanhos a bocca para a direita e para a esquerda, fazendo uma bocca enorme, depois, cortando-lhe com arte os beiços. Um sorriso macabro aflorou na face da victima, dentuça á mostra, carantonha pavorosa, pelle esburgada em alguns logares. A' medida que o céo alvorecia Fulgencio mais se requintava em hediondez e crueldade. A victima, já sem sentidos, não dava signaes de vida e o artista sinistro continuava modelando uma monstruosidade em carne viva. Agia mecanicamente, num automatismo demoniaco. Com um golpe de facão cortou as cordas e o corpo baqueou soturno no chão...

Sentou-se no tamborete, a contemplar a sua obra. Já não era o mesmo homem; o sorriso era outro — um sorriso imbecil de energumeno, com rugidos de féra insaciada, olhar desvairado, roupas esfrangalhadas, ensopadas de sangue, soltando palavras desconnexas, proferindo imprecações, numa lingua desconhecida, numa como reviviscencia do atavismo selvagem das bestas das cavernas.

Num novo accesso de raiva, mordendo os beiços, monstruoso, pinchou de novo sobre aquella ruina humana, facão em punho, golpeando a torto e a direito, rugindo, trincando os dentes, impando. Mas aquella cara horrenda... aquella cabeça horrenda do bandido ainda parecia sorrir com escarneo. Decepou-a do corpo, metteu os dedos por entre a basta cabelleira, suspendeu-a bem alto...

.. ..

OS trabalhadores do coronel Leal, que passavam de enxada ao hombro para o serviço pela manhã, recuaram horrorizados. Fulgencio surgia-lhes pela frente como um louco, todo ensanguentado, como um demonio fugido do inferno, empunhando o lugubre despojo.

— Êh... gente! Vocês conheceram o Bento Canho? Olhem a cabeça delle. Vocês conheceram, hem?!

VINHO E XAROPE DE DUSART

de Lactophosphato de Cal

O XAROPE DE DUSART é receitado a todas as amas de leite durante a criação, ás crianças para fortalecê-las e desenvolvê-las, assim como O VINHO DE DUSART é receitado para a Anemia, cores pallidas das donzellas, e ás mãis durante a gravidez.

PARIS; 8, rue Vivienne e em todas as pharmacias

CHAGAS SYPHILITICAS

Manoel Carneiro de Carvalho

Attesto que soffrendo ha muitos annos de CHAGAS SYPHILITICAS e usando varios medicamentos só vim a ficar bom com o uso do poderoso depurativo do sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico Sr. João da Silva Silveira.

Recife, 11 de Outubro de 1927.

Manoel Carneiro de Carvalho

(Firma reconhehcida)

Confirmo o attestado supra. Recife, 12 de Outubro de 1927. — *Prof. Dr. Luis de Góes.*

LICENÇA N. 511, DE 26 — 3 — 906

Com optimos resultados

O sr. capitão Luiz José de Siqueira, abastado negociante, diz:

"Estação do Cerrito, 9 de Junho de 1917. — Sr. pharmaceutico Eduardo C. Siqueira — Pelotas.

A bem da humanidade soffredora, a quem busco prestar um serviço, tenho o grato prazer de communicar-vos, para que publiqueis, que fiz *uso com optimos resultados* do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, no tratamento de bronchite asthmatica de que fui curado.

Aconselhando a diversas pessoas o uso do mesmo remedio miraculoso, não só para combater a bronchite como a influenza, tendo tido prazer de apreciar os brilhantes resultados obtidos. O medico dr. José Domingos Boeira, por sua vez, em sua clinica, tem tratado muitos enfermos das vias respiratorias com o abençoado PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, remedio efficaz e muito procurado tem sido em minha casa de negocio, onde sempre costumo tel-o, porque seu uso tem sido infallivel. Assim, pois, congratulando-me comvosco pelos brilhantes resultados obtidos com o uso do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, de justa nomeada e bem merecida confiança, subscrevo-me.

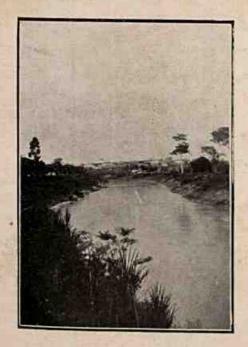
De v. s. atte. e obr. — *Luiz José de Siqueira*

Confirmo este attestado. *Dr. E. L. Ferreira de Araujo.* (Firma reconhecida).

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito geral: Drogaria Eduardo C. Siqueira — Pelotas.

Assaduras sob os seios, nas dobras de gordura, na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis, etc., saram em tres tempo com o uso do Pó Pelotense. (Lic. 54, de 16—2—918). Caixa 2$000 rs. na Drogaria PACHECO, 43-47, Rua Andradas — Rio. E' bom e barato. Leia a bulla. Formula de medico.

"O MALHO" NOS ESTADOS

ONDE TERMINA O BRASIL E COMEÇA A BOLIVIA

Missa campal em Brasilia com a presença de autoridades brasileiras e bolivianas.

◈ ◈ ◈

As cidades de Cobija e Brasilia, Brasil.

◈ ◈ ◈

Monumento a Simão Bolivar, na cidade de Cobija, Bolivia.

◈ ◈ ◈

O bispo de Maldonado e seu secretario, quando em visita ás cidades de Cobija e Brasilia, vendo-se tambem os vigarios de ambas as cidades.

Officinas Graphicas d'O MALHO